



# TRABALHAR BEM TRABALHAR POR AMOR

JAVIER LÓPEZ DÍAZ





# TRABALHAR BEM TRABALHAR POR AMOR

JAVIER LÓPEZ DÍAZ

TRABALHAR BEM,  
TRABALHAR POR  
AMOR

J. López Díaz

© Gabinete de Informação  
do Opus Dei

**VERSAO 1**

[www.opusdei.pt](http://www.opusdei.pt)



## ÍNDICE

Apresentação

Um motivo sobrenatural

Trabalhar com consciência

Trabalho e contemplação (I)

Trabalho e contemplação (II)

Trabalho de Deus

Santificar o descanso

O eixo da nossa santificação

Trabalhar por amor

Cruz e ressurreição no trabalho

Santificar com o trabalho

Unidade de vida na profissão

Santificação do trabalho e cristianização da sociedade

Prestígio profissional

Trabalho e família

A força do fermento

Trabalhar em todo o tempo

Jesus Cristo no cume de todas as actividades humanas

## APRESENTAÇÃO

Milhões de pessoas dirigem-se a cada dia para o seu trabalho. Algumas vão a contragosto, como que obrigadas, a uma tarefa que não lhes interessa nem lhes agrada. Outras importam-se apenas com o salário que receberão, e só isso lhes dá alento para trabalhar. Outras ainda encarnam o que Hannah Arendt chama «animal laborans»: o trabalhador sem outro fim nem horizonte que o próprio trabalho ao qual a vida o destinou e que realiza por inclinação natural ou por costume. Por cima de todas estas propostas encontra-se a figura do «homo faber», o que trabalha com perspectivas mais amplas, com a preocupação de desenvolver uma empresa ou projeto, algumas vezes procurando a afirmação pessoal, mas outras muitas com a aspiração nobre de servir os outros e de contribuir para o progresso da sociedade.

Entre estes últimos deveriam encontrar-se os cristãos, e não apenas em primeiro lugar, mas sim num nível superior até. Porque se são cristãos de verdade, não se sentirão escravos nem assalariados, mas sim filhos de Deus para quem o trabalho é uma vocação e uma missão divina que se deve cumprir por amor e com amor.

No seu famoso discurso no Collège des Bernardins em Paris em 2008, Bento XVI mostrou que o cristianismo possui a chave para entender o significado do trabalho, afirmando que o homem é chamado a prolongar o trabalho criativo de Deus com o seu trabalho, e que deve aperfeiçoar a criação trabalhando livremente, guiado pela sabedoria e pelo amor. Jesus, o Filho de Deus feito homem, trabalhou por muitos anos em Nazaré, e "assim santificou o trabalho, atribuindo-lhe um valor peculiar para o nosso amadurecimento"[1]. Tudo isso mostra que o trabalho é a "vocação" do homem, "lugar" para o seu crescimento como filho de Deus, mais ainda: "matéria" para a sua santificação e realização da missão apostólica. É por isso que o cristão não deve ter medo do esforço ou do cansaço, mas

abraçá-los com alegria: uma alegria que tem as suas raízes na forma de uma cruz.[2].

A última frase é de São Josemaria Escrivá, o santo que ensinou a "santificar o trabalho", transformando-o em nada menos do que "trabalho de Deus". As páginas deste livro estão inspiradas na sua mensagem. Mais ainda: inspiram-se no Evangelho, já que o que São Josemaria fez foi mostrar as palavras e a vida de Jesus, especialmente os anos que passou em Nazaré com José, de quem aprendeu a trabalhar como artesão e com Maria, que o serviu com o seu trabalho em casa.

Jesus, Maria e José aparecem na capa deste livro[3], que reproduz uma das cenas do retábulo em alabastro que se encontra no Santuário de Torreciudad (Aragão, Espanha), obra-prima do escultor Joan Mayné. O leitor pode contemplar nessa imagem tudo o que se dispõe a ler neste livro. Inclusive, se quiser, pode entrar aí como um a mais na família de Nazaré, porque também é filho de Deus, e essa casa e empresa é escola para aprender como se há de converter o trabalho em oração: em uma «missa» que dá glória a Deus, redime e melhora o mundo.

Agradeço ao Escritório de Informação do Opus Dei a iniciativa de recolher em um livro esses artigos que apareceram antes em sua página da internet. Não se pretendeu realizar uma exposição sistemática da mensagem de São Josemaria sobre a santificação do trabalho[4], mas sim oferecer um conjunto de textos sobre diversos aspectos do tema, que foram preparados para serem lidos separadamente. Por esse motivo, ao reuni-los, notam-se algumas repetições que, por outro lado, facilitam a leitura de cada texto. Um agradecimento especial vai ao doutor Carlos Ruiz Montoya por sua ajuda na elaboração dos artigos.

Oxalá estas páginas possam ajudar a descobrir – ou a redescobrir – o ideal de santificar o trabalho profissional, e também a buscá-lo com entusiasmo, sabendo que, enquanto trabalhamos, há um Pai que, do céu, se compraz em seus filhos e atrai a humanidade inteira para si.



*Javier López Díaz*

*Roma, 26.06.2016*

### **Voltar ao índice**

[1] Papa Francisco, Encíclica Laudato Si', 24.5.2015, n. 98.

[2] Josemaria Escrivá, Forja, 4<sup>a</sup> edição, Quadrante, São Paulo, 2016, n. 28.

[3] O autor se refere à edição original. (N. do E.)

[4] Para isso se pode consultar o volume três do livro de Ernst Burkhardt e Javier López, Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de san Josemaría, Rialp, Madri, 2010.

## UM MOTIVO SOBRENATURAL

Dizia São Josemaria que o espírito do Opus Dei recolhe a realidade formosíssima de que qualquer tarefa digna e humanamente nobre, pode converter-se num trabalho divino.

A vida de muitas pessoas deu uma volta ao conhecerem esta doutrina e, por vezes, por ouvirem falar de *santificação do trabalho*. Homens e mulheres que trabalham só com horizontes terrenos, de duas dimensões, entusiasmam-se ao saber que o seu trabalho profissional pode adquirir uma dimensão transcendente, com relevo de vida eterna. Como não pensar no gozo daquele personagem do Evangelho que ao encontrar um tesouro escondido num campo, foi e vendeu tudo o que tinha para comprar aquele campo?[1]

O Espírito Santo fez descobrir a São Josemaria este tesouro na doutrina do Evangelho, especialmente nos longos anos da vida de Jesus em Nazaré, «anos de sombra, mas para nós claros como a luz do sol»[2], «porque esses anos ocultos do Senhor não são algo sem significado, nem uma simples preparação dos anos que viriam depois, os da Sua vida pública. Desde 1928 compreendi claramente que Deus deseja que os cristãos tomem exemplo de toda a vida do Senhor. Entendi especialmente a Sua vida escondida, a Sua vida de trabalho corrente no meio dos homens»[3].

Graças à luz de Deus, o Fundador do Opus Dei ensinou constantemente que o trabalho profissional é realidade santificável e santificadora. Verdade simples e grandiosa que o Magistério da Igreja ensinou sobretudo a partir do Concílio Vaticano II[4] e recolheu depois no Catecismo, assinalando que «o trabalho pode ser um meio de santificação e de animação das realidades terrenas no Espírito de Cristo»[5].

«Com sobrenatural intuição» —afirmou João Paulo II— «o Beato Josemaria pregou incansavelmente a chamada universal à santidade e ao apostolado. Cristo convoca todos a santificarem-se na realidade da vida quotidiana; por isso, o trabalho é também meio de

santificação pessoal e de apostolado quando se vive em união com Jesus Cristo»[6].

O nosso Fundador foi instrumento querido por Deus para difundir esta doutrina abrindo perspectivas imensas à santidade pessoal de uma multidão de cristãos e para a santificação da sociedade humana a partir de dentro, ou seja, a partir da própria malha das relações profissionais que a configuram.

Esta semente dará os frutos que o Senhor espera, se nós pusermos o empenho necessário para a meditar na presença de Deus, a pusermos em prática com a Sua ajuda, porque a santificação do trabalho não é só uma ideia que basta explicar para que se aprenda; é um ideal que se procura e se conquista por amor a Deus, conduzidos pela Sua graça.

## **Sentido do Trabalho**

Logo no início da Sagrada Escritura, no livro do Génesis, se nos revela o sentido do trabalho. Deus, que fez boas todas as coisas, «quis livremente criar um mundo “em estado de caminho” para a perfeição última»[7], e criou o homem *ut operaretur*[8], para que com o seu trabalho «prolongasse de certo modo a obra criadora e alcançasse a sua própria perfeição»[9].

Como consequência do pecado, o trabalho é acompanhado de fadiga e muitas vezes de dor[10]. Mas ao assumir a nossa natureza para nos salvar, Jesus Cristo Nosso Senhor transformou a fadiga e a dor em meios para manifestar o amor e a obediência à Vontade divina e reparar a desobediência do pecado. «Assim viveu Jesus durante seis lustros: *era fabri filius* (Mt 13, 55), o filho do carpinteiro. (...) Era o *faber, filius Mariae* (Mc 6, 3), o carpinteiro, filho de Maria. E era Deus e estava a realizar a redenção do género humano, e estava a *atrair a Si todas as coisas* (Jo 12, 32)»[11].

Juntamente com esta realidade do trabalho de Jesus Cristo, que nos mostra a plenitude do seu sentido, temos de considerar que por graça sobrenatural fomos feitos filhos de Deus formando uma só coisa com Jesus Cristo, um só corpo. A Sua Vida sobrenatural é vida nossa e fez-nos participantes do Seu sacerdócio para que sejamos co-redentores com Ele.

Esta profunda união do cristão com Cristo ilumina o sentido de todas as nossas actividades e, em particular, o trabalho. Nos ensinamentos de São Josemaria, o fundamento da santificação do trabalho, é o sentido da filiação divina, a consciência de que «Cristo quer encarnar nos nossos afazeres »[12].

Toda esta visão cristã do sentido do trabalho, se compendia nas palavras seguintes: «O trabalho acompanha necessariamente a vida do homem sobre a terra. Com ele nascem o esforço, a fadiga, o cansaço, as manifestações de dor e de luta que fazem parte da nossa existência humana actual e que são sinais da realidade do pecado e da necessidade da redenção. Mas o trabalho, em si mesmo, não é uma pena nem uma maldição ou castigo: os que assim falam não leram bem a Sagrada Escritura. (...) O trabalho, todo o trabalho, é testemunho da dignidade do homem, do seu domínio sobre a criação. É um meio de desenvolvimento da personalidade. É um vínculo de união com os outros seres; fonte de recursos para sustentar a família; meio de contribuir para o melhoramento da sociedade em que se vive e para o progresso de toda a Humanidade.»

«Para um cristão, essas perspectivas alargam-se e ampliam-se, porque o trabalho aparece como participação na obra criadora de Deus que, ao criar o homem, o abençoou dizendo-lhe: *Procriai e multiplicai-vos e enchei a terra e subjugai-a, e dominai sobre todo o animal que se mova à superfície da terra*. Além disso, ao ser assumido por Cristo, o trabalho apresenta-se-nos como uma realidade redimida e redentora: é, não só o âmbito em que o homem vive, mas também meio e caminho de santidade, realidade santificável e santificadora»[13].

## Santificar a actividade de trabalhar

Uma expressão de São Josemaria, que saía com frequência dos seus lábios e da sua caneta, introduz-nos no esplêndido panorama da santidade e do apostolado no exercício de um trabalho profissional: «para a grande maioria dos homens, ser santo supõe santificar o próprio trabalho, santificar-se no seu trabalho, e santificar os outros com o trabalho»[14].

São três aspectos de uma mesma realidade, inseparáveis e ordenados entre si. Primeiro santificar —*fazer santo*— o trabalho, a actividade de trabalhar[15]. Santificar o trabalho é tornar santa essa actividade, fazer santo o acto da pessoa que trabalha.

Disto dependem os outros dois aspectos, porque o trabalho santificado é também santificador; santifica-nos a nós próprios e é meio para a santificação dos outros e para empapar a sociedade com o espírito cristão. Convém, portanto, que nos detenhamos a considerar o primeiro ponto; o que significa tornar santo o trabalho profissional.

Um acto nosso é santo quando é um acto de amor a Deus e aos outros por Deus, um acto de amor sobrenatural —de caridade— o que pressupõe, nesta terra, a fé e a esperança. Um acto assim é santo porque a caridade é participação da infinita Caridade, que é o Espírito Santo[16], o Amor subsistente do Pai e do Filho, de modo que um acto de caridade é um tomar parte na Vida sobrenatural da Santíssima Trindade, um tomar parte na santidade de Deus.

No caso do trabalho profissional, há que ter em conta que a actividade de trabalhar tem por objecto as realidades deste mundo — cultivar um campo, investigar uma ciência, proporcionar serviços, etc.— e que, para ser humanamente boa e santificável, há-de ser exercício das virtudes humanas. Mas isto não basta para que seja santa.

O trabalho santifica-se de facto quando se realiza por amor a Deus, para Lhe dar glória —e, conseqüentemente, como Deus quer,

cumprindo a Sua Vontade, praticando as virtudes cristãs informadas pela caridade— para o oferecer a Deus em união com Cristo, já que «por Ele, com Ele e n’Ele, a Ti, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória»[17].

«Dá um motivo sobrenatural à tua actividade profissional de cada dia e terás santificado o trabalho»[18]. Com estas breves palavras o fundador do Opus Dei mostra a chave da santificação do trabalho. A actividade humana de trabalhar santifica-se quando se leva a cabo por *um motivo sobrenatural*.

O decisivo não é, portanto, que *saia bem*, mas que trabalhemos por amor a Deus, já que é isto o que Ele procura em nós: *Deus olha o coração*[19]. O decisivo é o *motivo sobrenatural*, a finalidade última, a rectidão de intenção da vontade, o realizar o trabalho por amor a Deus e para servir os outros por Deus. «Eleva-se assim o trabalho à ordem da graça, santifica-se, converte-se em obra de Deus, *operatio Dei, opus Dei.*»[20].

## Qualidades do motivo sobrenatural

O *motivo sobrenatural* é sincero se influi eficaz e radicalmente no modo de trabalhar, levando a cumprir a nossa tarefa com perfeição, como Deus quer, dentro das limitações pessoais com que Ele conta.

O *motivo sobrenatural* que torna santo o trabalho, não é algo que simplesmente se justapõe à actividade profissional, mas um amor a Deus e aos outros por Deus que influi radicalmente na própria actividade, impulsionando a que se realize bem, com competência e perfeição, porque «não podemos oferecer ao Senhor uma coisa que, dentro das pobres limitações humanas, não seja perfeita, sem defeitos e realizada com toda a atenção mesmo nos aspectos mais insignificantes, porque Deus não aceita o que é mal feito. *Não ofereçais nada que tenha defeito porque não seria aceite favoravelmente* (Lv 22, 20), adverte-nos a Escritura Santa. Por isso,

o trabalho de cada um de nós, esse trabalho que ocupa as nossas jornadas e as nossas energias, há-de ser uma oferenda digna do Criador, *operatio Dei*, trabalho de Deus e para Deus. Numa palavra, uma tarefa bem cumprida e impecável»[21].

Uma “boa intenção” que não levasse a trabalhar bem, não seria uma boa intenção, não seria amor a Deus. Seria uma intenção ineficaz e oca, um desejo débil, que não consegue superar o obstáculo da preguiça ou do comodismo. O verdadeiro amor plasma-se no trabalho.

Pôr um *motivo sobrenatural* não é sequer acrescentar algo santo à actividade de trabalhar. Para santificar o trabalho não é suficiente rezar enquanto se trabalha, embora —quando seja possível fazê-lo— seja um sinal de que se trabalha por amor a Deus e um meio para crescer nesse amor.

Mais ainda, para santificar o trabalho pondo um motivo sobrenatural, é imprescindível procurar de um ou de outro modo a presença de Deus, e muitas vezes isto concretiza-se em actos de amor, em orações e jaculatórias, às vezes por ocasião de uma pausa ou de outras circunstâncias que oferece o ritmo do trabalho. Para isso são de grande ajuda as *indústrias humanas*.

Mas vale a pena insistir em que não há que ficar por aí, porque santificar o trabalho não consiste essencialmente em realizar algo santo enquanto se trabalha, mas em tornar santo o próprio trabalho, pondo o motivo sobrenatural que configura essa actividade e a empapa tão profundamente que a converte num acto de fé, de esperança e de caridade, transformando o trabalho em oração.

Outra consequência importante de que a raiz da santificação do trabalho se encontra no *motivo sobrenatural*, é que todo o trabalho profissional é santificável, desde o mais brilhante aos olhos humanos até o mais humilde, pois a santificação não depende do tipo de trabalho mas do amor a Deus com que se realiza. Basta pensar nos trabalhos de Jesus, Maria e José em Nazaré, tarefas correntes,

habituais, semelhantes às de milhões de pessoas, mas realizadas com o maior amor.

«A dignidade do trabalho depende, não tanto do que se faz, mas de quem o executa, o homem, que é um ser espiritual, inteligente e livre»[22]. A maior ou menor categoria do trabalho depende da sua bondade enquanto acção espiritual e livre, quer dizer, do amor electivo do fim, que é acto próprio da liberdade.

«Convém não esquecer, portanto, que esta dignidade do trabalho está fundamentada no Amor. O grande privilégio do homem é poder amar, transcendendo assim o efémero e o transitório. O homem pode amar as outras criaturas, dizer um *tu* e um *eu* cheios de sentido. E pode amar a Deus, que nos abre as portas do Céu, que nos constitui membros da Sua família, que nos autoriza a falar também de tu a Tu, face a face».

«Por isso, o homem não pode limitar-se a fazer coisas, a construir objectos. O trabalho nasce do amor, manifesta o amor, ordena-se ao amor»[23].

O amor a Deus torna grandes as pequenas coisas; os detalhes de ordem, de pontualidade, de serviço ou de amabilidade, que contribuem para a perfeição do trabalho. «Fazei tudo por Amor. — Assim não há coisas pequenas: tudo é grande. — A perseverança nas coisas pequenas, por Amor, é heroísmo»[24].

Quem compreende que o valor santificador do trabalho depende essencialmente do amor a Deus com que se leva a cabo e não do seu relevo social e humano, aprecia em muito as coisas pequenas, especialmente as que passam inadvertidas aos olhos dos outros, porque só Deus as vê.

Pelo contrário, trabalhar por motivos egoístas, como o afã de auto-afirmação, de brilhar ou de realizar, acima de tudo, os próprios projectos e gostos, ou a ambição de prestígio por vaidade, ou de poder ou de dinheiro como meta suprema, impede radicalmente santificar o trabalho, porque equivale a oferecê-lo ao ídolo do amor próprio.



Estes motivos apresentam-se poucas vezes em *estado puro*, mas podem conviver com intenções nobres e inclusive sobrenaturais, permanecendo latentes — quiçá durante longo tempo — como os sedimentos de lodo no fundo da água límpida. Seria uma imprudência ignorá-los, porque em qualquer momento — quiçá aquando de alguma dificuldade, uma humilhação ou um fracasso profissional — podem agitar-se e turvar toda a conduta. É preciso detectar esses motivos egoístas, reconhecê-los sinceramente e combatê-los purificando a intenção com oração, sacrifício, humildade, serviço generoso aos outros, cuidado nas coisas pequenas...

«Voltemos o olhar uma vez e outra para o trabalho de Jesus nos anos da Sua vida oculta, para aprender a santificar a nossa actividade. Senhor, concede-nos a Tua graça. Abre-nos a porta da oficina de Nazaré, para aprendermos a contemplar-Te a Ti, com a Tua Mãe Santa Maria e com o Santo Patriarca José — a quem tanto amo e venero — todos três dedicados a uma vida de trabalho santo. Sensibilizar-se-ão os nossos pobres corações, procurar-Te-emos e encontrar-Te-emos no trabalho diário, que Tu desejas que convertamos em obra de Deus, obra de Amor»[25].

### **Voltar ao índice**

[1] Cfr. Mt 13, 44.

[2] *Cristo que passa*, nº 14.

[3] *Ibidem*, nº 20.

[4] Cfr. Const. dogm. *Lumen gentium*, nºs 31-36; Const. past. *Gaudium et spes*, nºs 33-39; Decr. *Apostolicam actuositatem*, nºs 1-3, 7.

[5] *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2427.

[6] João Paulo II, *Homilia*, 17-V-1992. Cfr. também, entre outros textos: *Discurso*, 19-III-1979; *Discurso*, 12-I-2002, nº 2.

[7] *Catecismo da Igreja Católica*, nº 310.

[8] Gn 2, 15. Cfr. Gn 1, 28.

[9] Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2427. Concílio Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes*, nºs 34 e 35.

[10] Cfr. Gn 3, 18-19.

[11] *Cristo que passa*, nº 14.

[12] *Ibidem*, nº 174.

[13] *Ibidem*, nº 47.

[14] *Temas Actuais do Cristianismo*, nº 55. Cfr. *Cristo que passa*, nº 45; *Amigos de Deus*, nº 120.

[15] Cfr. João Paulo II, Litt. enc. *Laborem exercens*, 14-IX-1981, nº 6.

[16] São Tomás de Aquino, *S. Th.*, II-II, q. 24, a. 7 c.

[17] *Missal Romano*, Cânon da Missa.

[18] *Caminho*, nº 359.

[19] I Sam 16, 7.

[20] *Temas Actuais do Cristianismo*, nº 10.

[21] *Amigos de Deus*, nº 55.

[22] João Paulo II, *Discurso*, 3-VII-1986, nº 3.

[23] *Cristo que passa*, nº 48.

[24] *Caminho*, nº 813.

[25] *Amigos de Deus*, nº 72.

## TRABALHAR COM CONSCIÊNCIA

«Se queremos de verdade santificar o trabalho, é preciso cumprir iniludivelmente a primeira condição: trabalhar e trabalhar bem! Com seriedade humana e sobrenatural»[1].

Vimos já, num artigo precedente, que trabalhar por um «motivo sobrenatural» é como a *alma* da santificação do trabalho[2]. Agora deter-nos-emos a considerar que a *matéria*, por assim dizer, a que dá vida, essa alma, é o trabalho bem feito, pois o motivo sobrenatural, se é autêntico amor a Deus e ao próximo, reclama necessariamente que procuremos levar a cabo o nosso trabalho o melhor possível.

De modo particular temos que ter presente que, conforme ensinou São Josemaria, a santificação do trabalho corrente supõe a boa realização do próprio trabalho, a perfeição também humana, o bom cumprimento de todas as obrigações profissionais e sociais. É trabalhar com consciência, com sentido de responsabilidade, com amor e perseverança, sem abandonos nem ligeirezas.

Para meditar com proveito este ensinamento do fundador do Opus Dei, convém observar que quando falamos de “trabalhar bem” referimo-nos antes de mais nada à *actividade de trabalhar*, não ao *resultado do trabalho*.

Pode acontecer que se trabalhe bem e, no entanto, a tarefa saia mal, seja por um engano involuntário ou por causas que não dependem do próprio. Nestes casos — que se apresentam amiúde — aparece com clareza a diferença entre quem trabalha com sentido cristão e quem procura principalmente o êxito humano. Para o primeiro o que tem valor é, antes de mais, a própria actividade de trabalhar e, embora não tenha obtido um bom resultado, sabe que não se perdeu nada do que procurou fazer bem por amor a Deus e afã de corredimir com Cristo; por isso não se revolta diante das contrariedades — procurando superá-las — mas vê a possibilidade de se unir mais à Cruz do Senhor. Pelo contrário, para o segundo, tudo

se malogrou se não saiu bem. Evidentemente, quem pense deste modo nunca entenderá o que é santificar o afazer profissional.

Trabalhar com consciência é trabalhar com perfeição humana por um motivo sobrenatural. Não é trabalhar humanamente bem e “depois” acrescentar um motivo sobrenatural. É algo mais profundo. É o amor a Deus o que deve levar um cristão a realizar com perfeição o seu trabalho, porque «não podemos oferecer ao Senhor uma coisa que, dentro das pobres limitações humanas, não seja perfeita, sem defeitos e realizada com toda a atenção, mesmo nos aspectos mais insignificantes, porque Deus não aceita o que é mal feito. Não oferecereis nada que tenha defeito, porque não seria aceite favoravelmente, adverte-nos a Escritura Santa, pois não seria digno d’Ele (Lv 22, 20)»[3].

Quando se procura actuar deste modo é normal que o trabalho saia bem e se obtenham bons resultados. Mais ainda, é frequente que quem procura santificar o trabalho se destaque profissionalmente entre os seus iguais porque, o amor a Deus impulsiona a «exceder-se gostosamente e sempre, no dever e no sacrifício»[4]. Mas não se pode esquecer nunca — vale a pena repeti-lo — que às vezes Deus permite contradições e fracassos humanos para que purifiquemos a intenção e participemos da Cruz do Senhor. E isto não significa que não se tenha trabalhado bem e santificado essa tarefa.

### **Virtudes humanas no trabalho**

O trabalho bem feito põe em prática as virtudes humanas informadas pela caridade. «É todo um conjunto de virtudes que pomos em jogo ao desempenhar a nossa profissão, com o propósito de a santificar: a fortaleza, para perseverarmos no nosso trabalho, apesar das naturais dificuldades, sem nos deixarmos vencer pelo abatimento; a temperança, para nos gastarmos sem reservas e para superarmos a comodidade e o egoísmo; a justiça, para cumprirmos os nossos deveres com Deus, com a sociedade, com a família, com os colegas; a prudência, para sabermos o que convém fazer em cada caso e lançarmo-nos à obra sem demora... E tudo, insisto, por Amor»[5].

Todas as virtudes humanas são necessárias, porque formam um entrançado no qual os fios se reforçam entre si. Mas há uma ordem entre eles: uns fios que se metem primeiro que outros, da mesma maneira como o tecer de um tapete.

Como a primeira condição é trabalhar e trabalhar bem, compreende-se que o nosso Fundador destaque «duas virtudes humanas — a laboriosidade e a diligência — que se confundem numa só: no empenho por tirar partido dos talentos que cada um recebeu de Deus»[6].

Como na parábola do Evangelho, o Senhor outorgou-nos os talentos necessários para cumprir a missão de O colocar nas entranhas das actividades humanas, santificando a profissão própria de cada um. Não é lícito comportar-se como o servo mau e preguiçoso[7] que enterrou o talento recebido. Deus quer que façamos render, por amor, os dons que nos deu e para isso há que trabalhar com empenho e constância, com rigor, com qualidade humana, pondo todo o esforço necessário.

A laboriosidade e a diligência juntam-se para enfrentar o trabalho que se deve fazer, não qualquer coisa ou o que apetece, e a realizá-lo como e quando se deve. «Quem é laborioso aproveita o tempo, que não é apenas ouro, é glória de Deus! Faz o que deve e está no que faz, não por rotina nem para ocupar as horas, mas como fruto de uma reflexão atenta e ponderada. Por isso é diligente. O uso normal desta palavra — diligente — evoca-nos a sua origem latina. Diligente vem do verbo *diligo*, que significa amar, apreciar, escolher algo depois de uma atenção esmerada e cuidadosa. Não é diligente quem se precipita, mas quem trabalha com amor, primorosamente»[8].

É preciso lutar contra a preguiça, vício capital e «mãe de todos os vícios»[9]. Uma das suas formas é o tardar no cumprimento das obrigações[10]: adiando o que custa e dando prioridade a outras coisas de que se gosta mais ou que exigem menos esforço. «Não deixes o teu trabalho para amanhã»[11], aconselha São Josemaria, porque às vezes, «com falsas desculpas, somos excessivamente comodistas, esquecemo-nos da bendita responsabilidade que pesa

sobre os nossos ombros, conformamo-nos com fazer o que é minimamente indispensável e deixamo-nos arrastar por razões sem razão para nada fazermos, enquanto Satanás e os seus amigos não tiram férias»[12]. Não servimos a Deus com lealdade «quando nos possam classificar como inconstantes, inconvenientes, frívolos, desordenados, preguiçosos e inúteis»... [13].

O afazer profissional é campo para o exercício de todas as virtudes humanas, imitando o exemplo dos anos de Jesus em Nazaré. A ordem e a serenidade, a alegria e o optimismo, a rijeza e a constância, a lealdade, a humildade e a mansidão, a magnanimidade e todas as demais virtudes que aqui não é possível sequer mencionar, fazem do trabalho profissional terreno fecundo que se enche de frutos com a chuva da graça.

Sem a luta para praticar diariamente estas virtudes é fácil cair no erro dos que se consideram cristãos “praticantes” porque assistem a actos de culto e recitam umas orações, mas deixam que a sua vida profissional decorra, mais ou menos descaradamente, à margem da moral cristã, com faltas de justiça, de veracidade, de honradez...

Um trabalho deste género não é agradável a Deus e não pode dizer-se que esteja bem feito, nem santificado, ainda que consiga resultados brilhantes aos olhos humanos e se destaque pela sua perfeição *técnica* nalguns aspectos. São Josemaria ensinou sempre a pôr em prática a fé — a encarná-la! — no trabalho profissional, com unidade de vida. E isto consegue-se mediante as virtudes humanas *informadas pela caridade*.

Sem a caridade, o esforço humano não basta para santificar o trabalho, porque a caridade — o amor sobrenatural a Deus e às almas — é a essência da santidade. Um cristão que seja muito eficaz, se falta à caridade não santifica o seu trabalho. Na realidade nem sequer se pode dizer que trabalhe muito bem, porque a caridade vai *dentro* das virtudes e a falta dela manifesta-se antes ou depois da não vivência destas: em injustiças, em ódios, na ira, na inveja...

O amor a Deus não é um sentimento inoperante. É o acto da virtude teologal da caridade que, juntamente com a fé e a esperança, deve governar a realidade concreta da vida de um filho de Deus mediante o exercício das virtudes humanas. Só assim podemos identificar-nos com Cristo, perfeito Deus e perfeito Homem.

### **Pequenas coisas**

As virtudes cristãs manifestam-se e desenvolvem-se na actividade profissional ordinariamente através de pequenas coisas. A própria laboriosidade, que de algum modo é a condição das demais virtudes no trabalho, não consiste apenas em trabalhar muito, porque não se pode esquecer que «à força de descuidar pormenores, se podem tornar compatíveis trabalhar sem descanso e viver como um perfeito comodista»[14].

Esta virtude pode perder o seu genuíno valor se se descuida a luta naqueles detalhes de ordem para os quais quiçá não se sente inclinação, ou de pontualidade ao começar e terminar o trabalho, ou se posterga a atenção à família, ou se desatendem as iniciativas apostólicas com a desculpa de que o trabalho absorve quase todas as energias. O cuidado das pequenas coisas protege deste perigo porque resguarda a rectidão de intenção, já que muitos detalhes só brilham diante de Deus.

A santidade não consiste em fazer coisas cada dia mais difíceis, dizia São Josemaria, mas em fazê-las cada dia com mais amor. O segredo para realizar cada dia melhor o trabalho são as pequenas coisas: detalhes que estão ao alcance de um filho de Deus e que dão um remate de perfeição à nossa actividade.

Outra coisa diferente é o “perfeccionismo”, o defeito de procurar como fim a perfeição pela perfeição no resultado exterior do trabalho. Este defeito encerra uma deformação das virtudes humanas, mostra que se perdeu a visão de conjunto, o sentido da prudência que dita às vezes que *o óptimo é inimigo do bom*, porque

pretender o melhor levaria a descuidar outras exigências do trabalho bem feito, como acabá-lo no prazo devido. O perfeccionismo é um sucedâneo da perfeição, que revela amor-próprio e complacência vã, e é preciso combatê-lo com o realismo da humildade cristã que sabe reconhecer as próprias limitações e confiar em Deus.

Ele criou tudo por amor e as Suas obras são perfeitas: *Dei perfecta sunt opera*[15]. O nosso trabalho é uma «participação na obra criadora»[16] e há-de ser também perfeito, no que dependa das nossas forças, com a graça de Deus.

O cuidado das pequenas coisas caracteriza o *modo divino* de trabalhar de um filho de Deus, porque manifesta a perfeição do amor. É fundamental chegar a ser contemplativos no trabalho, porque assim como Deus criou e *viu que era bom*[17] — contemplou o reflexo do Seu Amor e Verdade no que tinha criado — analogamente, com a infinita distância que comporta aqui a analogia, o nosso trabalho será *bom* e meio de contemplação se é uma tarefa não só acabada até ao detalhe, mas levada a cabo com rectidão moral. Assim o trabalho será oração. Oração contemplativa, pois um trabalho realizado com perfeição, pondo amor nas pequenas coisas, permite descobrir «esse *quê* divino que está encerrado nos pormenores»[18]. Por isso, concluía o nosso Padre«, quando um cristão realiza com amor a mais intrascedente das acções diárias, ela transborda da transcendência de Deus» [19].

### **Aprender a trabalhar bem**

O panorama maravilhoso que se abre diante dos nossos olhos há-de ser posto em prática na nossa vida. «Não basta querer fazer o bem; é preciso saber fazê-lo»[20]. Servir a Deus e aos outros com o nosso trabalho, requer preparação, competência, não só técnica mas moral, humana e cristã.

«Para servir, servir», são umas palavras que São Josemaria queria gravar nos nossos corações com o fim de que não



esquecêssemos que não basta a “boa vontade” para ser um bom médico ou uma boa dona de casa, mas são precisos conhecimentos e virtudes. «Não acredito na rectidão da intenção de quem não se esforça por conseguir a competência necessária para cumprir bem os trabalhos de que está encarregado»[21].

A “formação profissional” para santificar o trabalho não consiste apenas nuns conhecimentos teóricos prévios. É necessário muito mais, como se disse antes: são precisas virtudes humanas informadas pela caridade. Por este motivo, principalmente, a formação profissional dura toda a vida e melhora-se todos os dias pondo empenho em crescer nas virtudes cristãs. «Não é suficiente o desejo de possuir essas virtudes: é preciso aprender a praticá-las. *Discite benefacere* (Is 1, 17), aprendei a fazer o bem. Temos de nos exercitar habitualmente nos actos correspondentes — actos de sinceridade, de equanimidade, de serenidade, de paciência — porque amores são obras e não se pode amar a Deus só de palavra, mas *com obras e de verdade* (I Jo 3, 18)»[22].

Canal estupendo para esta formação é a direcção espiritual pessoal. Se sabemos abrir a alma de par em par, poderemos receber conselhos certos — às vezes indicações sobre deveres morais ou de consciência — porque o Espírito Santo dá a Sua luz e Sua graça através desse meio. Também temos de estar dispostos a receber esta formação no próprio local de trabalho, sabendo aproveitar as observações dos que nos rodeiam. Requer-se para isso humildade, simplicidade para admitir as próprias limitações e para se deixar ajudar evitando a *suficiência*, a presunção e a vaidade.

## **Entusiasmo profissional**

Uma disposição interior muito conveniente para aprender a trabalhar é o entusiasmo profissional. Mas é importante ter uma ideia correcta, elevada, do que deve ser esse entusiasmo num cristão, para não a reduzir a uma simples inclinação natural.

Em rigor é o anelo de servir a Deus e aos outros *com o nosso trabalho*, o desejo de contribuir com a própria actividade profissional para o progresso humano orientando-o com sentido cristão e para empapar, assim, a sociedade com o espírito de Cristo. Este é o cerne do entusiasmo profissional de um filho de Deus, que desperta o interesse humano pela tarefa que se realiza e o alimenta a partir da raiz com uma seiva de esperança sobrenatural, que mantém vivo o empenho «de converter a prosa diária em decassílabos, em verso heróico»[23].

As actividades mais correntes não são já uma monótona sucessão de acções que se repetem, como não o foram na vida de Jesus, Maria e José em Nazaré. Descobre-se uma nova dimensão nas nossas tarefas e desfruta-se com a presença de Deus que as aprova, acolhendo a oferta do trabalho bem feito.

Para um filho de Deus, o entusiasmo profissional não é um gosto ou um capricho. É o entusiasmo de realizar o trabalho que Deus quer para que se santifique e dê fruto. Por isso há uma *vocação profissional*, que é parte importante da vocação divina. Mas esse querer de Deus descobre-se não só pelas inclinações e aptidões — que certamente contam — mas também pelas circunstâncias em que cada um se encontra pela Providência divina e concretamente pelos deveres que há-de cumprir e os serviços que de facto pode prestar.

Todo este conjunto de factores configura a vocação profissional e chama-se “vocação” porque efectivamente representa uma chamada de Deus a eleger, de acordo com as circunstâncias pessoais, a actividade profissional mais conveniente como matéria de santificação e de apostolado.

Nesta linha se vê quão longe do entusiasmo profissional está essa patologia que costuma chamar-se profissionalite. Em primeiro lugar é o amor ao trabalho como meio de santificação e de apostolado; depois é a escravidão a um ídolo que se pôs como fim. E, neste caso, isso pode acontecer sem se ter pretendido expressamente, por se ter descuidado a rectidão de intenção e se ter movido na prática por metas terrenas, pondo no triunfo a própria complacência.

São Josemaria adverte para esse perigo: «coloca os afazeres profissionais no seu lugar: constituem apenas meios para chegar ao fim; nunca podem tornar-se, de modo nenhum, como o fundamental. Quantas “profissionalites” impedem a união com Deus!»[24]. Aprender a trabalhar bem é também aprender a pôr o trabalho no seu lugar, um lugar tão importante como o do eixo da santificação na vida corrente, mas sempre um meio.

\* \* \*

Os bons profissionais conhecem-se pelo seu trabalho. A São José todos o conheciam como o artesão e a Jesus como o filho do artesão, *fabri filius*[25], e Ele próprio *por artesão*[26]. Não nos ficou o resultado do seu trabalho, nenhum dos móveis que fabricaram, com qualidade, com a perfeição que permitiam as ferramentas, trabalhando com esforço, ordem, alegria..., enquanto Santa Maria se ocupava com o mesmo espírito das tarefas do lar. Ficou-nos, no entanto, o amor redentor de Jesus nesses afazeres e o de Maria e de José unidos ao Seu, com um só coração. É esta a essência da santificação do trabalho.

### **Voltar ao índice**

[1] *Forja*, nº 698.

[2] Cfr. *Caminho*, nº 359.

[3] *Amigos de Deus*, nº 55.

[4] *Sulco*, nº 527.

[5] *Amigos de Deus*, nº 72.

[6] *Ibidem*, nº 81.

[7] Mt 25, 26.

[8] *Amigos de Deus*, nº 81.

[9] *Sulco*, n. 505. Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, nº 1866.

- [10] São Tomás de Aquino, *S.Th.*, II-II, q. 54, a. 2, ad 1.
- [11] *Caminho*, nº 15.
- [12] *Amigos de Deus*, nº 62.
- [13] *Ibidem*.
- [14] *Sulco*, n. 494.
- [15] Dt 32, 4 (Vg).
- [16] Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2427.
- [17] Gn 1, 10 ss.
- [18] *Temas Actuais do Cristianismo*, nº 116.
- [19] *Ibidem*, nº 116.
- [20] *Cristo que passa*, nº 50.
- [21] *Ibidem*.
- [22] *Amigos de Deus*, nº 91.
- [23] *Cristo que passa*, nº 50.
- [24] *Sulco*, nº 502.
- [25] Mt 13, 55.
- [26] Cfr. Mc 6, 3.

## TRABALHO E CONTEMPLAÇÃO (I)

«Gostaria que hoje, na nossa meditação, nos persuadísemos definitivamente da necessidade de nos dispormos a ser almas contemplativas, no meio da rua, do trabalho, com uma conversa contínua com o nosso Deus, a qual não deve esmorecer ao longo do dia. Se pretendemos seguir lealmente os passos do Mestre, esse é o único caminho»[1].

Para nós, que estamos chamados por Deus a santificar-nos no meio do mundo, converter o trabalho em oração e ter alma contemplativa *é o único caminho*, porque «ou sabemos encontrar na nossa vida corrente o Senhor, ou não O encontraremos nunca»[2].

Convém que meditemos devagar este ensinamento capital de S. Josemaria. Neste texto consideraremos o que é a contemplação; noutros momentos deter-nos-emos a aprofundar a vida contemplativa no trabalho e nas actividades da vida corrente.

### **Como em Nazaré, como os primeiros cristãos**

A descoberta de Deus nas coisas correntes de cada dia dá aos próprios afazeres o seu valor último e a sua plenitude de sentido. A vida oculta de Jesus em Nazaré, «os anos intensos de trabalho e de oração, nos quais Jesus teve uma vida tão normal como a nossa, simultaneamente divina e humana»[3], mostram que a actividade profissional, a atenção à família e as relações sociais não são obstáculo para *orar sempre*[4], mas ocasião e meio para uma vida intensa de convívio com Deus, até que chega um momento em que é impossível estabelecer uma diferença entre trabalho e contemplação.

Por este caminho da contemplação na vida corrente, seguindo os passos do Mestre, decorreu a vida dos primeiros cristãos: «quando passeia, conversa, descansa, trabalha ou lê, o crente ora»[5], escrevia um autor do século II. Anos mais tarde São Gregório Magno

testemunha, como um ideal tornado realidade em numerosos fiéis, que «a graça da contemplação não se dá só aos grandes e não aos pequenos; mas muitos grandes a recebem e também muitos pequenos; e tanto entre os que vivem retirados, como entre as pessoas casadas. Portanto, se não há estado algum entre os fiéis que fique excluído da graça da contemplação, todo o que guardar interiormente o coração pode ser contemplado com essa graça» [6].

O Magistério da Igreja, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, recordou muitas vezes esta doutrina tão importante para os que temos a missão de levar Cristo a todos os sítios e transformar o mundo com o espírito cristão. «As actividades diárias apresentam-se como um precioso meio de união com Cristo, podendo converter-se em matéria de santificação, terreno de exercício das virtudes, diálogo de amor que se realiza nas obras. O espírito de oração transforma o trabalho e, assim, é possível contemplar a Deus, mesmo permanecendo nas ocupações mais variadas»[7].

### **A contemplação dos Filhos de Deus**

O Catecismo ensina que «a contemplação de Deus na Sua glória celestial é chamada pela Igreja “visão beatífica”»[8]. Dessa contemplação plena de Deus, própria do Céu, podemos ter uma certa antecipação nesta terra, uma incoação imperfeita[9] que, embora seja de uma ordem diversa da visão, é já uma verdadeira contemplação de Deus, bem como a graça, que sendo de uma ordem diferente da glória, é, não obstante, uma verdadeira participação na natureza divina. Agora vemos como num espelho, obscuramente; depois veremos cara a cara. *Agora conheço de modo imperfeito, depois conhecerei como sou conhecido*[10], escreve São Paulo.

Essa contemplação de Deus *como num espelho*, no decurso da vida presente, é possível graças às virtudes teologais: à fé e à esperança vivas, informadas pela caridade. A fé, unida à esperança e

vivificada pela caridade, «faz-nos saborear, de antemão, o gozo e a luz da visão beatífica, termo da nossa caminhada nesta Terra»[11].

A contemplação é um conhecimento amoroso e gozoso de Deus e dos seus desígnios manifestados nas criaturas, na Revelação sobrenatural e plenamente na Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo nosso Senhor. «Ciência de amor»[12], assim a chama São João da Cruz. A contemplação é um claro conhecimento da verdade, alcançado não por um processo de raciocínio mas por uma intensa caridade[13].

A oração mental é um diálogo com Deus. «Escreveste-me: “Orar é falar com Deus. Mas de quê?”. De quê?! D’Ele e de ti; alegrias, tristezas, êxitos e fracassos, ambições nobres, preocupações diárias..., fraquezas; e acções de graças e pedidos; e Amor e desagravo. Em duas palavras: conhecê-Lo e conhecer-te — ganhar intimidade!»[14].

Na vida espiritual, este convívio com Deus tende a simplificar-se à medida que aumenta o amor filial, cheio de confiança. Sucede então que, com frequência, já não são necessárias as palavras para orar, nem as exteriores nem as interiores. «As palavras tornam-se supérfluas, porque a língua não consegue expressar-se; o entendimento aquieta-se. Não se discorre, olha-se!»[15].

Isto é a contemplação, um modo de orar activo mas sem palavras, intenso e sereno, profundo e simples. Um dom que Deus concede aos que O procuram com sinceridade, põem toda a alma no cumprimento da Sua Vontade, com obras e procuram mover-se na Sua presença. «Primeiro uma jaculatória, e depois outra e outra... Até que parece insuficiente esse fervor, porque as palavras se tornam pobres...: e abrem-se as portas à intimidade divina, com os olhos postos em Deus sem descanso e sem cansaço»[16]. Isto pode suceder, como ensina S. Josemaria, não só nos tempos dedicados expressamente à oração, mas também «enquanto realizamos com a maior perfeição possível, dentro dos nossos erros e limitações, as tarefas próprias da nossa condição e do nosso ofício»[17].

## Sob a acção do Espírito Santo

O Pai, o Filho e o Espírito Santo inabitam na alma em graça[18]: somos templos de Deus[19]. Não há palavras para expressar a riqueza do mistério da Vida da Santíssima Trindade em nós: o Pai que gera eternamente o Filho, e o Espírito Santo, vínculo de Amor subsistente, que procede do Pai e do Filho. Pela graça de Deus, tomamos parte nessa Vida como filhos.

O Paráclito une-nos ao Filho que assumiu a natureza humana para nos fazer participantes da natureza divina: *quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o Seu Filho, nascido de mulher (...) para que recebêssemos a adopção de filhos. E, porque vós sois filhos, Deus enviou aos vossos corações o Espírito de Seu Filho, que clama: «Abba, Pai»*[20]. E nesta união com o Filho não estamos sós mas formamos um corpo, o Corpo místico de Cristo, a que todos os homens estão chamados a incorporar-se como membros vivos e a ser, como os apóstolos, instrumentos para atrair outros, participando no sacerdócio de Cristo[21].

A vida contemplativa é a vida própria dos filhos de Deus, vida de intimidade com as Pessoas Divinas e transbordante de afã apostólico. O Paráclito infunde em nós a caridade que nos permite alcançar um conhecimento de Deus que sem a caridade é impossível, pois *o que não ama não conhece Deus, porque Deus é amor*[22]. Quem mais O ama melhor O conhece, já que esse amor —a caridade sobrenatural— é uma participação na infinita caridade que é o Espírito Santo[23], que *tudo penetra, mesmo as profundezas de Deus. Com efeito, qual dos homens conhece as coisas que são do homem, senão o espírito do homem que está nele? Assim, também, as coisas que são de Deus ninguém as conhece senão o Espírito de Deus*[24].

Esse Amor, com maiúscula, instaura na vida da alma uma estreita familiaridade com as Pessoas Divinas e um entendimento de Deus



mais fino, mais rápido, certo e espontâneo, em profunda sintonia com o Coração de Cristo[25]. Também no plano humano aqueles que se amam compreendem-se com mais facilidade e, por isso, S. Josemaria recorre a essa experiência para transmitir, de algum modo, o que é a contemplação de Deus; por exemplo, contava que na sua terra às vezes se dizia: *olha como o contempla!* E explicava como esse modo de dizer se referia a uma mãe que tinha o filho nos braços, a um noivo que olhava para a sua noiva, a mulher que velava o marido. Pois assim devemos contemplar o Senhor.

Mas toda a realidade humana, por mais formosa que seja, é uma sombra da contemplação que Deus concede às almas fiéis. Se já a caridade sobrenatural supera em altura, em qualidade e em força qualquer amor simplesmente humano, o que dizer dos Dons do Espírito Santo, que permitem deixar-nos levar docilmente por Ele? Com o crescimento destes Dons —Sabedoria, Entendimento, Conselho, Fortaleza, Ciência, Piedade e Temor filial— cresce a *conaturalidade* ou a familiaridade com Deus e abre-se todo o colorido da vida contemplativa.

Em especial, pelo Dom da Sabedoria —o primeiro e maior dos Dons do Espírito Santo[26]— outorga-se-nos não só o conhecer e assentir nas verdades reveladas acerca de Deus e das criaturas, como é próprio da fé, mas *saborear* essas verdades, conhecê-las com «um certo sabor de Deus»[27]. A Sabedoria —*sapientia*— é uma *sapida scientia*: uma ciência que se saboreia.

Graças a este Dom não só se crê no Amor de Deus, mas sabe-se de um modo novo[28]. É um saber a que só se chega com santidade; e há almas obscuras, ignoradas, profundamente humildes, sacrificadas, santas, com um sentido sobrenatural maravilhoso: *Eu te louvo ó Pai, Senhor do Céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e aos prudentes, e as revelaste aos pequeninos*[29].

Com o Dom da Sabedoria a vida contemplativa penetra nas *profundidades de Deus*[30]. Neste sentido S. Josemaria convida-nos a meditar «um texto de São Paulo, em que se nos propõe todo um programa de vida contemplativa —conhecimento e amor, oração e

vida— (...): *que Cristo habite pela fé nos vossos corações; e que arraigados e fundados na caridade, possais compreender, com todos os santos, qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do mistério; e conhecer também aquele amor de Cristo, que excede toda a ciência, de modo que fiqueis cheios de toda a plenitude de Deus (Ef 3,17-19)»*[31].

Temos que implorar ao Espírito Santo o Dom da Sabedoria juntamente com os outros Dons, o seu séquito inseparável. São os presentes do Amor divino, as jóias que o Paráclito entrega a todos os que querem amar a Deus com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças.

### **Pelo caminho da contemplação**

Quanto maior for a caridade, mais intensa será a familiaridade com Deus na qual surge a contemplação. Até a caridade mais débil, como a de quem se limita a não pecar gravemente mas não procura cumprir em tudo a Vontade de Deus, estabelece uma certa conformidade com a Vontade divina. No entanto, um amor que não procura amar mais, que não tem o fervor da piedade, parece-se mais com a cortesia formal de um estranho do que ao afecto de um filho. Quem se conformasse com isso na sua relação com Deus, não passaria de um conhecimento das verdades reveladas insípido e passageiro, porque quem se contenta com ouvir a palavra, sem a pôr em prática, *é semelhante a um homem que contempla a imagem do seu rosto num espelho: mal se contemplou e, tendo-se retirado, logo esqueceu como era*[32].

Muito diferente é o caso de quem deseja sinceramente identificar em tudo a sua vontade com a Vontade de Deus e, com a ajuda da graça, põe os meios: a oração mental e vocal, a participação nos Sacramentos —a Confissão frequente e a Eucaristia— o trabalho e o cumprimento fiel dos próprios deveres, a procura da presença de

Deus ao longo do dia: o cuidado do plano de vida espiritual a par de uma intensa formação cristã.

O ambiente actual da sociedade conduz muitos a viver voltados para fora, com uma permanente ânsia de possuir isto ou aquilo, de ir daqui para acolá, de ver e olhar, de mover-se, de distrair-se com futilidades, talvez com o objectivo de esquecer o seu vazio interior, a perda do sentido transcendente da vida humana. A nós, que descobrimos a chamada divina à santidade e ao apostolado, deve suceder-nos o contrário. Quanto mais actividade exterior, mais vida para dentro, mais recolhimento interior, procurando o diálogo com Deus presente na alma em graça e mortificando os afãs da *concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba de vida*[33]. Para contemplar Deus é preciso limpar o coração. *Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus*[34].

Peçamos à Nossa Mãe Santa Maria que nos obtenha do Espírito Santo o dom de ser contemplativos no meio do mundo, dom que sobreabundou na sua vida santíssima.

### **Voltar ao índice**

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, nº 238.

[2] S. Josemaria, *Temas Actuais do Cristianismo*, nº 114.

[3] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, nº 56.

[4] Lc 18, 1.

[5] Clemente de Alexandria, *Stromata*, 7, 7.

[6] São Gregório Magno, *In Ezechielem homiliae*, 2, 5, 19.

[7] João Paulo II, *Discurso* no Congresso «A grandeza da vida corrente», no centenário do nascimento do Beato Josemaria, 12-I-2002, nº 2.

[8] *Catecismo da Igreja Católica*, nº 1028.

[9] Cfr. Santo Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, I, q. 12, a.2, c; II-II, q. 4, a.1; q. 180, a.5, c.

[10] I Cor 12, 12. Cfr. II Cor 5, 7; I Jo 3, 2.

[11] *Catecismo da Igreja Católica*, n<sup>o</sup> 163.

[12] São João da Cruz, *Noite Escura*, lib. 2, cap. 18, n. 5.

[13] São Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, II-II, q. 180, a. 1, c; a.3, ad 1.

[14] S. Josemaria, *Caminho*, n<sup>o</sup> 91.

[15] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n<sup>o</sup> 307.

[16] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n<sup>o</sup> 296.

[17] *Ibidem*.

[18] Cfr. Jo 14, 23.

[19] Cfr. I Cor 3, 16; II Cor 6, 16.

[20] Gal 4, 4-6.

[21] Cfr. I Cor 12, 12-13.27; Ef 2, 19-22; 4, 4.

[22] I Jo 4, 9.

[23] Cfr. São Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, II-II, q. 24, a. 7, c. *In Epist. ad Rom.*, c. 5, lect. 1.

[24] I Cor 2, 10-11.

[25] Cfr. Mt 11, 27.

[26] Cfr. João Paulo II, *Alocução 9-IV-1989*.

[27] São Tomás de Aquino, *Summa Theologiae* II-II, q. 45, a. 2, ad 1.

[28] Cfr. Rm 8, 5.

[29] Mt 11, 25.

[30] I Cor 1, 10.

[31] S. Josemaria, *Cristo que passa*, nº 163.

[32] Tg 1, 23-24.

[33] I Jo 2, 16.

[34] Mt 5, 8.

## TRABALHO E CONTEMPLAÇÃO (II)

*Indo de viagem, [Jesus] entrou numa aldeia e uma mulher, chamada Marta, recebeu-O em sua casa. Esta tinha uma irmã, chamada Maria que, sentada aos pés do Senhor, ouvia a Sua palavra. Marta, porém, afadigava-se muito na contínua lida da casa. Aproximando-se disse: «Senhor, não Te importas que a minha irmã me tenha deixado só com o serviço da casa? Diz-lhe, pois, que me ajude». O Senhor respondeu-lhe: «Marta, Marta, tu afadigaste e andas inquieta com muitas coisas quando uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada[1].*

Muitas vezes na história as figuras de Maria e Marta foram aproveitadas para representar a vida *contemplativa* e a vida *activa*, como dois tipos de vida dos quais o primeiro seria mais perfeito, segundo as palavras do Senhor *Maria escolheu a melhor parte*.

Em geral, estes termos têm sido referidos à vocação religiosa, entendendo por vida contemplativa, em traços largos, a daqueles que se afastam materialmente do mundo para se dedicarem à oração, e por vida activa a daqueles que realizam tarefas como o ensino da doutrina cristã, a atenção aos doentes e a outras obras de misericórdia.

Entendendo assim estes termos, afirmou-se desde há séculos que é possível ser contemplativos na acção. No sentido clássico desta expressão não é possível a contemplação nas actividades profissionais, familiares e sociais, próprias da vida dos fiéis correntes, mas refere-se apenas às acções apostólicas e de misericórdia dentro do caminho da vocação religiosa.

S. Josemaria ensinou a aprofundar as palavras do Senhor a Marta, fazendo ver que não há nenhuma oposição entre a contemplação e a realização, o mais perfeita possível, do trabalho profissional e dos deveres habituais de um cristão.

Já foi considerado, num texto anterior, o que é contemplação cristã: essa oração simples de tantas almas que, por muito amarem e serem dóceis ao Espírito Santo, procurando em tudo a identificação com Cristo, são levadas pelo Paráclito a penetrar nas profundezas da vida íntima de Deus, das Suas obras e dos Seus desígnios, com uma sabedoria que dilata cada vez mais o seu coração e o seu conhecimento. Uma oração em que «as palavras se tornam supérfluas, porque a língua não consegue expressar-se; o entendimento aquieta-se. Não se discorre, olha-se! E a alma rompe outra vez a cantar um cântico novo, porque se sente e se sabe também olhada amorosamente por Deus a toda a hora»[2].

Convém agora determo-nos a considerar três modos em que se pode dar a contemplação: nos tempos dedicados exclusivamente à oração; enquanto se trabalha ou se realiza qualquer actividade que não requeira toda a atenção da mente e, finalmente, através do próprio trabalho, mesmo quando exige uma concentração exclusiva. Estes três modos compõem, em conjunto, a vida contemplativa, fazendo da vida corrente um viver no Céu e na terra ao mesmo tempo, como dizia S Josemaria.

### **Na oração e em todas as normas de piedade**

Em primeiro lugar, a contemplação deve pedir-se a Deus e procurá-la nos actos de piedade cristã que podem marcar o nosso dia, especialmente nos momentos dedicados de modo exclusivo à oração mental.

«*Et in meditatione mea exardescit ignis*»: e na minha meditação ateia-se o fogo. — Para isso mesmo é que fazes oração: para te tornares uma fogueira, lume vivo, que dê calor e luz» [3]. Os tempos de oração bem feitos são a caldeira que comunica o seu calor aos diversos momentos do dia.

Do recolhimento nos tempos de oração; da intimidade com o Senhor procurada com afinco nesses momentos, às vezes por meio

da meditação de algum texto que ajude a centrar a cabeça e o coração em Deus; do empenho em afastar as distrações; da humildade para começar e recomeçar, sem se apoiar nas próprias forças mas na graça de Deus; numa palavra, da fidelidade diária aos tempos de oração depende que se torne realidade, para além desses momentos, o ideal de ser contemplativos no meio do mundo.

S. Josemaria ensinou-nos a procurar a contemplação nos tempos de oração mental: a contemplar a Vida do Senhor, a olhá-Lo na Eucaristia, a intimar com as Três Pessoas divinas pelo caminho da Humanidade Santíssima de Jesus Cristo, a ir a Jesus por Maria... É preciso não se conformar com repetir orações vocais na oração mental, embora talvez seja necessário repeti-las durante muito tempo, mas vendo-as como a porta que abre para a contemplação.

Também no convívio humano, quando se encontra um amigo, é costume trocarem-se algumas frases de saudação para iniciar a conversa. Mas o convívio não se pode limitar a isso. A conversa deve continuar com palavras mais pessoais, podem mesmo deixar de ser precisas porque há uma sintonia profunda e uma grande familiaridade. Muito mais terá de ser no convívio com Deus. «Começamos com orações vocais (...). Primeiro uma jaculatória, e depois outra e outra... Até que parece insuficiente esse fervor, porque as palavras se tornam pobres...: e abrem-se as portas à intimidade divina, com os olhos postos em Deus sem descanso e sem cansaço»[4].

### **Enquanto se trabalha ou se realiza outra actividade**

A contemplação não se limita aos tempos dedicados à oração. Pode ter lugar ao longo do dia, no meio das ocupações habituais, enquanto se realizam as tarefas que não requerem toda a atenção da mente e que se devem fazer, ou nos momentos de pausa de qualquer outro trabalho.



Pode contemplar-se a Deus enquanto se vai pela rua, enquanto se cumprem alguns deveres familiares e sociais que são habituais na vida de qualquer pessoa, ou se realizam trabalhos que já se dominam com desenvoltura, ou na altura de um intervalo na execução da própria tarefa, ou simplesmente aquando de uma espera...

Do mesmo modo que nos tempos de oração, as jaculatórias podem abrir caminho à contemplação, também no meio destas outras ocupações, a procura da presença de Deus desemboca na vida contemplativa, inclusive mais intensa, como o Senhor fez experimentar a S. Josemaria. «É incompreensível:» —anota nos seus Apontamentos íntimos— «sei de quem está frio (apesar da sua fé, que não admite limites) junto ao fogo diviníssimo do Sacrário, e depois, em plena rua, no meio do ruído de automóveis e eléctricos e pessoas, lendo um jornal! Vibra com arrebatamentos de loucura de Amor de Deus»[5].

Esta realidade é inteiramente um dom de Deus, mas só pode recebê-lo quem o deseja no seu coração e não o afasta com as obras. Afasta-o quem tem os sentidos dispersos, ou se deixa dominar pela curiosidade, ou se submerge num tumulto de pensamentos e de imaginações inúteis que o distraem e dissipam. Numa palavra, quem não sabe estar no que faz [6]. A vida contemplativa requer mortificação interior, negar-se a si mesmo por amor a Deus, para que Ele reine no coração e seja o centro para o qual se dirigem, em último termo, os pensamentos e os afectos da alma.

### **Contemplação “nas e através das” actividades correntes**

Assim como nos tempos de oração não há que conformar-se em repetir jaculatórias nem ficar pela leitura e meditação, mas procurar o diálogo com Deus até chegar, com a Sua graça, à contemplação, assim também no trabalho, que há-de converter-se em oração, é preciso não se contentar com oferecê-lo no princípio e dar graças no final, ou em procurar renovar esse oferecimento várias vezes, unidos

ao Sacrifício do altar. Tudo isto é já muito agradável ao Senhor, mas um filho de Deus há-de ser audaz e aspirar a mais: a realizar o seu trabalho como Jesus em Nazaré, unido a Ele. Um trabalho em que graças ao amor sobrenatural com que se realiza, se contempla a *Deus que é Amor*[7].

Um ensinamento constante e característico de S. Josemaria é que a contemplação é possível não só enquanto se realiza uma actividade, mas por meio das actividades que Ele quer que realizemos, nessas mesmas tarefas e através delas, mesmo quando se trata de trabalhos que exigem toda a concentração da mente. S. Josemaria ensinava que chega o momento em que não se é capaz de distinguir a contemplação e a acção, terminando estes conceitos por significar o mesmo na mente e na consciência.

Neste sentido, é esclarecedora uma explicação de São Tomás: “quando de duas coisas uma é a razão da outra, a ocupação da alma numa não impede nem diminui a ocupação na outra... E como Deus é apreendido pelos santos como a razão de tudo quanto fazem ou conhecem, a sua ocupação em perceber as coisas sensíveis, ou em contemplar ou fazer qualquer outra coisa, em nada as impede a divina contemplação, nem vice-versa”[8]. Daí que, se se quer procurar o dom da contemplação, o cristão deva pôr o Senhor como fim de todos os seus trabalhos, realizando-os *non quasi hominibus placentes, sed Deo qui probat corda nostra*; não para agradar aos homens, mas a *Deus que perscruta os nossos corações*[9].

Dado que a contemplação é como uma antecipação da visão beatífica, fim último da nossa vida, é preciso que qualquer actividade que Deus queira que realizemos —como o trabalho e as tarefas familiares e sociais, que são Vontade Sua para cada um— possa ser via para a vida contemplativa. Noutros termos, da mesma maneira que qualquer dessas actividades se pode realizar por amor a Deus e com amor a Deus, também se podem converter em meio de contemplação, que não é outra coisa senão um modo especialmente familiar de O conhecer e amar.

Podemos contemplar a Deus nas actividades que realizamos por Seu amor, porque esse amor é participação do Amor infinito que é o Espírito Santo, que perscruta as profundezas de Deus[10]. Aquele que trabalha por amor a Deus pode aperceber-se —sem pensar noutra coisa, sem se distrair— de que O ama quando trabalha, com o amor que infunde o Paráclito nos corações dos filhos de Deus em Cristo[11]. «Reconhecemos a Deus não só no espectáculo da natureza, mas também na experiência do nosso próprio trabalho»[12].

Também podemos contemplar a Deus através do trabalho, porque se está feito por amor será um trabalho realizado com a maior perfeição de que sejamos capazes nessas circunstâncias, uma tarefa que reflita as perfeições divinas, um trabalho como o de Cristo. Não necessariamente porque tenha saído bem aos olhos dos homens, mas porque está bem feito aos olhos de Deus. Pode acontecer que o trabalho tenha saído mal ou que humanamente tenha sido um fracasso e que, no entanto, tenha sido bem feito diante de Deus, com rectidão de intenção, com espírito de serviço, com a prática das virtudes; numa palavra, com perfeição humana e cristã. Um trabalho assim é meio de contemplação; assim se compreende que a contemplação seja possível em e através de trabalhos que exigem aplicar todas as energias da mente, como são —por exemplo— o estudo ou a docência.

O cristão que trabalha ou cumpre os seus deveres por amor a Deus, trabalha em união vital com Cristo. As suas obras convertem-se então em obras de Deus, em *operatio Dei* e, por isso mesmo, são meio de contemplação. Mas não basta estar na graça de Deus e que as obras sejam moralmente boas. Têm de estar informadas por uma caridade heróica e realizadas com virtudes heróicas e com esse modo divino de agir que conferem os Dons do Espírito Santo em quem é dócil à Sua acção.

\* \* \*

A contemplação na vida corrente faz pré-saborear a união definitiva com Deus no Céu. Ao mesmo tempo que leva a agir cada

vez com mais amor, inflama o desejo de O ver não já por meio das actividades que realizamos, mas cara a cara. «Vivemos então como cativos, como prisioneiros. Enquanto realizamos com a maior perfeição possível, dentro dos nossos erros e limitações, as tarefas próprias da nossa condição e do nosso ofício, a alma anseia escapar-se. Vai até Deus como o ferro atraído pela força do íman. Começa-se a amar Jesus de forma mais eficaz, com um doce sobressalto (...) Um novo modo de andar na terra, um modo divino, sobrenatural, maravilhoso! Recordando tantos escritores quinhentistas castelhanos, talvez nos agrade saborear frases como esta: *Eu vivo, porque não vivo; é Cristo que vive em mim!* (cfr. Gal 2, 20)»[13].

### **Voltar ao índice**

[1] Lc 10, 38-42.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, nº 307.

[3] S. Josemaria, *Caminho*, nº 92.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, nº 296.

[5] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, nº 673 (de 26-III-1932). Citado em A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, vol. I, cap. 6, 7, citação 218.

[6] S. Josemaria, *Caminho*, nº 815.

[7] Cfr. I Jo 4, 8.

[8] S. Tomás de Aquino, *Summa Theologiae, Suppl.*, q. 82, a. 3 ad 4.

[9] I Ts 2, 4.

[10] I Cor 2, 10.

[11] Rm 5, 5.

[12] S. Josemaria, *Cristo que passa*, nº 48.

[13] S. Josemaría, *Amigos de Deus*, nº 297.

## TRABALHO DE DEUS

São Josemaria costumava falar da «velha novidade» da mensagem que recebeu de Deus: «velha como o Evangelho e como o Evangelho nova»[1]. Velho, porque era o que haviam vivido os primeiros cristãos, que se sabiam chamados à santidade e ao apostolado sem se afastarem do mundo, nas suas ocupações e tarefas diárias. Por isso São Josemaria afirmava que «a maneira mais fácil de entender o Opus Dei é pensar na vida dos primeiros cristãos. Eles viviam a fundo a sua vocação cristã; buscavam seriamente a perfeição a que estavam chamados pelo facto, simples e sublime, do Baptismo»[2].

Enchia-lhe de alegria encontrar nos escritos dos Padres da Igreja os traços fundamentais da sua mensagem. Bem claras a esse respeito são as palavras que São João Crisóstomo dirige aos fiéis no século IV e que São Josemaria recolhe numa de suas cartas:

«Não vos digo: abandonai a cidade e apartai-vos dos negócios civis. Não. Permanecei onde estais, mas praticai a virtude. Eu preferiria, de verdade, que brilhassem por sua virtude mais aqueles que vivem no meio das cidades do que os que foram viver nos montes. Porque disso adviria um bem imenso, já que ninguém acende uma luz e a põe debaixo do alqueire... E não me digas que: “Tenho filhos, tenho mulher, tenho que atender a casa; não posso cumprir o que me dizes”. Se nada disso tivesses e fosses túbio, tudo estaria perdido; mas mesmo quando tudo isso te rodeia, se és fervoroso, praticarás a virtude. Só uma coisa é necessária: uma disposição generosa. Se esta existe, nem a pobreza, nem os negócios, nem outra coisa qualquer pode ser um obstáculo contra a virtude. E, verdadeiramente, velhos e jovens, casados e pais de família, artesãos e soldados cumpriram já quanto foi mandado pelo Senhor. Jovem era David; José, escravo; Áquila exercia uma profissão manual; a vendedora de púrpura estava à frente de uma oficina; outro era sentinela numa prisão; outro, centurião como Cornélio; outro estava doente como Timóteo; outro era um escravo fugitivo como Onésimo;

e, no entanto, nada disso foi obstáculo para nenhum deles, e todos brilharam pela sua virtude: homens e mulheres, jovens e velhos, escravos, livres, soldados e camponeses.»[3]

As circunstâncias da vida ordinária não são obstáculo, mas sim matéria e caminho de santificação. Com as debilidades e defeitos próprios de cada um, os discípulos de Cristo têm de ser hoje como aqueles primeiros: «cidadãos cristãos que querem corresponder cabalmente às exigências da sua fé»[4]. O ensinamento de São Josemaria dirige-se aos homens e mulheres que não precisam de sair do próprio lugar para encontrar e amar a Deus, precisamente porque —como recordou João Paulo II glosando a lição de São Josemaria— «o Senhor quer entrar em comunhão de amor com cada um dos seus filhos, na trama das ocupações de cada dia, no contexto ordinário no qual se desenvolve a existência»[5].

O fundador do Opus Dei estava convencido de que o Senhor, ao confiar-lhe a mensagem que havia de difundir, «quis que nunca mais se desconhecesse ou se esquecesse a verdade de que todos os homens devem santificar-se, e de que cabe à maioria dos cristãos santificarem-se no mundo, no trabalho corrente (...): que haja pessoas de todas as profissões e ofícios que procurem a santidade no seu estado, nessa sua profissão ou ofício, sendo almas contemplativas no meio da rua»[6].

### **Santidade e crescimento em santidade, no trabalho**

Com o seu trabalho, «o homem não só transforma as coisas e a sociedade, mas também se aperfeiçoa a si mesmo»[7]. Se isto é verdade já no plano humano, não o é menos no sobrenatural. O aperfeiçoamento da pessoa por meio do trabalho não é outra coisa que o crescimento em santidade de quem o realiza. Mas isso somente acontece quando quem trabalha é já «santo», ou seja, quando está em graça de Deus: do contrário, não poderia crescer em santidade através do seu trabalho. Ou seja, somente quem já é «santo» pode

santificar o seu trabalho e crescer então em santidade se santifica o trabalho.

«Com a graça de Deus, dais a vosso trabalho profissional no meio do mundo seu sentido mais profundo e mais pleno, ao orientá-lo para a salvação das almas, ao pô-lo em relação com a missão redentora de Cristo (...). Mas é necessário que Jesus e, com Ele, o Pai e o Espírito Santo, habitem realmente em nós. Por isso, santificaremos o trabalho se formos santos, se nos esforçarmos verdadeiramente por ser santos. (...) Se não tivesses vida interior, ao dedicar-vos ao trabalho, em vez de divinizá-lo, poder-vos-ia acontecer o mesmo que ao ferro quando está vermelho e se mete na água fria: destempera-se e se apaga. Haveis de ter fogo que venha de dentro, que não se apague, que incendeie tudo o que toque.»[8]

O processo de santificação de um cristão não é outra coisa que seu crescimento como filho de Deus, desde o Baptismo até a plenitude da filiação divina na glória. Por isso, a ideia de que «santificaremos o trabalho se formos santos», contida nas palavras anteriores, pode-se expressar também em termos de filiação divina. O cristão está chamado a crescer em identificação com Jesus Cristo por meio do trabalho, e isso só é possível se já é filho adoptivo de Deus pela graça.

Assim como *Jesus crescia em sabedoria, em idade e em graça* durante os anos de Nazaré, analogamente o cristão, vivendo vida sobrenatural, deve crescer como filho de Deus, identificando-se progressivamente com Cristo por meio de seus deveres ordinários e, concretamente, do trabalho profissional. «Santificar-se no trabalho» significa procurar crescer como filhos de Deus no trabalho: avançar na identificação com Cristo pela acção do Espírito Santo, mediante o trabalho.

No entanto, também é preciso dizer que não basta ser filho de Deus para trabalhar como filho de Deus e crescer em identificação com Cristo. Muitos são filhos de Deus pela graça, mas realizam seu trabalho à margem dessa magnífica realidade. Por isso São Josemaria aconselha a cultivar o sentido da filiação divina no



trabalho: ser conscientes, enquanto se trabalha, de que *Cristo vive em mim* (Gal 2,20).

O trabalho profissional de um cristão pode ser trabalho de Deus, *operatio Dei*, porque somos filhos adotivos de Deus e formamos uma só coisa com Cristo. O Filho Unigénito fez-se Homem para nos unir a si —como os membros de um corpo estão unidos à cabeça— e operar através de nós. Verdadeiramente, somos de Cristo como Cristo é de Deus. Ele vive e age no cristão através da graça. «Eleva-se assim o trabalho à ordem da graça, santifica-se, converte-se em obra de Deus, *operatio Dei, opus Dei*»[9].

Saber-se filho de Deus no trabalho conduz a realizá-lo como um encargo divino: «Tu e eu temos de recordar-nos e de recordar aos outros que somos filhos de Deus, a quem o Pai, como àqueles personagens da parábola evangélica, dirigiu idêntico convite: *Filho, vai trabalhar na minha vinha* (Mt 21, 28).»[10]

A consciência da filiação divina leva-nos a fixar a mirada no Filho de Deus feito homem, especialmente durante aqueles «anos intensos de trabalho e de oração, em que Jesus Cristo teve tuna vida normal naquela simples e ignorada oficina de artesão, como mais tarde diante das multidões, cumpriu tudo com perfeição»[11]. O convencimento de viver a vida de Cristo proporciona a quem se sabe filho de Deus a certeza de que é possível converter o trabalho em oração.

«Plenamente mergulhado no seu trabalho diário entre os demais homens, seus iguais, atarefado, ocupado, em tensão, o cristão tem de estar ao mesmo tempo totalmente mergulhado em Deus, porque é filho de Deus»[12].

### **A dignidade de todo o trabalho**

Por esta razão São Josemaria pregou incansavelmente que qualquer trabalho honesto pode ser santificado —ser feito santo—,

converter-se em obra de Deus. E o trabalho assim santificado nos identifica com Cristo —perfeito Deus e perfeito Homem—, santificanos e nos aperfeiçoa, fazendo-nos imagem dEle. Em qualquer trabalho honesto o homem pode desenvolver a sua vocação para o amor. Por isso São Josemaria repete que «não faz nenhum sentido dividir os homens em diferentes categorias, conforme os tipos de trabalho, considerando umas ocupações mais nobres do que as outras»[13], porque «a categoria do ofício depende de quem o exercita»[14]. Para São Josemaria, «todo o trabalho» —incluindo certamente o trabalho manual— «é testemunho da dignidade do homem (...), é meio de desenvolvimento da personalidade (...), meio de contribuir para o progresso da sociedade em que se vive e para o progresso de toda a humanidade»[15]. «É hora de que todos nós, cristãos, anunciemos bem alto que o trabalho é um dom de Deus»[16], não um castigo ou uma maldição, mas sim uma realidade querida e bendita pelo Criador antes do pecado original (cfr. Gen 2, 15), uma realidade que o filho de Deus encarnado assumiu em Nazaré, onde levou uma vida de longos anos de trabalho quotidiano em companhia de Santa Maria e de São José, sem brilho humano, mas com esplendor divino. «Nas mãos de Jesus, o trabalho, e um trabalho profissional semelhante àquele que desenvolvem milhões de homens no mundo, converte-se em tarefa divina, em trabalho redentor, em caminho de salvação»[17].

O próprio esforço que exige o trabalho foi elevado por Cristo a instrumento de libertação do pecado, de redenção e de santificação[18]. Não existe trabalho humano limpo que não possa «transformar-se em âmbito e matéria de santificação, em terreno de exercício das virtudes e em diálogo de amor»[19].

Deus tinha formado o homem do barro da terra e tinha-o feito participante do seu poder criador para que aperfeiçoasse o mundo com seu engenho (Gen 2, 7.15). No entanto, depois do pecado, em vez de elevar as realidades terrenas à glória de Deus tom seu trabalho, frequentemente o homem se cega e se degrada. Uns não querem trabalhar; outros fazem-no somente para conseguir os meios económicos de que precisam, ou com outros horizontes meramente

humanos; outros vêem no trabalho um instrumento para a própria afirmação sobre os demais... Mas Jesus, que converteu o barro em colírio para devolver a vista a um cego (cf. Jo 7, 7), emprega o trabalho para curar a nossa cegueira, devolvendo-lhe a sua dignidade de meio para a santidade e o apostolado. Quando descobrimos que é possível santificar o trabalho, tudo se ilumina com um sentido novo, e começamos a ver e amar a Deus —a ser contemplativos— nas situações que antes pareciam monótonas e vulgares, e que então adquirem um alcance eterno e sobrenatural.

Um esplêndido panorama se apresenta diante de nós: «santificar o trabalho, santificar-se no trabalho, santificar com o trabalho»[20]. Somos protagonistas do desígnio divino de pôr a Cristo no cume de todas as actividades humanas. Desígnio que Deus quis que São Josemaria compreendesse com a visão clarividente que o levava a escrever, cheio de fé na graça e de confiança naqueles que receberiam a sua mensagem:

«Contemplo já, ao longo dos tempos, até ao último de meus filhos —porque somos filhos de Deus, repito— agir profissionalmente, com sabedoria de artista, com felicidade de poeta, com segurança de maestro e com um pudor mais persuasivo que a eloquência, buscando —ao ir atrás da perfeição cristã na sua profissão e em seu estado no mundo— o bem de toda a humanidade.» [21]

*Como é preciosa a vossa bondade, ó Deus! À sombra de vossas asas se refugiam os filhos dos homens (...). Em vós está a fonte da vida, e é na vossa luz que vemos a luz (Sal 35, 8.10).* A Santíssima Trindade concedeu a São Josemaria a sua luz para que contemplasse profundamente o mistério de Jesus Cristo, *luz dos homens* (Jo 1, 4). Outorgou-lhe: «Uma vivíssima contemplação do mistério do Verbo Encarnado, graças ao qual compreendeu com profundidade que a estrutura das realidades humanas se compenetra intimamente, no coração do homem renascido em Cristo, com a economia da vida sobrenatural, convertendo-se assim em lugar e meio de santificação.»[22]

O magistério de São Josemaria já iluminou a vida de uma multidão de homens e mulheres das mais diversas condições e culturas, que empreenderam a aventura de ser santos na naturalidade da vida ordinária. Uma aventura de amor abnegado e forte, que cumula de felicidade a alma e semeia no mundo *a paz de Cristo* (cf. Ef 1, 10).

São João Paulo II fez o convite a seguir fielmente o exemplo de São Josemaria: «Seguindo as pegadas de vosso Fundador, prossegui com zelo e fidelidade vossa missão. Mostrai com vosso esforço diário que o amor de Cristo pode animar todo o arco da existência»[23].

Contamos sobretudo com a intercessão de Nossa Mãe. A ela pedimos que nos prepare diariamente o caminho da santidade na vida ordinária e no-lo conserve sempre.

### **Voltar ao índice**

[1] Cf. Josemaria Escrivá, *Temas actuais do Cristianismo*, nº 24.

[2] *Ibidem*.

[3] S. João Crisóstomo, *In Matth. Hom.*, XLIII, 5.

[4] Josemaria Escrivá, *Temas actuais do Cristianismo*, nº 24.

[5] São João Paulo II, *Alocução* na Audiência aos participantes do Congresso «A grandeza da vida corrente», 12-I-2002, nº 2.

[6] São Josemaria Escrivá, *Carta 9-I-1932*, nºs 91-92. Citado em A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, volume I, págs. 279-280.

[7] Conc. Vaticano II, Constituição pastoral *Gaudium et spes*, nº 35.

[8] São Josemaria Escrivá, *Carta 15-X-1948*, nº 20.

[9] Josemaria Escrivá, *Temas actuais do Cristianismo*, nº 10.

- [10] Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, nº 57.
- [11] *Idem*, nº 56.
- [12] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, nº 65.
- [13] *Idem*, nº 47.
- [14] *Apontamentos da pregação* (AGP, P10, n. 62).
- [15] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, nº 47.
- [16] *Ibidem*.
- [17] Josemaria Escrivá, *Temas actuais do Cristianismo*, nº 55.
- [18] Cf. Ernst Burkhardt e Javier López, *Vida quotidiana y santidad en la enseñanza de san Josemaria*, vol. III, pág. 43 e segs.
- [19] São João Paulo II, *Alocução* na Audiência aos participantes do Congresso «A grandeza da vida corrente», 12-I-2002, n. 2.
- [20] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, nº 45.
- [21] São Josemaria Escrivá, *Carta 9-I-1932*, nº 4.
- [22] Congregação para as Causas dos Santos, *Decreto sobre o exercício heróico das virtudes do Servo de Deus Josemaria Escrivá de Balaguer*, Fundador do Opus Dei, 9-IV-1990, §3.
- [23] São João Paulo II, *Alocução* na Audiência aos participantes do Congresso «A grandeza da vida corrente», 12-I-2002, nº 4.

## SANTIFICAR O DESCANSO

*Terminou Deus no dia sétimo a obra que tinha feito, e descansou no dia sétimo de toda a obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou porque nesse dia descansou Deus de toda a obra que tinha realizado na criação (Gen 2, 1-3).*

Estas palavras do Génesis encontram-se resumidas numa frase do livro do Êxodo: *Em seis dias fez o Senhor o céu e a terra, o mar e tudo quanto contém, e no sétimo descansou (Ex 20, 11)*. A doutrina da Igreja aplicou estes textos ao dever de descansar: «O homem tem que imitar a Deus tanto trabalhando quanto descansando, pois Deus mesmo quis apresentar-lhe a própria obra criadora sob a forma de trabalho e de descanso»[1].

Corresponde à pessoa humana prolongar a obra criadora mediante o seu trabalho[2], mas sem esquecer o descanso. O sétimo dia, que Deus santifica, tem um profundo significado: por um lado, é um tempo apropriado para reconhecer a Deus como autor e Senhor de todo o criado; por outro, é uma antecipação do descanso e da alegria definitivos na ressurreição, e uma necessidade para poder continuar a trabalhar.

A mensagem de São Josemaria valoriza muito o trabalho, mas com um limite. Não o glorifica como se fosse o fim último, nem apresenta o sucesso profissional como um ídolo ao qual o homem deve sacrificar a vida. O descanso não é opcional, é um dever da lei moral natural, e um preceito da Igreja, estabelecido como parte constitutiva da santificação das festas[3].

Uma vida submersa unicamente nas fadigas do trabalho, como se tudo dependesse disso, «correria o risco de esquecer que Deus é Criador, do qual tudo depende»[4]. O cristão tem de fazer tudo para a glória de Deus[5], e nesse “tudo” está incluído o descanso, que é parte do caminho de santificação. «Tudo é meio de santidade: o trabalho e o descanso (...): em tudo devemos amar e cumprir a Vontade de Deus»[6].

## **Harmonizar o trabalho e o descanso**

Deus é um Pai que conhece perfeitamente os seus filhos. Ao mesmo tempo que nos convida a colaborar com Ele no aperfeiçoamento da criação mediante o trabalho, manda-nos descansar para reconhecermos que o trabalho não é um fim último da nossa vida, e para não esquecermos os nossos limites, nem a condição frágil e quebradiça da nossa natureza. A chamada divina ao trabalho inclui o dever de interrompê-lo, a obrigação do descanso. «De facto, a alternância de trabalho e descanso, inscrita na natureza humana, foi querida pelo próprio Deus»[7].

Sobrestimar as próprias forças poderia dar lugar a danos à saúde física e psíquica, que Deus não quer, e que seriam obstáculo para o serviço aos outros. São João Paulo II escreve: «o repouso é coisa “sagrada”, constituindo a condição necessária para o homem se subtrair ao ciclo, por vezes excessivamente absorvente, dos afazeres terrenos, e retomar consciência de que tudo é obra de Deus»[8].

Certamente há momentos nos quais o Senhor pode pedir esforços que acarretem um maior desgaste, mas essas situações têm de ser moderadas na direção espiritual, porque somente então teremos a garantia de que é Deus quem o pede e que não nos enganamos com motivos humanos pouco claros.

São Josemaria incentivava a trabalhar com intensidade, combatendo a preguiça e a desordem, mas acrescentava: «Como é que trabalhará o burro se não lhe dão de comer nem dispõe de algum tempo para restaurar as forças...?»[9] «Parece-me, por isso, oportuno lembrar-vos da conveniência do descanso. Se a doença bater à porta, recebê-la-emos com alegria, como vinda das mãos de Deus, mas não a devemos provocar com a nossa imprudência: somos homens, e temos necessidade de repor as forças do nosso corpo»[10].

A vida do Beato Álvaro del Portillo é um exemplo grandioso de disponibilidade para trabalhar com espírito de sacrifício heroico e, ao

mesmo tempo, de docilidade para descansar o necessário.

O descanso não consiste no simples ócio, no sentido de “moleza”. Não deve ser entendido negativamente, mas sim como uma atitude positiva. «O descanso não é não fazer nada: é distrairmo-nos em actividades que exigem menos esforço»[11]. O descanso de Deus ao concluir a criação não é inatividade. Lê-se na Sagrada Escritura, no contexto da obra criadora, que *Deus brinca com o orbe da terra e que suas delícias são estar com os filhos dos homens* (Prov. 8, 31). Também o descanso do homem é uma actividade recreativa, e não a simples abstenção do trabalho.

A razão de ser do descanso é o trabalho, e não o contrário. Descansa-se para trabalhar, não se trabalha para descansar, ou para obter meios económicos que permitam entregar-se ao ócio. Concluída a criação, Deus descansou da sua obra, mas também seguiu agindo: «Opera com a força criadora, sustentando na existência o mundo que chamou do nada ao ser, e opera com a força salvífica nos corações dos homens (cf. Heb 4, 1; 9-16), os quais destinou desde o princípio ao descanso em união consigo mesmo, na casa do Pai» (cf. Jo 14, 2)[12].

«Sempre entendi o descanso como um afastar-se do acontecer diário, nunca como dias de ócio. Descanso significa represar: acumular forças, ideais, planos... Em poucas palavras: mudar de ocupação, para voltar depois —com novos brios— às tarefas habituais»[13].

São Josemaria considera a distração e o descanso «tão necessários quanto o trabalho na vida de cada um»[14].

## **Matéria de santificação**

O descanso é positivamente matéria de santificação. Não é só uma exigência da santificação das festas, um deixar de trabalhar que permite dedicar tempo ao culto divino, mas também uma actividade



que há de ser santificada. Assim como o cristão tem de “trabalhar em Cristo” —viver a vida de Cristo no trabalho—, igualmente deve “descansar em Cristo”. Esta expressão pode-se referir ao repouso eterno, mas também se aplica ao descanso nessa terra. “Descansar em Cristo” significa, de um lado, abandonar nele todas as preocupações (cf. Mt 11, 28-30), o que é possível a todo o momento, inclusive no meio do trabalho. Por outro lado, pode-se referir ao tempo dedicado especificamente ao descanso, e então “descansar em Cristo” significa buscar nesses momentos a união com Ele, a que o Senhor nos convida quando diz aos Apóstolos: *Vinde à parte, para algum lugar deserto, e descansai um pouco* (Mc 6, 31)[15]. Jesus queria que os seus amigos descansassem com Ele, e «não recusava o descanso que lhe ofereciam as suas amizades»[16]. A união com Cristo não deve conhecer pausas: o descanso não é um parêntesis no trato com Ele.

Em ambientes onde existe uma competitividade exagerada que tende a absorver quase todo o tempo disponível, é especialmente importante não perder a visão cristã do descanso. De maneira particular: «O descanso dominical e festivo adquire uma dimensão “profética”, defendendo não só o primado absoluto de Deus, mas também o primado e a dignidade da pessoa sobre as exigências da vida social e económica, e antecipando de certo modo os “novos céus” e a “nova terra”, onde a libertação da escravidão das necessidades será definitiva e total. Em resumo, o dia do Senhor, na sua forma mais autêntica, torna-se também *o dia do homem*»[17].

### **Descansar como filhos de Deus**

Com a plenitude da Revelação, em Cristo, alcançamos uma compreensão mais plena do trabalho e do descanso, inseridos na dimensão salvadora: o descanso, como antecipação da Ressurreição, ilumina a fadiga do trabalho como união à Cruz de Cristo.

Assim como, em Cristo, Cruz e Ressurreição formam uma unidade inseparável, ainda que sejam dois acontecimentos históricos sucessivos, analogamente, o trabalho e o descanso devem estar integrados em unidade vital. Por isso, além da sucessão temporal da troca de ocupação que supõe o descanso à parte do trabalho, trabalha-se e descansa-se no Senhor: trabalha-se e descansa-se como filhos de Deus.

Esta nova perspectiva introduz o descanso no próprio trabalho, realizando-o como uma tarefa filial, sem tirar o que tem de esforço e fadiga. O que fica excluído é outro género de cansaço bem distinto, que procede de procurar no trabalho principalmente a afirmação pessoal e de trabalhar somente por motivos humanos. Esse cansaço Deus não o quer: *Inútil levantar-vos antes da aurora, e atrasar até alta noite o vosso descanso, para comer o pão de um duro trabalho* (Sal 126, 2).

«Descansai, filhos, na filiação divina. Deus é um Pai, cheio de ternura, de infinito amor. Chamai-O Pai muitas vezes, e dizei-lhe —a sós— que O amais, que O amais muitíssimo: que sentis o orgulho e a força de ser seus» «filhos»[18].

Nós, filhos de Deus, achamos descanso no abandono filial de quem sabe que, por trás das dificuldades e preocupações próprias da nossa condição terrena, há um Pai eterno e onnipotente, que nos ama e nos sustém.

Saber-se filhos de Deus —outros Cristos, o próprio Cristo— conduz a um trabalho mais sacrificado e abnegado, em que se abraça a Cruz de cada dia com o amor do Espírito Santo, para cumprir a Vontade de Deus sem desfalecer. O sentido da filiação divina move-nos a trabalhar sem descanso, porque o cansaço do trabalho passa a ser redentor. Então, vale a pena empenhar-nos com todas as energias na tarefa, já que não obtemos apenas frutos materiais, mas também levamos o mundo a Cristo.

No episódio da Transfiguração narra-se que *seis dias depois de anunciar a sua Paixão e morte, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e*

*João, seu irmão, e conduziu-os à parte a uma alta montanha. Lá se transfigurou na presença deles* (Mt 17, 1-4). São Tomás, comentando essa passagem, relaciona os seis dias depois, pelos quais o Senhor decidiu para manifestar aos seus discípulos uma antecipação da Ressurreição gloriosa, com o dia sétimo em que Deus descansou da obra criadora[19]. Os três discípulos, admirados da glória do Senhor, expressam a alegria de contemplá-lo e o desejo de prolongar essa antecipação do Céu: *Senhor, é bom estarmos aqui. Se queres, farei aqui três tendas*. Mas esse momento não se devia perpetuar ainda. O gozo que o Tabor haveria de lhes dar, no entanto, esperança para continuar o caminho que, passando pela Cruz, conduz à Ressurreição.

Santificar o descanso, e especialmente o descanso dominical — paradigma do descanso cristão que celebra a Ressurreição do Senhor —, ajuda a descobrir o sentido de eternidade, e contribui para renovar a esperança: «O domingo significa o dia realmente único que virá após o tempo actual, o dia sem fim, que não conhecerá tarde nem manhã, o século eterno que não poderá envelhecer; o domingo é o prenúncio incessante da vida sem fim, que reanima a esperança dos cristãos e os estimula no seu caminho»[20].

### **Santificar as diversões no lar e fora do lar**

Os primeiros cristãos viviam a sua fé num ambiente hedonista e pagão. Desde o princípio, deram-se conta de que o seguimento de Cristo não era compatível com formas de descanso e de diversão que desumanizam ou degeneram. Numa homilia, Santo Agostinho referia-se com palavras enérgicas à assistência a espetáculos deste tipo: «Nega-te a ir, reprimindo no teu coração a concupiscência temporal, e mantém-te numa atitude forte e perseverante»[21].

É preciso discernir, «entre os meios da cultura humana e as diversões que a sociedade proporciona, aqueles que estão mais de acordo com uma vida segundo os preceitos do Evangelho»[22].

Com valentia e verdadeira preocupação pelo bem dos outros, devemos esforçar-nos para selecionar diversões dignas, que correspondam ao sentido cristão do repouso. Antes de tudo no próprio lar: é necessário aprender a descansar em família, superando a comodidade e a tendência a pensar somente em si mesmo, e ocupar-se activamente do descanso dos outros. Não é pouca a atenção necessária para escolher os programas de televisão mais convenientes, e vê-los junto aos filhos pequenos. Também é preciso evitar a solução fácil de deixar os filhos um pouco mais velhos sozinhos à frente da TV ou a navegar na internet. A família tem de ser uma escola em que todos os membros aprendam a descansar pensando uns nos outros.

Mas não só se descansa no próprio lar. O Beato Álvaro del Portillo, seguindo o ensinamento de São Josemaria, considerava importante a criação de lugares «onde impere um tom cristão nas relações sociais, nas diversões, no aproveitamento do tempo livre»[23]. O Concílio Vaticano II animou todos os cristãos a cooperar na imponente tarefa de conseguir «que as manifestações e actividades culturais colectivas, características do nosso tempo, sejam penetradas de espírito humano e cristão»[24]. Em Jesus, Maria e José, vemos esse equilíbrio harmónico.

«Família, trabalho, festa: três dons de Deus, três dimensões da nossa existência que têm de encontrar um equilíbrio harmónico»[25]. A vida familiar e o trabalho não impediam os três de participar nas festas: *Iam todos os anos a Jerusalém para a festa da Páscoa* (Lc 2, 41). Esse também é um modo de descansar, de cultivar a relação com os amigos, de conhecer outras famílias e de dar vigor à sociedade.

A Igreja necessita de pessoas que se dediquem, com mentalidade laical, a este campo da nova evangelização. «Urge recristianizar as festas e os costumes populares. — Urge evitar que os espetáculos públicos se vejam nessa disjuntiva: ou piegas ou pagão. Pede ao Senhor que haja quem trabalhe nessa tarefa urgente, a que podemos chamar “apostolado da diversão”» [26].

## Voltar ao índice

[1] São João Paulo II, Encíclica *Laborem Exercens*, 14-IX-1981, nº 25.

[2] Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2184.

[3] Cf. Concílio Vaticano II, Constituição pastoral *Gaudium et spes*, nº 67; *Código de Direito Canónico*, c. 1247; *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2184 e segs.; São João Paulo II, Carta *Dies Domini*, 31-V-1998.

[4] São João Paulo II, Carta *Dies Domini*, nº 65.

[5] Cf. I Cor 10, 31.

[6] São Josemaria Escrivá, *A sós com Deus*, nº 29.

[7] São João Paulo II, Carta *Dies Domini*, nº 65.

[8] *Ibidem*.

[9] Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, nº 137.

[10] São Josemaria Escrivá, *Carta 15-X-1948*, nº 14.

[11] Josemaria Escrivá, *Caminho*, nº 357; *Amigos de Deus*, nº 62.

[12] São João Paulo II, Encíclica *Laborem exercens*, 14-IX-1981, nº 25. Cf. Jo 5, 17.

[13] Josemaria Escrivá, *Sulco*, nº 514.

[14] Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, nº 10.

[15] Cf. Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, nº 108.

[16] Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, nº 121.

[17] São João Paulo II, Carta *Dies Domini*, nº 68.

[18] São Josemaria Escrivá, *A sós com Deus*, nº 221.

[19] São Tomás de Aquino, *In Matth. Ev.*, XVII, 1.

- [20] São João Paulo II, Carta *Dies Domini*, nº 26.
- [21] Santo Agostinho, *Sermo 88*, 17.
- [22] São João Paulo II, Carta *Dies Domini*, nº 68.
- [23] Beato Álvaro del Portillo, *Carta pastoral*, 1-VII-1988.
- [24] Concílio Vaticano II, Constituição pastoral *Gaudium et spes*, nº 61.
- [25] Bento XVI, *Homilia em Milão*, 3-VI-2012.
- [26] Josemaria Escrivá, *Caminho*, nº 975.

## O EIXO DA NOSSA SANTIFICAÇÃO

O trabalho profissional ocupa um lugar primordial nos ensinamentos de S. Josemaria entre as outras actividades temporais que podem ser matéria de santificação. De palavra e por escrito, afirma constantemente que a santificação do trabalho «constitui como que o fundamento da verdadeira espiritualidade para aqueles que, como nós, estão decididos a viver na intimidade de Deus, imersos nas realidades temporais.»[1].

«Dentro da espiritualidade laical, a fisionomia espiritual e ascética peculiar da Obra apresenta uma ideia, meus filhos, que é importante destacar. Disse-vos inúmeras vezes, desde 1928, que o trabalho é para nós o eixo ao redor do qual deve girar todo o nosso empenho para conseguir a perfeição cristã. (...) E, ao mesmo tempo, esse trabalho profissional é o eixo ao redor do qual gira todo nosso empenho apostólico»[2].

Este ensinamento é um traço peculiar do espírito que Deus fez S. Josemaria ver em 2 de outubro de 1928. Não é o único modo de orientar a santificação das realidades temporais, mas sim o modo específico e próprio do espírito do Opus Dei.

«A vocação sobrenatural para a santidade e para o apostolado segundo o espírito do Opus Dei confirma a vocação humana ao trabalho (...). Um dos sinais essenciais dessa vocação é precisamente viver no mundo e nele desempenhar um trabalho —contando, volto a dizer, com as próprias imperfeições pessoais— da maneira mais perfeita.»[3]

### **Trabalho profissional**

«A actividade ordinária não é um pormenor de pouca importância, mas o eixo da nossa santificação, oportunidade

contínua de nos encontrarmos com Deus, de louvá-lo e glorificá-lo com a obra da nossa inteligência ou das nossas mãos.»[4]

Nesses textos e em outras muitas ocasiões, S. Josemaria refere-se, com a expressão “eixo da nossa santificação”, umas vezes ao trabalho e outras à santificação do trabalho. Ao trabalho, porque é a própria matéria com que se constrói o eixo; e à santificação do trabalho, porque não basta trabalhar: se o trabalho não é santificado, não serve de eixo para a busca da santidade.

O trabalho que S. Josemaria indica como eixo da vida espiritual não é uma actividade qualquer. Não se trata de tarefas realizadas por passatempo, para cultivar uma inclinação ou por outros motivos, às vezes por necessidade e com esforço. Trata-se precisamente do trabalho profissional: o ofício publicamente reconhecido —*munus publicum*— que cada um realiza como actividade que serve e constrói a sociedade civil, que é objeto de deveres e responsabilidades, assim como de direitos, entre os quais se encontra o da justa remuneração. Por exemplo, o trabalho do arquiteto, do carpinteiro, do professor, o trabalho doméstico... Constituem actividades profissionais.

De certo modo, o ministério sacerdotal também pode ser chamado trabalho profissional —assim o faz algumas vezes S. Josemaria[5]—, pois é uma tarefa pública ao serviço de todas as pessoas e, concretamente, ao serviço da santificação dos fiéis correntes no desempenho das diversas profissões, contribuindo assim à edificação cristã da sociedade, missão que exige a cooperação do sacerdócio comum e do ministerial. Embora seja em si mesmo um ministério sagrado —uma tarefa que não é profana, mas santa—aquele que a realiza não se torna santo automaticamente. O sacerdote tem de lutar para santificar-se no exercício do ministério e, em consequência, pode viver o espírito de santificação do trabalho que o Fundador do Opus Dei ensina, realizando-o com «alma verdadeiramente sacerdotal e mentalidade plenamente laical»[6].

Convém recordar que algumas vezes S. Josemaria também considera trabalho profissional a doença, a velhice e as outras situações da vida que absorvem as energias que seriam dedicadas à



profissão, se fosse possível. Assim como o amor a Deus leva a realizar os deveres profissionais com perfeição, também um doente pode cuidar, no que depende de si, por Deus e com sentido apostólico, das exigências do seu tratamento —exercícios, dieta— e esforçar-se por ser um bom paciente, que sabe obedecer até se identificar com Cristo, *obediente até à morte, e morte de Cruz* (Flp 2, 8). Nesse sentido, «a doença e a velhice, quando chegam, transformam-se em labor profissional. E assim não se interrompe a busca da santidade, segundo o espírito da Obra, que se apoia, como a porta na dobradiça, no trabalho profissional»[7].

Outra situação semelhante, por exemplo, é a de quem procura emprego. O fundador do Opus Dei costumava dizer, indubitavelmente em sentido análogo, que o trabalho “profissional” dessas pessoas nesse momento é precisamente “procurar trabalho”, de modo que devem realizar da melhor maneira possível, por amor a Deus, todas as tarefas que isso exige.

Em todo o caso, como é lógico, quando se fala de trabalho profissional, pensa-se normalmente nas pessoas que exercem a sua profissão civil, não nessas outras situações às quais a expressão se aplica por analogia. No presente capítulo falaremos do trabalho profissional, em sentido próprio e principal, que constitui o eixo ou fulcro da santificação no magistério de S. Josemaria.

### **Na textura da vida diária**

As tarefas familiares, profissionais e sociais formam uma textura que é a matéria de santificação e o terreno de apostolado de um fiel corrente. Essa trama pode ser santificada de várias maneiras. A ensinada por S. Josemaria tem como uma das suas características principais que o eixo da santificação é o trabalho profissional, factor fundamental pelo qual a sociedade civil qualifica os cidadãos[8].

Essa característica tem o seu fundamento nas relações entre a santificação pessoal no meio do mundo e o cumprimento dos deveres

profissionais, familiares e sociais, como se considerará a seguir. Entende-se aqui por mundo a sociedade civil, que os fiéis leigos, com a cooperação do sacerdócio ministerial, devem configurar e impregnar de espírito cristão.

A santificação no meio do mundo exige «a santificação do mundo *ab intra*, a partir das próprias entranhas da sociedade civil»[9], que consiste em «iluminar e ordenar de tal modo as realidades temporais, a que [os fiéis] estão estreitamente ligados, que elas sejam sempre feitas segundo Cristo e progridam e glorifiquem o Criador e Redentor (cf. Ef 1, 10)» [10]. Para levar a cabo essa missão é essencial santificar a família, origem e fundamento da sociedade humana, e sua célula primeira e vital[11]. Contudo, a sociedade não é simplesmente um aglomerado de famílias, assim como um corpo não é só um aglomerado de células.

Há uma organização e uma estrutura, uma vida própria do corpo social. Para iluminar a sociedade com o espírito cristão é necessário santificar, além da família, as relações sociais, criando um clima de amizade e de serviço, cooperando pelas vias de participação social e política no estabelecimento de estruturas —como por exemplo as leis civis— conformes à dignidade da pessoa humana e, portanto, à lei moral natural, e dando tom cristão aos costumes, modas e diversões. No entanto, para isso, as relações sociais não bastam. A sociedade — a sua organização, a sua vida— é configurada, na sua raiz, pelas diversas actividades profissionais, que também influem, de modo profundo, nas próprias relações familiares e sociais.

A santificação do trabalho profissional —com a santificação da vida familiar e social— não é necessária unicamente para modelar a sociedade segundo o querer de Deus, mas também serve de eixo na estrutura que formam essas actividades. Isso não significa que os deveres profissionais sejam mais importantes que as tarefas familiares e sociais, mas que são apoio para a família e a convivência social. Assim como não serviria de nada uma dobradiça sem porta, da mesma maneira não teria sentido —por muito que brilhasse— um trabalho profissional isolado do conjunto, convertido em fim de si

mesmo: um trabalho que não fosse eixo da santificação de toda a vida quotidiana, profissional, familiar e social. Mas ao mesmo tempo, que seria da porta sem o eixo? Para S. Josemaria, o trabalho profissional e o cumprimento dos deveres familiares e sociais não devem entrar em conflito, mas, pelo contrário, são elementos inseparáveis da unidade de vida necessária para a santificação no meio do mundo a partir de dentro.

Além da função peculiar do trabalho para santificar a sociedade por dentro, é necessário considerar que a santificação do trabalho pode ser tomada como eixo da vida espiritual porque dirige a pessoa a Deus em aspectos profundos que precedem a vida familiar e social; aspectos aos quais a própria vida familiar e a social devem servir. Com efeito, com palavras do Concílio Vaticano II, «a pessoa humana, uma vez que, por sua natureza, necessita absolutamente da vida social, é e deve ser o princípio, o sujeito e o fim de todas as instituições sociais» [12].

Ao falar de instituições sociais incluem-se, como indica pouco depois o mesmo documento, «a família e a sociedade política, [que] correspondem mais imediatamente à sua natureza íntima [à natureza íntima do homem]» [13]. Portanto, a família e a sociedade dirigem-se totalmente ao bem da pessoa, que precisa da vida social. Por outro lado, cabe à pessoa procurar o bem da família e da sociedade com todo seu ser e agir, mesmo que não se dirija totalmente a esse bem. Em sentido estrito, a pessoa somente se dirige totalmente à união com Deus, à santidade[14].

O trabalho pode ser eixo de toda a vida espiritual porque, além de servir ao bem da família e à configuração cristã da sociedade, é campo para o aperfeiçoamento do homem e para a sua ordenação a Deus em aspectos que não estão incluídos na vida familiar e social, por serem específicos do âmbito profissional: a justiça nas relações laborais, a responsabilidade no próprio trabalho, a laboriosidade, as muitas manifestações de fortaleza, constância, lealdade e paciência... Isto para mencionar somente alguns exemplos.

É a todo esse conjunto de elementos que S. Josemaria se refere quando convida a considerar que: «O trabalho é o meio pelo qual o homem se insere na sociedade, o meio pelo qual se une ao conjunto das relações humanas, o instrumento que lhe assinala um lugar, uma posição na convivência dos homens. O trabalho profissional e a existência no mundo são duas faces da mesma moeda, são duas realidades que se exigem mutuamente, sem que seja possível entender uma à margem da outra»[15].

Em suma, o juízo de que a santificação do trabalho é o “eixo” da santificação no meio do mundo está solidamente fundado na visão cristã da pessoa e da sociedade, tanto por causa da missão de santificar a sociedade a partir de dentro, pois ela se configura principalmente pelos diversos trabalhos profissionais, como pela santificação pessoal no cumprimento dessa missão, já que a santificação do trabalho serve à ordenação total da pessoa a Deus: não só contribui para ordenar cristãmente a vida familiar e social, mas também para a completa identificação com Cristo através do aperfeiçoamento das dimensões da pessoa que não se encontram englobadas nos âmbitos familiar e social.

### **A vocação profissional**

Por ser o trabalho o eixo da vida espiritual, compreende-se que S. Josemaria afirme que a «vocação profissional não é só uma parte, mas sim uma parte principal da nossa vocação sobrenatural»[16].

Cada um descobre a sua vocação profissional pelas qualidades e aptidões que recebeu de Deus, pelos deveres a cumprir no lugar e nas circunstâncias em que se encontra, pelas necessidades da sua família e da sociedade, pelas possibilidades reais de exercer um ofício ou outro. Tudo isso —e não somente os gostos ou as inclinações e menos ainda os caprichos da fantasia— é o que configura a vocação profissional de cada um. Chama-se *vocação* porque esse conjunto de factores representa uma chamada de Deus para escolher a actividade

profissional mais conveniente como matéria de santificação e apostolado.

Não podemos esquecer-nos de que a vocação profissional é parte de nossa vocação divina «na medida em que é meio para nos santificarmos e para santificar os outros»[17]; e, portanto: «Se em algum momento a vocação profissional implica um obstáculo, (...) se absorve de tal modo que dificulta ou impede a vida interior ou o fiel cumprimento dos deveres de estado (...), não é parte da vocação divina, porque já não é vocação profissional»[18].

Posto que a vocação está determinada em parte pela situação de cada um, não é uma chamada para exercer um trabalho profissional fixo e predeterminado, independentemente das circunstâncias. «A vocação profissional é algo que se vai concretizando ao longo da vida: não poucas vezes aquele que começou uns estudos descobre depois que está melhor dotado para outras tarefas, e dedica-se a elas; ou acaba por se especializar num campo diferente daquele que previu no princípio; ou encontra, já em pleno exercício da profissão que escolheu, um novo trabalho que lhe permite melhorar a posição social dos seus, ou contribuir mais eficazmente para o bem da colectividade; ou vê-se obrigado, por razões de saúde, a trocar de ambiente e de ocupação»[19].

A vocação profissional é uma chamada a desempenhar uma profissão na sociedade. Não qualquer, mas sim aquela —dentro das que se apresentam como possíveis— através da qual melhor se pode alcançar o fim sobrenatural a que se dirige o trabalho como matéria e meio de santificação e apostolado, e com a qual cada um «ganha a vida, mantém a família, contribui para o bem comum, desenvolve a personalidade»[20]. Não se deve optar pelo trabalho mais simples como se tanto fizesse, nem orientar a própria escolha superficialmente por gosto ou por brilho humano. O critério de escolha deve ser o amor a Deus e às almas: o serviço que podemos prestar à extensão do Reino de Cristo e ao progresso humano, fazendo render os talentos que recebemos.

Quando o eixo está bem encaixado e lubrificado, a porta gira com segurança e suavidade. Quando o trabalho está firmemente assente no sentido da filiação divina, quando é o trabalho de um filho de Deus —obra de Deus, como o trabalho de Cristo— toda a estrutura da vida se pode movimentar com harmonia, abrindo as entranhas da sociedade à graça divina. Quando o eixo está ausente, porém, como será possível empapar a sociedade de espírito cristão? E quando o eixo está enferrujado, ou torto, ou fora de lugar, de que servirá, mesmo que seja feito de um metal valioso?

Mais: quando surgem conflitos entre o trabalho profissional e as tarefas familiares e sociais, se ele as dificulta, complica e até paralisa, será necessário questionar o valor de um eixo sem porta. E, sobretudo, e na raiz de tudo, se o trabalho está desvinculado do seu fundamento, que é a filiação divina, se não fosse um trabalho santificado, que sentido teria para um cristão?

«Vamos pedir luz a Jesus Cristo Senhor Nosso e suplicar-lhe que nos ajude a descobrir em cada instante esse sentido divino que transforma a nossa vocação profissional no eixo sobre o qual assenta e gira a nossa chamada à santidade. Veremos no Evangelho que Jesus era conhecido como *faber, filius Mariae*, o operário, o filho de Maria. Pois bem, também nós, com um orgulho santo, temos que demonstrar com as nossas obras que somos trabalhadores! Homens e mulheres de trabalho!»[21]

### **Voltar ao índice**

[1] S. Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, nº 61.

[2] S. Josemaria Escrivá, *Carta 25-I-1961*, nº 10.

[3] S. Josemaria Escrivá, *Temas Actuais do Cristianismo*, nº 70.

[4] S. Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, nº 81.

[5] Cf. S. Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, nº 265.

[6] S. Josemaria Escrivá, Carta 28-III-1955, nº 3, citada por A. de Fuenmayor, V. Gómez Iglesias, J. L. Illanes, *El itinerario jurídico del Opus Dei, historia y defensa de un carisma*, Eunsa, Pamplona, 1989, pág. 286.

[7] *Apontamentos da pregação* (AGP, Po1 III-65, pág. 11).

[8] Cf. Ernst Burkhardt e Javier López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de san Josemaría*, volume III, pág. 222 e segs.

[9] S. Josemaria Escrivá, *Carta 14-II-1950*, nº 20.

[10] Concílio Vaticano II, Constituição dogmática *Lumen gentium*, nº 31.

[11] Cf. Concílio Vaticano II, Decreto *Apostolicam actuositatem*, 18-XI-1965, nº 11.

[12] Concílio Vaticano II, Constituição pastoral *Gaudium et spes*, nº 25.

[13] *Ibidem*.

[14] Cf. São Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, I-II, q. 21, a. 4, ad 3.

[15] S. Josemaria Escrivá, *Carta 6-V-1945*, n. 13.

[16] Texto de 31-V-1954, citado por José Luis Illanes em *La santificación del trabajo*, Palabra, Madrid, 1981, pág. 42.

[17] S. Josemaria Escrivá, *Carta 15-X-1948*, nº 7.

[18] *Ibidem*.

[19] *Idem*, nº 33.

[20] S. Josemaria Escrivá, *Temas Actuais do Cristianismo*, nº 70.

[21] S. Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, nº 62.

## TRABALHAR POR AMOR

«O homem não pode limitar-se a fazer coisas, a construir objectos. O trabalho nasce do amor, manifesta o amor, ordena-se ao amor»[1]. Ao lermos estas palavras de S. Josemaria, é possível que nos surjam na alma algumas perguntas que abram caminho a um diálogo sincero com Deus: Trabalho para quê? Como faço o meu trabalho? Que pretendo, que procuro com o meu trabalho profissional? É a hora de nos lembrarmos de que o fim da nossa vida não é fazer coisas, mas amar a Deus. «A santidade não consiste em fazer coisas cada dia mais difíceis, mas em fazê-las cada dia com mais amor»[2].

Muita gente trabalha —e trabalha muito— mas sem santificar o seu trabalho. Fazem coisas, constroem objectos, procuram obter resultados, por sentido do dever, para ganhar dinheiro ou por ambição. Umas vezes triunfam e outras fracassam; alegram-se ou entristecem-se; sentem interesse e paixão pelo seu trabalho, ou então decepcionam-se e aborrecem-se. Têm satisfações de mistura com inquietações, medos e preocupações; uns deixam-se levar pela tendência para a actividade, outros pela preguiça; outros procuram evitar a todo o custo o cansaço...

Tudo isto tem um ponto comum: pertence a um único plano, ao plano da natureza humana ferida pelas consequências do pecado, com os seus conflitos e contrastes, tal qual um labirinto no qual o homem que *vive segundo a carne*, em palavras de S. Paulo —o *animalis homo*[3]—, vagueia perdido, indo de um lado para o outro, sem dar com o caminho da liberdade e do seu sentido.

Esse caminho e esse sentido só se descobrem quando erguemos o olhar e contemplamos a vida e o trabalho aqui na terra sob a luz de Deus, que nos vê lá do alto. «As pessoas» —escreve S. Josemaria em *Caminho*— «têm uma visão plana, pegada à terra, de duas dimensões. Quando a tua vida for sobrenatural, obterás de Deus a



terceira dimensão: a altura. E, com ela, o relevo, o peso e o volume»[4].

## **O trabalho nasce do amor**

Que significa então, para um cristão, que «o trabalho nasce do amor, manifesta o amor, ordena-se ao amor?»[5]

Convém primeiro considerar a que amor se refere S. Josemaria. Há um amor chamado de concupiscência, quando se ama alguma coisa para satisfação do nosso gosto sensível ou do desejo de prazer (*concupiscentia*). Não é, em última análise, deste amor que se trata quando um filho de Deus trabalha, se bem que muitas vezes trabalhe com gosto e o apaixone o seu trabalho profissional.

Um cristão não pode trabalhar apenas ou principalmente quando lhe apetece imenso ou quando as coisas lhe correm bem. O trabalho de um cristão tem a sua origem num outro amor muito mais elevado: o amor de benevolência, que pretende directamente o bem de outra pessoa (*benevolentia*), e não já o interesse pessoal. Se o amor de benevolência é mútuo chama-se *amor de amizade*[6], que é tanto maior quanto mais se estiver disposto, não só a dar algo pelo bem de um amigo, mas a entregar-se a si mesmo: *Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos*[7].

Como cristãos, podemos amar a Deus com amor de amizade sobrenatural, pois Ele nos tornou seus filhos e quer que o tratemos com confiança filial, e vejamos nos outros seus filhos nossos irmãos. A este amor se refere o fundador do Opus Dei, ao escrever que «o trabalho nasce do amor:» é o amor dos filhos de Deus, o amor sobrenatural a Deus e aos outros, por Deus: *o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*[8].

Querer o bem de uma pessoa não nos leva a satisfazer sempre as suas vontades. Pode acontecer que o que ela quer não seja um bem,

como sucede muito amiúde com as mães, que não dão aos filhos o que estes lhes pedem, se isso lhes pode ser prejudicial. Amar a Deus, por outro lado, é sempre querer a sua vontade, porque a vontade de Deus é o bem.

Por isso, para um cristão, o trabalho tem a sua origem no amor a Deus, já que o amor filial nos leva a querer cumprir a sua vontade, e a vontade divina é que trabalhemos[9].

Dizia S. Josemaria que, por amor a Deus, queria trabalhar como «um burrinho de nora»[10]. E Deus abençoou-lhe a generosidade, derramando copiosamente a sua graça, o que produziu inumeráveis frutos de santidade no mundo inteiro. Vale, portanto, a pena perguntarmo-nos com frequência por que razão trabalhamos. Por amor a Deus ou por amor próprio? Pode parecer que existam outras razões possíveis, por exemplo, que se pode trabalhar por necessidade. Isto mostra que não se fez um exame profundo, pois a necessidade não é a resposta definitiva.

Também temos de nos alimentar por necessidade, para viver, mas para que queremos viver: *para a glória de Deus*, como nos exorta S. Paulo[11], ou para a nossa glória pessoal? Pois para isso mesmo nos alimentamos e trabalhamos. Esta é a pergunta radical, aquela que chega ao fundamento. Não há mais alternativas. Quem se examinar sinceramente, pedindo a luz de Deus, descobre com clareza onde em última análise tem o seu coração ao desempenhar o seu trabalho profissional. E o Senhor lhe concederá também a sua graça para se decidir a purificá-lo e a dar todo o fruto de amor que Ele espera dos talentos que lhe confiou.

## **O trabalho é manifestação do amor**

O trabalho de um cristão manifesta o amor, não só porque é o amor a Deus que o leva a trabalhar, como já considerámos, mas também porque o leva a trabalhar bem, pois Deus assim o quer. O trabalho humano é, de facto, participação na obra criadora[12], e Ele

—que tudo criou por Amor— quis que as suas obras fossem perfeitas: *Dei perfecta sunt opera*[13], e que nós imitemos o seu modo de operar.

Modelo perfeito do trabalho humano é o trabalho de Cristo, de quem o Evangelho diz que fez tudo bem[14]. Estas palavras de louvor, que brotavam espontaneamente dos lábios de quem via os seus milagres, realizados por virtude da sua divindade, podem também aplicar-se —assim o faz S. Josemaria— ao trabalho na oficina de Nazaré, realizado por virtude da sua humanidade. Era um trabalho realizado por amor ao Pai e a nós. Um trabalho que mostrava esse Amor pela perfeição com que era feito. Não somente perfeição técnica, mas fundamentalmente perfeição humana: perfeição de todas as virtudes que o amor consegue pôr em exercício, dando-lhes um tom inconfundível: o tom da felicidade de um coração pleno de Amor, que arde em desejos de entregar a própria vida. O trabalho profissional de um cristão manifesta amor a Deus quando está bem feito. Não significa isto que o resultado seja bom, mas que se procurou realizá-lo da melhor maneira possível, usando os meios disponíveis naquelas circunstâncias concretas.

Entre o trabalho de uma pessoa que actua por amor-próprio e o dessa mesma pessoa, se começa a trabalhar por amor a Deus e aos outros, há tanta diferença como entre o sacrifício de Caim e o de Abel. Este último trabalhou para oferecer o melhor a Deus, e a sua oferenda foi agradável ao Céu. Outro tanto espera de nós o Senhor.

Para um católico, trabalhar não é cumprir, é amar: «exceder-se alegremente e sempre, no dever e no sacrifício»[15]. «Realizai, pois, o vosso trabalho, sabendo que Deus o contempla: *laborem manuum mearum respexit Deus* (Gn. 31,42). O nosso trabalho deve, portanto, ser santo e digno dele: não apenas bem acabado ao pormenor, mas realizado com rectidão moral, com honradez, com nobreza, com lealdade, com justiça»[16]. «Assim, o trabalho profissional não se restringe a ser recto e santo, converte-se em oração»[17].

Se uma pessoa trabalha por amor a Deus, a sua actividade profissional demonstra de um modo ou outro esse seu amor. É muito provável que um simples olhar a várias pessoas que estejam a realizar a mesma actividade não seja suficiente para captar o motivo pelo qual a realizam. Mas, se se pudesse observar com mais pormenor e atenção, no seu conjunto, o comportamento dessas pessoas no seu trabalho —não apenas os aspectos técnicos, mas também as relações humanas com os outros colegas, o espírito de serviço, o modo de viver a lealdade, a alegria e outras virtudes—, seria difícil que passasse despercebido, a existir realmente em algum deles, o *bonus odor Christi*[18], o aroma do amor de Cristo que é a substância do seu trabalho.

No final dos tempos —ensina Jesus— *de dois que estiverem num campo, um será tomado e o outro será deixado. De duas mulheres que estiverem a moer com a mó, uma será tomada e a outra deixada*[19]. Estavam a realizar o mesmo trabalho, mas não do mesmo modo: um era agradável a Deus e o outro não.

No entanto, o ambiente materialista que nos rodeia pode fazer-nos esquecer que estamos chamados à vida eterna, e a pensar unicamente nos bens imediatos. É por esta razão que S. Josemaria afirma: «trabalhai na presença de Deus, sem ambições de glória humana. Há quem veja no trabalho um meio para conquistar honras, ou para adquirir poder ou riqueza que lhes satisfaça a ambição pessoal, ou para sentir orgulho na sua capacidade de trabalho»[20].

Num clima assim, como se pode deixar de notar que se trabalha por amor a Deus? Como passará despercebida a justiça informada pela caridade, que não é simplesmente uma justiça dura e seca? Ou a honradez face a Deus, e não a honradez interesseira, para os outros verem? Ou a ajuda, o favor, o serviço aos outros, prestados por amor a Deus e não por cálculo?

Se o trabalho não manifesta o amor a Deus, será talvez porque se está a apagar o fogo do amor. Se não se nota o calor, se, depois de um certo tempo de trato diário com os colegas de profissão, eles não sabem se têm a seu lado um cristão íntegro ou simplesmente um

homem correto e cumpridor, então é possível que *o sal se tenha tornado insosso*[21]. O amor a Deus não precisa de etiquetas para se dar a conhecer. É contagioso, é, por si, difusivo como o maior dos bens.

O meu trabalho põe em evidência o meu amor a Deus? Quanta oração pode brotar desta pergunta!

### **O trabalho ordena-se ao amor**

Um trabalho realizado por amor e com amor é um trabalho que se ordena ao amor: ao crescimento do amor em quem o realiza, ao crescimento da caridade, essência da santidade, essência da perfeição humana e sobrenatural de um filho de Deus. Um trabalho, portanto, que nos santifica.

Santificar-se no trabalho não é senão deixar-se santificar pelo Espírito Santo, Amor subsistente intra-trinitário que habita na nossa alma em graça e infunde em nós a caridade. É cooperar com Ele, pondo em prática, no exercício do nosso trabalho profissional, o amor que Ele derrama nos nossos corações. Porque, se somos dóceis à sua acção, se, ao trabalhar, agimos por amor, o Paráclito santifica-nos: faz crescer a caridade, a capacidade de amar e de ter uma vida contemplativa cada vez mais profunda e contínua.

Que o trabalho se ordena ao amor e, portanto, à nossa santificação, significa igualmente que nos aperfeiçoa: que se ordena à nossa identificação com Cristo, *perfectus Deus, perfectus homo*[22], perfeito Deus e homem perfeito. Trabalhar por amor a Deus e aos outros por Deus exige que ponhamos em prática as virtudes cristãs. Antes de mais, a fé e a esperança, virtudes que a caridade pressupõe e vivifica. Em seguida, as virtudes humanas, através das quais a caridade opera e se exercita. O trabalho profissional deverá ser *um campo de treino onde se exercitam as mais variadas virtudes humanas e sobrenaturais: laboriosidade, ordem, aproveitamento do tempo, fortaleza para completar as tarefas, cuidado das coisas*

*pequenas...; e muitos pormenores de atenção aos outros, que são demonstrações de caridade sincera e delicada*[23]. A prática das virtudes humanas é imprescindível para se ser contemplativo no meio do mundo, e concretamente para transformar o trabalho profissional em oração e oferenda agradável a Deus, em meio e ocasião de vida contemplativa.

«Contemplo, porque trabalho; e trabalho, porque contemplo» [24], comentava S. Josemaria em certa ocasião. O amor e o conhecimento de Deus —a contemplação— levavam-no a trabalhar, e por isso afirma: «trabalho, porque contemplo». E esse trabalho convertia-se em meio de santificação e de contemplação: «contemplo, porque trabalho».

É como um movimento circular —da contemplação ao trabalho e do trabalho à contemplação— que se vai estreitando cada vez mais em torno do seu centro, Cristo, que nos atrai a si, atraindo connosco todas as coisas, para que *por Ele, com Ele e nele a Deus Pai seja dada toda a honra e toda a glória, na unidade do Espírito Santo*[25].

A realidade de que o trabalho de um filho de Deus se ordena ao amor e por isso o santifica é o motivo profundo para se não poder falar, sob a perspectiva da santidade —que, afinal, é o que conta— de profissões de maior ou de menor categoria.

A« dignidade do trabalho está fundamentada no Amor»[26]. «Todos os trabalhos podem ter a mesma qualidade sobrenatural: não há tarefas grandes ou pequenas; todas são grandes, se são feitas por amor. As que se têm por tarefas grandes tornam-se pequenas quando se perde o sentido cristão da vida» [27].

Se falta a caridade, o trabalho perde o seu valor diante de Deus, por brilhante que pareça aos homens. E *ainda que ... conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, ... se não tivesse caridade, não seria nada*[28], escreve S. Paulo. O que importa é «o empenho por fazer divinamente as coisas humanas, grandes ou pequenas, pois pelo Amor todas adquirem uma nova dimensão»[29].

## Voltar ao índice

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n° 48.

[2] São Josemaria, *Anotações da pregação* (AGP, P10, n. 25), cit. por Ernst Burkhardt e Javier López, *Vida Cotidiana y santidad en la enseñanza de san Josemaría*, Rialp, Madrid 2013, vol. II, p. 295.

[3] Cfr. I Cor 2, 14.

[4] S. Josemaria, *Caminho*, n° 279.

[5] S. Josemaria, *É Cristo que passa*, n° 48.

[6] Cfr S. Tomás de Aquino, *S.Th.* II-II, q. 23, a. 1, c.

[7] Jo 15,13.

[8] Rm 5, 5.

[9] Cfr. Gn 2,15; 3,23; Mc 6,3; II Ts 3,6-12.

[10] Cfr. S. Josemaria, *Caminho*, n° 998.

[11] Cfr. I Cor 10, 31.

[12] João Paulo II, Litt. Enc. *Laborem exercens*, 14-IX-1981, n° 25; *Catecismo da Igreja Católica*, n° 2460.

[13] Dt 32,4 (Vg). Cfr. Gn 1,10.12.18.21.25.31. Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, n° 302.

[14] Mc 7, 37.

[15] S. Josemaria, *Sulco*, n° 527.

[16] S. Josemaria, *Carta 15-X-1948*, n° 26, cit. por Ernst Burkhardt e Javier López, *Vida Cotidiana y santidad en la enseñanza de san Josemaría*, Rialp, Madrid 2013, vol. III, p. 183.

[17] Cfr. S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n° 65.

[18] II Cor 2, 15.

[19] Mt 24, 40-41.

[20] S. Josemaria, *Carta 15-X-1948*, nº 26, cit. por Ernst Burkhardt e Javier López, *Vida Cotidiana y santidad en la enseñanza de san Josemaría*, Rialp, Madrid 2013, vol. III, p. 193-194.

[21] Cfr. Mt 5, 13.

[22] *Símbolo Atanasiano*.

[23] Javier Echevarría, *Carta pastoral 4-VII-2002*, nº 13.

[24] S. Josemaria, *Anotações da pregação*, 2-XI-1964 (AGP, PO1 IX-1967, p. 11), cit. por Ernst. Burkhardt e Javier López, *Vida Cotidiana y santidad en la enseñanza de san Josemaría*, Rialp, Madrid 2013, vol. II, p. 197.

[25] *Missal Romano*, conclusão da Oração Eucarística.

[26] S. Josemaria, *Cristo que passa*, nº 48.

[27] *Temas Actuais do Cristianismo*, nº 109.

[28] I Cor 13, 2.

[29] S. Josemaria, *Cristo que passa*, nº 60.



## CRUZ E RESSURREIÇÃO NO TRABALHO

Com a luz recebida de Deus, S. Josemaria compreendeu profundamente o sentido do trabalho na vida do cristão, chamado a identificar-se com Cristo no meio do mundo. Os anos de Jesus em Nazaré apresentavam-se-lhe cheios de significado ao considerar que, em Suas mãos, «o trabalho, e um trabalho profissional semelhante àquele que desenvolvem milhões de homens no mundo, se converte em tarefa divina, em trabalho redentor, em caminho de salvação»[1].

A consciência de que o cristão, pelo Baptismo, é filho de Deus e partícipe do sacerdócio de Jesus Cristo, levava-o a contemplar no trabalho de Jesus o modelo da nossa tarefa profissional. Um modelo vivo que se há-de plasmar em nós, e não simplesmente um exemplo a imitar. Mais do que trabalhar como Cristo, o cristão está chamado a trabalhar em Cristo, unido vitalmente a Ele.

Portanto, interessa-nos contemplar com muita atenção a ocupação do Senhor em Nazaré. Não basta um olhar superficial. É preciso considerar a união da Sua tarefa diária com a entrega da Sua Vida na Cruz e com a Sua Ressurreição e Ascensão aos Céus, porque só assim poderemos descobrir que o Seu trabalho —e o nosso, na medida em que estamos unidos a Ele— é redentor e santificador.

### **Em Nazaré e no Calvário**

O homem foi criado para amar a Deus, e o amor manifesta-se no cumprimento da Sua Vontade, com obediência de filhos. Mas o homem desobedeceu desde o início, e pela desobediência, entraram a dor e a morte no mundo. O Filho de Deus assumiu a nossa natureza para reparar todo o pecado, obedecendo perfeitamente à Vontade divina com a Sua vontade humana. *Pois como pela desobediência de um só homem todos foram constituídos pecadores, assim também*

*pela obediência de um só todos serão constituídos justos* (Rom 5, 19).

O Sacrifício do Calvário é o culminar da obediência de Cristo ao Pai: *fez-se obediente até a morte, e morte de cruz* (Flp 2, 8). Ao aceitar livremente a dor e a morte, o que há de mais contrário ao desejo natural da vontade humana, Cristo manifestou de modo supremo que não veio para fazer a Sua vontade, *mas sim a Vontade d'Aquela que O enviou* (Jo 6, 38; Lc 22, 42). Mas a entrega do Senhor na Sua Paixão e morte na Cruz não é um acto isolado de obediência por Amor. É a expressão suprema de uma obediência plena e absoluta, que esteve presente ao longo de toda a Sua vida, com manifestações diversas em cada momento: *Eis que venho, ó Deus, para fazer a Tua Vontade!* (Heb 10,7; Sal 40,8-9).

Aos doze anos, quando Maria e José O encontram entre os doutores no Templo depois de três dias de busca, Jesus responde-lhes: *Não sabíeis que devia estar na casa de Meu Pai* (Lc 2, 49)? O Evangelho não menciona mais nada da Sua vida oculta, diz apenas que obedecia a José e a Maria — *era-lhes submisso* (Lc 2, 51) — e que trabalhava: *era o carpinteiro* (Mc 6,3; Mt 13,55).

No entanto, as palavras de Jesus no Templo iluminam os anos de Nazaré. Indicam que, quando obedecia a Seus pais, e quando trabalhava estava nas coisas de Seu Pai, cumpria a Vontade divina. E assim como ao ficar no Templo não se recusou a sofrer durante três dias —três, como no Tríduo Pascal—, porque conhecia o sofrimento dos Seus pais, que O procuravam aflitos, também não recusou as dificuldades que trazia consigo o cumprimento do dever no trabalho e em toda a vida quotidiana.

A obediência de Nazaré não era uma obediência menor, mas a mesma disposição interior que O levou a dar a vida no Calvário. Uma obediência com todas as energias humanas, uma identificação plena com a Vontade divina em cada momento. No Calvário, Ele manifestou-a derramando todo o Seu Sangue; em Nazaré, entregando-o dia a dia, gota a gota, no trabalho de artesão que constrói instrumentos para o cultivo do campo e úteis para as casas.

«Era o *faber, filius Mariae*, o carpinteiro, filho de Maria (Mc 6, 3). E era Deus; e estava a realizar a redenção do género humano e a atrair a Si todas as coisas (Jo 12, 32)»[2]. Não é possível entender o valor redentor da vida de Jesus se a separamos da Cruz, se não compreendemos que no trabalho ordinário, cumpria perfeitamente a Vontade de Deus Pai, por Amor, com a disposição de consumir a Sua obediência no Calvário.

Por isso mesmo, quando chega o momento supremo do Gólgota, o Senhor oferece toda a Sua vida, também o trabalho de Nazaré; a Cruz é a última pedra da Sua obediência. Como a chave de um arco numa catedral; aquela pedra que não só se apoia nas outras, mas também mantém com o seu peso a coesão de todas. Assim também o cumprimento da Vontade divina na vida ordinária de Jesus possui toda a força da obediência da Cruz; e ao mesmo tempo culmina nesta, sustenta-a, e por meio dela se eleva ao Pai em sacrifício redentor por todos os homens.

### **Cumprimento do dever**

*Se alguém quiser vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz dia após dia e siga-Me* (Lc 9, 23). Seguir a Cristo no trabalho diário é cumprir aí a Vontade divina com a mesma obediência de Cristo: *usque ad mortem*, até à morte (Flp 2, 8). Isso não significa apenas que o cristão deva estar disposto a antes morrer que pecar. É muito mais. Em cada momento, tem de procurar morrer para a sua própria vontade, entregando o que há de próprio no seu querer para fazer a Vontade de Deus.

Na Sua vontade humana, Jesus tem como algo próprio as inclinações boas e rectas da nossa natureza, e oferece-as ao Pai no Horto das Oliveiras quando reza: *não se faça a Minha vontade mas a Tua* (Lc 22, 42). Em nós, no entanto, a vontade própria é também egoísmo, o amor desordenado a nós mesmos. Isso, o Senhor não trazia dentro de Si, mas tomou sobre os ombros na Cruz para nos

redimir. Da nossa parte, com a graça, podemos oferecer a Deus a luta por amor contra o egoísmo que, esse sim, se alberga nos nossos corações. Para nos identificarmos com a Vontade divina, cada um tem que chegar a dizer como S. Paulo: *estou crucificado com Cristo* (Gal 2, 19). «É preciso dar-se totalmente, é necessário negar-se a si próprio; o sacrifício tem que ser holocausto»[3]. Não se trata de prescindir de ideias e de projectos nobres, mas de ordená-los sempre ao cumprimento da Vontade de Deus. Ele quer que façamos render os talentos que nos concedeu. A obediência e o sacrifício da própria vontade no trabalho consistem em realizá-lo para a Glória de Deus e para o serviço dos outros, não por vanglória e interesse próprio.

E como quer Deus que usemos os nossos talentos? Que temos de fazer para cumprir a Sua Vontade no nosso trabalho? Podemos responder à pergunta de maneira breve, desde que entendamos bem tudo o que a resposta implica: Deus quer que cumpramos o nosso dever. «Queres de verdade ser santo? — Cumpre o pequeno dever de cada momento: faz o que deves e está no que fazes»[4].

A Vontade de Deus manifesta-se nos deveres da vida ordinária. Pela sua natureza, o cumprimento do dever exige submeter a própria vontade ao que se deve fazer, e isso é constitutivo da obediência de um filho de Deus. É não ter como norma suprema de conduta o próprio gosto, ou as inclinações, ou o que agrada, mas sim o que Deus quer: que cumpramos nossos deveres.

Quais? O próprio trabalho é um dever assinalado por Deus desde o princípio, e por isso devemos começar lutando contra a preguiça. Depois, esse dever geral concretiza-se para cada um na profissão que realiza —de acordo com a sua vocação profissional, que faz parte da vocação divina[5]—, com obrigações específicas. Entre elas, as exigências gerais de ética profissional, fundamentais na vida cristã, e outras que derivam das circunstâncias de cada um.

O cumprimento desses deveres é a Vontade de Deus, porque Ele cria o homem para que este, trabalhando, aperfeiçoe a criação[6]; e isso supõe, no caso dos fiéis correntes, realizar as actividades temporais com perfeição, de acordo com as suas leis próprias, e para

o bem das pessoas, da família e da sociedade; bem que se descobre com a razão e, de modo mais seguro e pleno, com a razão iluminada pela fé viva, *a fé que opera pela caridade* (Mc 6, 3). Comportar-se assim, realizando a Vontade de Deus, é ter boa vontade. Nalgumas ocasiões, isso pode exigir heroísmo, e certamente requer sempre heroísmo no cuidado das coisas pequenas de cada dia. Um heroísmo que Deus abençoa com a paz e a alegria do coração: *paz na terra aos homens de boa vontade* (Lc 2, 14); *os mandamentos do Senhor alegram o coração* (Sal 119, 9).

O ideal cristão de cumprimento do dever não é o da pessoa cumpridora que desempenha estritamente as suas obrigações de justiça. Um filho de Deus tem um conceito muito mais amplo e profundo do dever. Considera que o próprio amor é o primeiro dever, o primeiro mandamento da Vontade divina. Por isso, procura cumprir por amor e com amor os deveres profissionais de justiça; mais ainda, excede-se nesses deveres, sem considerar que está a exceder-se no dever, porque Jesus Cristo entregou a Sua vida por nós. Por ser este amor —a caridade dos filhos de Deus— a essência da santidade, compreende-se que S. Josemaria ensine que ser santo se resume a cumprir o dever de cada momento.

### **O valor do esforço e da fadiga**

«O trabalho em si não é uma pena nem uma maldição ou um castigo; aqueles que falam assim não leram bem a Sagrada Escritura»[7]. *Deus criou o homem para que lavrasse e cuidasse da terra*[8], e somente depois do pecado original lhe disse: *com o suor do teu rosto comerás o pão* (Gen 3, 19). A pena do pecado é a fadiga que acompanha o trabalho, não o trabalho em si mesmo, e a Sabedoria divina converteu essa pena em instrumento de redenção. Assumi-la é, para nós, parte integrante da obediência à Vontade de Deus. Obediência redentora, no cumprimento diário do dever.

«Com mentalidade plenamente laical, exercitais esse espírito sacerdotal ao oferecer a Deus o trabalho, o descanso, a alegria e as contrariedades da jornada, os vossos corpos rendidos pelo esforço do serviço constante. Tudo isto *é hóstia viva, santa, agradável a Deus; este é o culto racional que Lhe deveis prestar* (Rom 12, 1)»[9].

Um cristão não evita o sacrifício no trabalho, não se irrita perante o esforço, não deixa de cumprir o seu dever por desânimo ou para não se cansar. Vê a Cruz de Cristo nas dificuldades e ela dá sentido redentor à sua tarefa, a cruz que «pede uns ombros que a carreguem»[10]. Por isso o fundador do Opus Dei dá um conselho de comprovada eficácia:

«Antes de começares a trabalhar, põe sobre a tua mesa, ou junto dos utensílios do teu trabalho, um crucifixo. De quando em quando, lança-lhe um olhar... Quando chegar a fadiga, hão-de fugir-te os olhos para Jesus, e acharás nova força para prosseguires no teu empenho»[11].

Um filho de Deus também não se deixa abater pelos fracassos, nem deposita toda a sua esperança e complacência nos triunfos humanos. O valor redentor do seu trabalho não depende das vitórias terrenas, mas sim do cumprimento amoroso da Vontade de Deus. Não se esquece de que Jesus cumpre em Nazaré a Vontade divina trabalhando activamente, mas que é na Cruz que consoma a Sua obediência, padecendo. O ápice do *Não se faça a minha vontade mas a Tua* (Lc 22, 42) não consiste em realizar tal ou qual projecto humano, mas sim em padecer até à morte, com um abandono absoluto no seu Pai Deus (Lc 23, 46; Mt 27, 46). Por isso temos de compreender que, mais do que com aquilo que *fazemos* —ou seja, com os nossos trabalhos e iniciativas—, podemos corredimir com Cristo por aquilo que *padecemos* quando Deus permite que *o jugo suave e a carga leve da Cruz* (Mt 11, 30) em nossa vida se faça mais patente.

S. Josemaria ensina-nos esta lição de santidade em que transparece a sua própria experiência. «Mas não esqueçamos que estar com Jesus é, certamente, deparar com a Sua Cruz. Quando nos

abandonamos nas mãos de Deus, é frequente que Ele permita que saboreemos a dor, a solidão, as contradições, as calúnias, as difamações, os escárnios, por dentro e por fora; porque quer moldar-nos à Sua imagem e semelhança, e tolera também que nos chamem loucos e que nos tomem por néscios. É a hora de amar a mortificação passiva (...)»[12].

«E nesses tempos de purificação passiva, penosos, fortes, de lágrimas doces e amargas que procuramos esconder, precisamos de meter-nos dentro de cada uma das Chagas Santíssimas; para nos purificarmos, para nos deliciarmos com o Sangue redentor, para nos fortalecermos. Faremos como as pombas que, no dizer da Escritura, *se abrigam nas fendas dos rochedos durante a tempestade* (Cant 2, 14). Ocultamo-nos nesse refúgio para encontrar a intimidade de Cristo, e sabemos que a Sua voz é suave e gracioso o Seu Rosto (Cant 2, 14)»[13].

### **A luz da Ressurreição**

Depois de escrever que Jesus Cristo *se fez obediente até a morte, e morte de cruz* (Flp 2, 8), São Paulo prossegue: *E por isso Deus O exaltou* (Flp 2, 9). A exaltação do Senhor, a Sua Ressurreição e Ascensão aos Céus, *onde está sentado à direita de Deus Pai* (I Pe 3,22; Mt 26,64; Heb 1,13; 10,12), são inseparáveis da Sua obediência na Cruz e com ela lançam uma intensa luz sobre o trabalho de Jesus em Nazaré e sobre o nosso trabalho quotidiano.

A vida de Jesus em Nazaré é humana e divina e não apenas humana, vida do Filho de Deus feito homem. Ainda que só depois da Ressurreição seja vida imortal e gloriosa, já na Transfiguração manifestará por um momento uma glória oculta durante os anos na oficina de José. Aquele a quem vemos trabalhar como carpinteiro, cumprindo o Seu dever com suor e fadiga, é o Filho de Deus feito homem, *cheio de Graça e de Verdade*, que vive na Sua Humanidade Santíssima uma vida nova, sobrenatural: a vida segundo o Espírito

Santo. Aquele que vemos submeter-Se às exigências do trabalho e obedecer a quem tem autoridade, na família e na sociedade, para obedecer assim à Vontade divina, é O que vemos ascender aos Céus com poder e majestade, como Rei e Senhor do Universo. A Sua Ressurreição e Ascensão aos Céus permitem-nos contemplar o trabalho, a obediência e as fadigas de Nazaré como um sacrifício custoso, mas nunca obscuro ou triste, e sim luminoso e triunfante como uma nova criação.

*Assim como Cristo ressuscitou dos mortos mediante a Glória do Pai, assim caminhemos nós também numa vida nova (Rom 6, 4). Também nós podemos viver no meio da rua endeusados, na intimidade de Jesus o dia todo[14], porque Deus, ainda que estivéssemos de facto mortos pelos nossos pecados, deu-nos a Vida em Cristo. É pela Graça que fostes salvos. Com Ele nos ressuscitou e nos fez sentar lá nos céus, em Cristo Jesus (Ef 2, 5-6). Deus exaltou a Humanidade Santíssima de Jesus Cristo pela Sua obediência, para que nós vivamos essa vida nova, guiada pelo Amor de Deus, morrendo para o amor próprio desordenado. Se, pois, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Afeiçoai-vos às coisas lá de cima e não às da terra. Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus (Col 3, 1-3).*

Se no trabalho cumprimos os nossos deveres por amor e com amor à Vontade divina, custe o que custar, Deus exalta-nos com Cristo. Não só no final dos tempos, já agora nos concede por penhor o Seu Espírito (II Cor 1,22; 5,5; Ef 1,14). Graças ao Paráclito, o nosso trabalho converte-se em algo santo, nós mesmos somos santificados, e o mundo começa a ser renovado.

«E graças à luz que, emanando da Ressurreição do mesmo Cristo, penetra dentro de nós, descobrimos sempre no trabalho um vislumbre da vida nova, do novo bem, um como que anúncio dos *novos céus e da nova terra* (II Pe 3, 13), os quais são participados pelo homem e pelo mundo. (...) Patenteia-se nesta cruz, no que nela



há de penoso, um bem novo, o qual tem o seu princípio no mesmo trabalho»[15].

Com a obediência da cruz e a alegria da Ressurreição —a nova vida sobrenatural—, no cumprimento amoroso da Vontade de Deus no trabalho, há-de estar presente o senhorio da Ascensão. Recebemos o mundo por herança, para plasmar em todas as realidades temporais o querer de Deus. *Todas as coisas são vossas, vós sois de Cristo e Cristo de Deus* (I Cor 3, 22-23).

Essa é a fibra do amor redentor de um filho de Deus, o tom inconfundível do seu trabalho.

«Ocupa-te dos teus deveres profissionais por Amor; leva a cabo todas as coisas por Amor, insisto, e verificarás —precisamente porque amas, ainda que saboreies a amargura da incompreensão, da injustiça, do desagrado e até do próprio fracasso humano— as maravilhas que o teu trabalho produz. Frutos saborosos, sementes de eternidade!»[16]

### **«Em união com o sacrifício da Missa»**

O sacrifício da Cruz, a Ressurreição e a Ascensão do Senhor aos Céus constituem a unidade do Mistério Pascal, passagem da vida temporal à eterna. O trabalho de Cristo em Nazaré é redentor e santificador pela unidade com esse mistério.

Essa realidade reflecte-se na vida dos filhos de Deus graças à Santa Missa, que «não só torna presente o mistério da paixão e morte do Salvador mas também o mistério da ressurreição»[17]. «Este sacrifício é tão decisivo para a salvação do género humano que Jesus Cristo realizou-o e só voltou ao Pai depois de nos ter deixado o meio para nele participarmos, como se tivéssemos estado presentes»[18].

Graças à Eucaristia, podemos fazer com que o nosso trabalho esteja impregnado de obediência até à morte, pela nova vida da

Ressurreição e pelo domínio que temos sobre todas as coisas através da Ascensão de Jesus como Senhor dos Céus e da terra. Não somente oferecemos o nosso trabalho na Missa como também podemos converter o nosso trabalho em eucaristia.

«Todas as obras dos homens se fazem como num altar, e cada um de vós, nessa união de almas contemplativas que é a vossa jornada, diz de algum modo a sua missa, que dura vinte e quatro horas, na espera da missa seguinte, que durará outras vinte e quatro horas, e assim até ao fim da nossa vida»[19].

Assim somos no nosso trabalho «outros Cristos, o próprio Cristo»[20].

### **Voltar ao índice**

[1] Josemaria Escrivá, *Temas Actuais do Cristianismo*, nº 55.

[2] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, nº 14.

[3] Josemaria Escrivá, *Caminho*, nº 186.

[4] *Ibidem*, nº 815.

[5] Josemaria Escrivá, *Temas Actuais do Cristianismo*, nº 60.

[6] *Catecismo da Igreja Católica*, nº 302.

[7] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, nº 47.

[8] Gen 2, 15.

[9] S. Josemaria Escrivá, *Carta 6-V-1945*, nº 27.

[10] Josemaria Escrivá, *Caminho*, nº 277.

[11] Josemaria Escrivá, *Via Sacra*, XI estação, ponto 5.

[12] Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, nº 301.

[13] *Idem*, nº 302.

[14] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, nº 8.

[15] S. João Paulo II, *Laborem exercens*, nº 27.

[16] Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, nº 68.

[17] S. João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*, 17-IV-2003, nº 14.

[18] *Ibidem*, nº 11.

[19] *Notas de uma meditação*, 19-III-1968, citado por D. Javier Echevarría, *Carta Pastoral 1-XI-2009*.

[20] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, nº 106.

## SANTIFICAR COM O TRABALHO

O espírito que Deus fez ver a S. Josemaria Escrivá em 1928 traz consigo, para a história da Igreja e da humanidade, uma lição nova e antiga como o Evangelho, com toda a sua força transformadora dos homens e do mundo.

A santificação do trabalho profissional é uma semente viva, capaz de dar frutos de santidade numa imensa multidão de almas: «Para a grande maioria dos homens, ser santo significa santificar o seu trabalho, santificar-se no trabalho e santificar os outros com o trabalho»[1]. «Nesta frase gráfica» —afirmou D. Javier Echevarría na homilia de 7 de outubro de 2002, dia seguinte à canonização de S. Josemaria— «o fundador do Opus Dei resumia o núcleo da mensagem que Deus lhe havia confiado, para a recordar aos cristãos»[2].

O semeador divino semeou esta semente nas vidas de milhares de pessoas para que o seu fruto cresça e se multiplique: *trinta por um, sessenta por um ou cem por um* (Mc 4, 20). Reflectir com calma sobre cada um dos três aspectos pode constituir frequentemente a base do diálogo com Deus na oração. Estou a santificar o meu trabalho? Santifico-me com o trabalho? Isto é o mesmo que perguntar: transformo-me noutra Cristo através da minha profissão? Quais são os frutos de apostolado que dou com o meu trabalho?

Um filho de Deus não deve ter medo de se colocar essas perguntas sobre o sentido último das suas tarefas. Pelo contrário, deve ter medo de o não fazer, porque correria o risco de que o curso dos seus dias não encontrasse o caminho em direção ao verdadeiro fim, dissipando as suas forças em actividades dispersas como veios de água estéreis.

**Em unidade vital**

Esses três aspectos em que S. Josemaria resume o espírito de santificação do trabalho encontram-se intrinsecamente unidos, assim como numa espiga de trigo estão unidas a raiz, o caule e o grão, que é o seu fruto.

O primeiro aspecto —santificar o trabalho, tornar santa a actividade de trabalhar realizando-a por amor a Deus, com a maior perfeição que cada um possa conseguir, para oferecê-la em união com Cristo— é o mais básico e constitui a raiz dos outros dois.

O segundo —santificar-se no trabalho— é, de certo modo, consequência do anterior. Quem procurar santificar o trabalho necessariamente se santifica, isto é, permite que o Espírito Santo o santifique, identificando-o cada vez mais com Cristo. No entanto, assim como a uma planta não basta regar a raiz, mas também é preciso cuidar do caule para que cresça direito, e às vezes apoiá-lo em algo —uma estaca— para que o vento não o quebre, ou protegê-lo dos animais e das pragas, assim também é preciso colocar muitos meios para uma pessoa se identificar com Cristo no trabalho: oração, sacramentos e meios de formação, com os quais se cultivam as virtudes cristãs. Graças a essas virtudes, a própria raiz também se fortalece, e a santificação do trabalho torna-se cada vez mais conatural em nós.

Ocorre algo semelhante com o terceiro aspecto — santificar com o trabalho. Certamente pode considerar-se como uma consequência dos outros dois, pois ao santificar o seu trabalho e identificar-se com Cristo, o cristão necessariamente dá fruto —santifica os outros com o seu trabalho— segundo as palavras do Senhor: *Aquele que permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto* (Jo 15, 5). Isto não significa que um cristão deixe de preocupar-se com dar frutos, como se estes surgissem da raiz e do caule sem a necessidade de fazer nada.

Na santificação do trabalho, os três aspectos estão vitalmente unidos entre si, de modo que uns influem nos outros. Quem não procurasse santificar os outros com o seu trabalho, preocupando-se só com santificar o que faz, na realidade não santificaria nada. Seria

como a figueira estéril que tanto desagradou a Jesus porque, mesmo tendo raízes e folhas, carecia de fruto (cf. Mt 21, 19). De facto: «Um bom indício da rectidão de intenção, com a qual deveis realizar o vosso trabalho profissional, é precisamente o modo como aproveitais as relações sociais ou de amizade, que nascem ao desempenhar a profissão, para aproximar de Deus essas almas»[3].

Vamos considerar agora mais detalhadamente este último aspecto da santificação do trabalho, que de algum modo dá a conhecer também os outros dois, como os frutos manifestam a planta e a raiz. *Pelos seus frutos os conhecereis* (Mt 7, 16), diz o Senhor.

### ***Eu vos escolhi para que vades e deis fruto (Jo 15, 16)***

Quando uma pessoa considera o trabalho profissional com uma visão exclusivamente humana, é bem possível que pense que a sua profissão é o resultado de diversas circunstâncias —capacidades e preferências, obrigações, eventualidades, etc.— que o levaram a realizar determinada tarefa e não outra. Um cristão deve olhar as coisas com mais profundidade e altura, com uma visão sobrenatural que o faça descobrir no trabalho o chamamento pessoal de Deus para a santidade e para o apostolado.

O que parece uma situação fortuita adquire então sentido de missão, e o cristão começa a estar de um modo novo no mesmo trabalho que já realizava[4]. Não já como quem “caiu” por acaso nesse lugar, mas sim como quem foi posto ali por Cristo. *Eu vos escolhi e vos destinei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça* (Jo 15, 16). O local de trabalho, o ambiente profissional em que cada um se encontra, é o seu campo de apostolado, a terra apropriada para semear e cultivar a boa semente de Cristo. A promessa de Jesus não pode falhar: quando se procura a união com Ele no próprio trabalho, sempre há fruto apostólico.

É preciso, no entanto, não se deixar levar pelas aparências. O Senhor adverte também que o Pai celestial poda o que já produz, *para que dê mais fruto* (Jo 15, 2). Faz assim porque quer abençoar ainda mais os seus filhos. Poda-os para melhorá-los, mesmo que o corte seja doloroso. Muitas vezes, a poda consiste em dificuldades que Ele permite para purificar a alma tirando o que sobra. Em ocasiões, por exemplo, o entusiasmo humano pelo próprio trabalho desaparece, e é preciso realizá-lo a contragosto, por um amor sem mais razões que a de agradar a Deus; noutras vezes é uma dificuldade económica séria, que talvez Deus permita para continuarmos a colocar todos os meios humanos, mas com mais confiança filial nele, como Jesus nos ensina[5], sem nos deixarmos dominar pela tristeza e angústia quanto ao futuro. Noutras, por fim, trata-se de um fracasso profissional, desses que podem afundar aqueles que trabalham somente com metas humanas e que, por outro lado, atraem à Cruz os que desejam corredimir com Cristo. Muitas vezes, a poda traz consigo um atraso dos frutos, mas é garantia de que haverá *mais fruto*.

Em todo o caso, seria um erro confundir essa situação com aquela a que também se refere Jesus numa parábola: *Um homem tinha uma figueira plantada em sua vinha e foi buscar nela fruto, e não o encontrou. Então, disse ao vinhateiro: eis que há três anos venho buscar frutos nesta figueira sem encontrá-lo. Portanto, corta-a; para quê ainda ocupa terreno em vão?* (Lc 13, 6-7). Aqui vemos o caso de quem não dá fruto apostólico no seu trabalho por comodidade e preguiça, por aburguesamento e por pensar só ou principalmente em si mesmo. Então a ausência de fruto não é só aparente. Não existe porque falta generosidade, empenho, sacrifício; em última análise, porque não há boa vontade.

O próprio Cristo nos ensina a distinguir as situações através dos sinais. *Aprendeis da figueira esta parábola: quando seus ramos estão já tenros e brotam as folhas, sabeis que está próximo o verão* (Mt 24, 32). Aqueles que o Senhor poda aparentemente não dão frutos, mas estão cheios de vida. O seu amor a Deus tem outros sinais evidentes como a delicadeza no cuidado dos tempos dedicados

à oração, a caridade com todos, o empenho perseverante em empregar os meios humanos e sobrenaturais no apostolado...: sinais tão inconfundíveis como os rebentos tenros da figueira, mensageiros dos frutos que chegarão a seu tempo. Na realidade, santificam outras almas com a sua tarefa profissional porque «todo o trabalho que for oração, é apostolado»[6]. Efectivamente, o trabalho convertido em oração consegue de Deus uma chuva de graças que frutifica em muitos corações.

Os outros, por outro lado, nem produzem fruto nem estão a caminho de produzi-lo. Mas ainda estão vivos e podem mudar, se quiserem. Não lhes faltarão os cuidados que Deus envia, ouvindo as preces dos amigos, como as do vinhateiro que pedia pela figueira: *Senhor, deixa-a ainda este ano; eu cavarei ao seu redor e lhe deitarei adubo. Talvez depois disto dê frutos. Caso contrário, cortá-la-ás* (Lc 13, 8-9). Sempre é possível sair da situação de esterilidade apostólica mais ou menos voluntária. Sempre é hora de se converter e dar muito fruto, com a graça divina. «Que a tua vida não seja uma vida estéril. — Sê útil. — Deixa rasto. — Ilumina com o resplendor da tua fé e do teu amor»[7]. Só então a actividade profissional se enche de sentido, revela todo o encanto da sua beleza e faz surgir um entusiasmo novo, até então desconhecido. Um entusiasmo como o de S. Pedro depois de obedecer ao mandato de Jesus —*Mar adentro!* (Lc 5, 4)— e ouvir, depois da pesca milagrosa, a promessa de um fruto de outro tipo e importância: *Não temas; desde agora serás pescador de homens* (Lc 5, 10).

Na nossa vida, as duas situações anteriores podem apresentar-se, nuns momentos a primeira, e noutros a segunda. Externamente talvez se pareçam, pela falta de frutos apostólicos do próprio trabalho profissional, mas não é difícil saber se corresponde a uma ou a outra. Basta sermos sinceros na oração e responder com clareza à seguinte pergunta: ponho todos os meios ao meu alcance para santificar os outros com o trabalho, ou não me preocupo com isso e conformo-me com pouco, podendo realmente fazer muito mais? Amo os meus colegas de trabalho? Procuro servi-los? E, sempre,



buscar a ajuda exigente na direção espiritual. Esse é o caminho da santidade e da fecundidade apostólica.

### **Como brasa acesa**

Transformar a profissão em meio de apostolado é parte essencial do espírito de santificação do trabalho, e sinal de que efectivamente nos santificamos por ele. Santidade e apostolado são inseparáveis, como o amor de Deus e aos próximos por Deus.

«Tens de comportar-te como uma brasa incandescente, que pega fogo onde quer que esteja. Ou, pelo menos, procura elevar a temperatura espiritual dos que te rodeiam, levando-os a viver uma intensa vida cristã»[8]. O trabalho profissional é o lugar a que pertencemos naturalmente, como as brasas pertencem ao braseiro. Aí se devem realizar as palavras de S. Josemaria, de modo que as pessoas que nos rodeiam recebam o calor da caridade de Cristo. Trata-se de dar exemplo estando sereno, sorrindo, sabendo ouvir e compreendendo, mostrando-se solícito.

Qualquer pessoa que esteja ao nosso lado deveria dar-se conta da influência de alguém que eleva o tom do ambiente porque —junto à competência profissional— o nosso espírito de serviço, a nossa lealdade, a amabilidade, a alegria e o empenho por superar os próprios defeitos não passam despercebidos.

Tudo isso faz parte do prestígio profissional que devem cultivar aqueles que desejam atrair os outros a Cristo. O prestígio profissional de um cristão não é consequência do simples realizar tecnicamente bem o trabalho. É um prestígio humano, tecido de virtudes informadas pela caridade. Com esse prestígio, «o trabalho profissional —seja ele qual for— converte-se no candeeiro que ilumina os vossos colegas e amigos»[9]. Sem caridade, por outro lado, não pode haver prestígio profissional cristão, pelo menos não aquele que Deus pede, o «anzol de pescador de homens»[10], instrumento de apostolado. Sem caridade não é possível atrair as

almas a Deus, porque *Deus é amor* (I Jo 3, 8). Vale a pena realçar: um bom profissional, eficaz e competente, só terá o prestígio profissional próprio de um filho de Deus se procurar viver não apenas a justiça, mas também a caridade.

No entanto, o prestígio não é um fim, mas um meio: «um meio para aproximar as almas de Deus com a palavra conveniente (...) mediante um apostolado a que chamei algumas vezes de amizade e confiança»[11]. Conscientes de que, junto com a filiação divina, recebemos pelo Baptismo uma participação no sacerdócio de Cristo e, portanto, o triplo *mister* de santificar, ensinar e guiar os outros, temos um título que nos permite entrar na sua vida, para chegar a essa relação profunda de amizade e confiança com tantas pessoas quanto seja possível, que o vasto campo das relações profissionais abarca.

Esse campo não se reduz às pessoas que trabalham no mesmo lugar ou que têm uma idade semelhante, mas estende-se a todas aquelas com quem, de um modo ou outro, se pode ter contacto através do trabalho. O cristão procurará oportunidades para conviver, para poder falar com cada um em particular, fomentando a convivência: um almoço, uns momentos de desporto, um passeio. Terá, pois, que dedicar tempo aos outros, ser acessível, sabendo encontrar o momento oportuno. «Temos que dar o que recebemos, ensinar o que aprendemos. Sem arrogância, com simplicidade, temos que fazer com que os outros participem desse conhecimento do amor de Cristo. Ao realizar o seu trabalho, ao exercer a profissão na sociedade, cada um pode e deve converter as suas ocupações numa tarefa de serviço»[12].

## **Orientar a sociedade**

Com o trabalho profissional —cada um com o seu— os cristãos podem contribuir eficazmente para a orientação de toda a sociedade segundo o espírito de Cristo. Mais ainda: o trabalho santificado é

necessariamente santificador da sociedade, «porque, feito assim, esse trabalho humano, por mais humilde e insignificante que pareça, contribui para a ordenação cristã das realidades temporais»[13].

Neste sentido, S. Josemaria escreveu em *Forja*: «Esforça-te para que as instituições e as estruturas humanas, em que trabalhas e te moves com pleno direito de cidadão, se ajustem aos princípios que regem uma conceção cristã de vida. Assim —não tenhas dúvida—, asseguras aos homens os meios necessários para viverem de acordo com a sua dignidade, e dás ensejo a que muitas almas, com a graça de Deus, possam corresponder pessoalmente à vocação cristã»[14].

Pôr em prática seriamente as normas da moral profissional, próprias de cada trabalho, é uma exigência básica e fundamental nesse labor apostólico. Mas é preciso, também, querer difundi-las, fazendo o possível para que outros as conheçam e vivam. Não cabe a desculpa de que uma só pessoa pode fazer pouco num ambiente em que os costumes imorais estão entranhados. Esses costumes são consequência de um acumular de pecados pessoais, e só desaparecerão como fruto do empenho por colocar em prática pessoalmente as virtudes cristãs[15]. Muitas vezes, será necessário pedir conselho. Na oração e nos sacramentos o que trabalha encontrará fortaleza, quando precisar, para mostrar com factos que ama a verdade sobre todas as coisas, à custa, se for necessário, do próprio emprego.

«Desde que, no dia 7 de Agosto de 1931, durante a celebração da Santa Missa, ressoaram na sua alma as palavras de Jesus: *Quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim* (Jo 12, 32), Josemaria Escrivá compreendeu mais claramente que a missão dos baptizados consiste em elevar a Cruz acima de toda a realidade humana, e sentiu surgir no seu interior a apaixonante vocação de evangelizar todos os ambientes»[16]. O ideal de orientar a sociedade com o espírito cristão «não é um sonho irrealizável ou inútil»[17]. S. Josemaria — afirmava S. João Paulo II no dia da canonização— «continua a recordar-vos a necessidade de não vos deixardes amedrontar por uma cultura materialista, que ameaça dissolver a identidade mais

genuína dos discípulos de Cristo. Ele gostava de repetir, com determinação, que a fé cristã se opõe ao conformismo e à inércia interior» [18].

O Senhor alerta para um perigo: diz que chegará um tempo em que *ao abundar a iniquidade, a caridade de muitos se esfriará* (Mt 24, 12). Nós, cristãos, avisados por estas palavras, em vez de nos desanimarmos pela profusão do mal —também pelas próprias misérias— reagiremos com humildade e confiança em Deus, acudindo à intercessão de Santa Maria. *Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem dos que amam a Deus* (Rom 8, 28).

### **Voltar ao índice**

[1] Josemaria Escrivá, *Temas Actuais do Cristianismo*, nº 55. Cf. Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, nºs 45 e 122.

[2] Javier Echevarría, Homilia na Missa de acção de graças pela canonização de S. Josemaria, 7-X-2002.

[3] Josemaria Escrivá, *Carta 15-X-1948*, nº 18, citado por Mons. Javier Echevarría, *Carta Pastoral 2-X-2011*, n. 34.

[4] Cf. S. Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, I, q. 43, a. 1, c.

[5] Cf. Mt 6, 31-34.

[6] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, nº 10.

[7] Josemaria Escrivá, *Caminho*, nº 1.

[8] Josemaria Escrivá, *Forja*, nº 570.

[9] Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, nº 61.

[10] Josemaria Escrivá, *Caminho*, nº 372.

[11] Josemaria Escrivá, *Carta 24-III-1930*, nº 11, citado por Luis Ignacio Seco, *La Herencia de Mons. Escrivá de Balaguer*, Palabra, Madrid, 1986.

[12] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, nº 166.

[13] Josemaria Escrivá, *Temas Actuais do Cristianismo*, nº 10.

[14] Josemaria Escrivá, *Forja*, nº 718.

[15] Cf. S. João Paulo II, Exortação apostólica *Reconciliatio et paenitentia*, 2-XII-1984, nº 16; Encíclica *Centesimus annus*, 1-V-1991, nº 38.

[16] S. João Paulo II, *Homilia* na canonização de S. Josemaria, 6-X-2002.

[17] Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, nº 183.

[18] S. João Paulo II, *Homilia* na canonização de S. Josemaria.

## UNIDADE DE VIDA NA PROFISSÃO

«Todo o trabalho honrado pode ser oração; e todo o trabalho que for oração, é apostolado. Desse modo, a alma fortalece-se numa unidade de vida simples e forte»[1].

Trabalho, oração, apostolado: três termos que, para quem se sabe filho de Deus, não são de âmbitos diferentes, mas vão-se fundindo na vida como notas de um acorde, até compor uma única harmonia.

No início da actividade profissional, é possível escutar unicamente o som isolado do próprio trabalho, monótono e sem graça. Ao descobrir como transformá-lo em oração que se eleva ao Céu e em apostolado que fecunda a terra, as notas combinam-se e o som começa a adquirir ritmo e harmonia. Se abandonarmos o esforço de criar e compor, voltamos facilmente às notas soltas, aos sons sem melodia; porém basta permitirmos que o Espírito Santo dirija de novo a nossa vida profissional e dirija a orquestra, surge outra vez a música, composição excelente de amor a Deus e aos homens —de oração e apostolado— no trabalho diário. Cada uma das faculdades do nosso ser: vontade, inteligência, afectos..., interpreta a sua parte com mestria, e essa unidade de vida simples e forte, que agrada a Deus e atrai os homens para Ele, é alcançada.

Na actividade profissional há três aspectos que convém examinar com atenção para alcançar a harmonia da unidade de vida: a intenção, o critério, e a conduta coerente com ambos.

### **Rectidão de intenção**

A unidade de vida no trabalho profissional depende, em primeiro lugar, da rectidão de intenção: da clara e firme decisão de trabalhar por amor a Deus, não por ambição ou outra forma de egoísmo; diante de Deus e procurando a sua glória, não diante dos homens e

procurando a própria glória, ou seja, a satisfação pessoal ou a admiração das pessoas.

*Ninguém pode servir a dois senhores*[2]. Não podemos admitir negociações, não podemos ter no coração *uma vela acesa a S. Miguel e outra ao diabo*[3]. A intenção deve ser transparente. No entanto, podemos perceber que, mesmo querendo viver para a glória de Deus, a rectidão da vontade se distorce facilmente nas ações concretas, em que juntamente com motivos santos podemos encontrar muitas vezes aspirações menos claras[4]. Por isso, S. Josemaria aconselha a purificar a vontade, rectificando constantemente a intenção. «Rectificar. — Todos os dias um pouco. — Eis o teu trabalho constante, se deveras queres tornar-te santo»[5].

Quem trabalha com rectidão de intenção procura sempre realizar bem a sua tarefa. Não trabalha de um modo quando os outros o vêem e de outro quando ninguém o vê. Sabe que Deus o contempla e por isso procura cumprir o seu dever com perfeição, como Ele gosta. Presta atenção aos detalhes de ordem, de laboriosidade, de espírito de pobreza..., também quando ninguém se dá conta ou está sem vontade. Nos dias cinzentos do trabalho corrente, quando a monotonia ameaça, um filho de Deus esforça-se por colocar as últimas pedras por amor, e assim o seu trabalho converte-se em oração.

Os momentos de sucesso ou de fracasso, com a tentação da presunção ou do desânimo, são um teste para a qualidade de nossa intenção. S. Josemaria ensina a preparar-se para essas circunstâncias, que poderiam levar a pessoa a fechar-se em si mesma, distorcendo a vontade. «Tens de permanecer vigilante, para que os teus êxitos profissionais ou os teus fracassos —que virão!— não te façam esquecer, nem por um instante, qual é o verdadeiro fim do teu trabalho: a glória de Deus!»[6]

Para fortalecer a rectidão de intenção, verdadeiro pilar da unidade de vida, é necessário procurar a presença de Deus no trabalho —oferecendo-o no início, renovando esse oferecimento

quando for possível, agradecendo ao terminar... E procurar que as práticas de piedade— principalmente, a Santa Missa se for possível nela participar — se dilatam ao longo do dia num diálogo contínuo com o Senhor. Esquecer-se de Deus na profissão indica pouca unidade de vida, e não simplesmente um caráter distraído: quem ama de verdade não se esquece do amado.

### **Critério recto**

A rectidão de intenção é essencial para a unidade de vida, porém não devemos esquecer que a vontade necessita da razão, como guia, iluminada pela fé. Há pessoas que não conseguem ter uma conduta coerente, não por má vontade, mas por falta de critério. Quando não colocamos os meios para formar bem a consciência, para adquirir um conhecimento profundo das consequências morais de cada profissão, corremos o risco de aceitar como norma o que é normal. É possível então que se cometam com boa vontade graves erros e injustiças, e, por não saber julgar com prudência, deixar de fazer o bem que se deve fazer. A falta de critério impede-nos de alcançar a unidade de vida.

Um homem de critério encontra o que é o bom, sem cair em extremismos nem pactuar com a mediocridade. Às vezes, a falta de critério leva a pensar que a alternativa a um defeito é o defeito oposto: que para não sermos rígidos temos de ser fracos, ou para não sermos agressivos, bondosos... Na prática, a natureza das virtudes não foi bem entendida. O *ponto médio* em que consiste a virtude — *in medio virtus* — não é ficar no meio, sem aspirar ao cimo, mas alcançar o cume entre dois defeitos[7]. Pode ser-se enérgico e manso ao mesmo tempo, compreensivo e exigente com os deveres, veraz e discreto, alegre sem ser ingénuo. *Sede, pois, prudentes como as serpentes, mas simples como as pombas* [8], disse o Senhor.

O critério necessário para a unidade de vida é um critério cristão, não simplesmente humano, pois a sua regra não é unicamente a



recta razão, mas a razão iluminada pela fé viva, a fé configurada pela caridade. Só então as virtudes humanas são virtudes cristãs. Um filho de Deus não tem de cultivar dois tipos de virtudes, umas humanas e outras cristãs, umas sem a caridade e outras com ela, porque isto seria uma vida dupla. No seu trabalho não deve conformar-se com praticar numas coisas a justiça só humana — limitando-se, por exemplo, ao estrito cumprimento da lei— e noutras a justiça cristã, com a alma da caridade, mas sempre e em tudo esta última, a justiça de Cristo. Considerai especialmente os conselhos e as advertências com que Ele preparava aquele punhado de homens para serem seus Apóstolos, seus mensageiros, de um ao outro extrem«o da terra. Qual é a pauta principal que lhes marca? Não é o preceito novo da caridade? Foi pelo amor que eles abriram caminho naquele mundo pagão e corrompido. (...) Quando se faz justiça apenas segundo o rigor da norma, não vos admireis de que a gente se sinta magoada: a dignidade do homem, que é filho de Deus, pede muito mais. A caridade tem de ir dentro e ao lado, porque tudo dulcifica, tudo deífica: Deus é amor (I Jo 4, 16) (...).»

«A caridade —que é como um generoso exceder-se da justiça— exige primeiro o cumprimento do dever. Começa-se pelo que é justo, continua-se pelo que é mais equitativo... Mas, para amar, requer-se muita finura, muita delicadeza, muito respeito, muita afabilidade; numa palavra, é preciso seguir o conselho do Apóstolo: *Levai uns as cargas dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo* (Gal 6,2). (...) Isto requer a inteireza de submeter a vontade própria ao modelo divino, de trabalhar por todos, de lutar pela felicidade eterna e pelo bem-estar dos outros. Não conheço melhor caminho para sermos justos que o de uma vida de entrega e de serviço»[9]. Isto é ter critério cristão, luz imprescindível para a unidade de vida. Adquirir esse critério exige dedicar tempo à formação, e em particular ao estudo da doutrina. Seria temerário fiar-se na intuição e não pôr os meios para cultivar a mente. Porém, um estudo teórico não seria suficiente. A unidade de vida cristã requer uma doutrina assimilada na oração.

## Valentia

Além de querer e de saber, a unidade de vida exige actuar, pois «obras é que são amores, não as boas palavras»[10]. Que *as vossas boas obras glorifiquem vosso Pai que está nos céus*[11], disse o Senhor. Convém examinar-se com franqueza, como aconselha S. Josemaria: «Propaga-se à tua volta a vida cristã? Pensa nisto diariamente»[12].

Quando há unidade de vida é lógico que se note, com naturalidade, ao nosso redor. Quem oculta a sua condição de cristão por medo a que o rotulem, ou por timidez ou por vergonha, quebraria a unidade de vida, não poderia ser sal e luz, as suas obras seriam estéreis em relação à vida sobrenatural. O Senhor disse a cada um de nós: *dabo te in lucem gentium, ut sit salus mea usque ad extremum terrae*[13], colocar-te-ei como luz das gentes, para que a minha salvação chegue aos confins da terra.

Temos de «ter a coragem de viver pública e constantemente de acordo com a nossa santa fé»[14], escreve S. Josemaria, fazendo eco à advertência do Senhor: *se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na sua glória*[15]. Jesus impele-nos também com uma maravilhosa promessa: *quem der testemunho de mim diante dos homens, também eu darei testemunho dele diante de meu Pai que está nos céus*[16]. Não há lugar para ambiguidades. Não devemos ter medo de falar de Deus: com a palavra, porque o próprio Cristo mandou: *Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura*[17], e com o exemplo de uma *fé que opera pela caridade*[18].

É natural que as pessoas, no ambiente em que um cristão actua, conheçam a sua fé viva e operante. Com maior razão deverá ser facilmente reconhecível, por contraste, numa sociedade em que predominam o materialismo e o hedonismo. Se passar inadvertida por muito tempo, não seria por naturalidade, mas pelo facto de ter

uma vida dupla. Isto é o que infelizmente acontece com aqueles que relegam a fé para a vida “privada”. Esta atitude, se não é simples cobardia, quando corresponde à ideia de que a fé não deve influir na conduta profissional, reflecte uma mentalidade não laical, mas laicista, que pretende afastar Deus da vida social, e muitas vezes prescindir também da lei moral. É justamente o oposto ao ideal de colocar Cristo no cume de todas as actividades humanas. A isto são chamados os cristãos, e é bom que muitos ao nosso lado o saibam. Mais ainda, certamente o apostolado do cristão que vive no meio do mundo deve ser de «amizade e confiança»[19] com os colegas de profissão, um a um. Porém isto não exclui que às vezes seja conveniente ou necessário —exigência da unidade de vida— falar em público e explicar as razões de uma conduta moral, humana e cristã. As dificuldades podem ser muitas, porém *a fé assiste ao cristão e dá-lhe a fortaleza de que necessita para defender a verdade e ajudar a todos a descobri-la.*

Na prática, a experiência diz-nos que, mesmo evitando os extremos, é fácil deixar-se influir por essa mentalidade laicista e convencer-se, por exemplo, de que num determinado ambiente profissional não é oportuno em nenhum caso falar de Deus, porque seria chocante ou estaria *fora de lugar*, ou porque outros alegariam que as posturas de um cristão em questões profissionais estão *condicionadas pela religião*. Apresenta-se então a tentação de colocar entre parênteses a própria fé, precisamente quando deveria manifestar-se.

«Aconfessionalismo. — Neutralidade. — Velhos mitos que tentam sempre remoçar. Tens-te dado ao trabalho de meditar no absurdo que é deixar de ser católico ao entrar na Universidade, ou na Associação profissional, ou na sábia Academia, ou no Parlamento, como quem deixa o chapéu à porta?»[20]. S. Josemaria não incita a alardear a fé, nem a utilizar etiquetas de católico que não combinam com a mentalidade laical. O que pede é preocupar-se em meditar, cada um nas suas circunstâncias, quais são as exigências externas e visíveis da unidade de vida na própria profissão e actuação social. «Tens de ter a valentia, que em algumas ocasiões não terá de ser

pouca, dadas as circunstâncias dos tempos, de fazer presente — melhor dito, tangível— a tua fé: que vejam as vossas obras boas e o motivo das vossas obras, ainda mesmo quando vier às vezes a crítica e a contradição de uns e de outros»[21].

A unidade de vida é um dom de Deus e, por sua vez, uma conquista que exige luta pessoal. O trabalho profissional é terreno em que se forja essa unidade através de decisões concretas de actuar sempre diante de Deus e com vibração apostólica. Com a graça de Deus havemos de aspirar e chegar a amá-lo com totalidade: *ex todo corde, ex tota anima, ex tota mente, ex tota virtute*[22], com todo o coração, com toda a alma, com toda a mente, com todas as forças.

### **Voltar ao índice**

[1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, nº 10.

[2] Mt 6, 24.

[3] S. Josemaria, *Caminho*, nº 724.

[4] Cf. *Ibid.* nº 788

[5] *Ibid.* nº 290.

[6] S. Josemaria, *Forja*, nº 704.

[7] Cf. S. Josemaria, *Amigos de Deus*, nº 83.

[8] Mt 10, 16.

[9] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, nº 173.

[10] Cf. S. Josemaria, *Caminho*, nº 933.

[11] Mt 5, 16.

[12] S. Josemaria, *Forja*, nº 856.

[13] Is 49, 6.

[14] S. Josemaria, *Sulco*, nº 46.

[15] Lc 9, 26.

[16] Mt 10, 32.

[17] Mc 16, 15.

[18] Gal 5, 6.

[19] S. Josemaria, *Caminho*, nº 192.

[20] S. Josemaria, *Caminho*, nº 353.

[21] S. Josemaria, *Instrução 8-XII-1941*, nº 13, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, III, Rialp, Madrid, 2013, p. 647.

[22] Mc 12, 30.

## SANTIFICAÇÃO DO TRABALHO E CRISTIANIZAÇÃO DA SOCIEDADE

As luzes e sombras da época em que vivemos estão patentes nos olhos de todos. O desenvolvimento humano e as pragas que o infectam, o progresso civil em muitos aspectos e a barbárie noutros: são contrastes que tanto João Paulo II como os seus sucessores indicaram várias vezes[1], animando os cristãos a iluminar a sociedade com a luz do Evangelho.

Entretanto, mesmo que todos sejamos chamados a transformar a sociedade segundo o querer de Deus, muitos não sabem como fazê-lo. Pensam que essa tarefa depende quase exclusivamente daqueles que governam ou têm capacidade de influenciar pela sua posição social ou económica e que eles só podem fazer o papel de espectadores: aplaudir ou assobiar, mas sem entrar no terreno do jogo, sem intervir na partida.

Esta não há de ser a atitude do cristão, porque não corresponde à realidade da vocação à qual é chamado. «O Senhor quer que sejamos nós, os cristãos —porque temos a responsabilidade sobrenatural de cooperar com o poder de Deus, já que Ele assim o dispôs na sua misericórdia infinita —, que procuremos restabelecer a ordem decaída e devolver às estruturas temporais, em todas as nações, a sua função natural de instrumento para o progresso da humanidade e a sua função sobrenatural de meio para chegar a Deus, para a Redenção»[2].

Não somos espectadores. Pelo contrário, é missão específica dos leigos santificar o mundo “de dentro”[3]: «orientar com sentido cristão as profissões, as instituições e as estruturas humanas»[4]. Como ensina o Concílio Vaticano II, os leigos hão de «iluminar e ordenar de tal modo as realidades temporais, a que estão estreitamente ligados, de modo que sejam sempre feitas segundo Cristo e progridam e glorifiquem o Criador e Redentor»[5]. Numa palavra: «cristianizar o mundo inteiro a partir de dentro, mostrando

que Jesus Cristo redimiu toda a humanidade — esta é a missão do cristão»[6].

E, para isso, nós os cristãos temos o poder necessário, ainda que não tenhamos poder humano. A nossa força é a oração e as obras convertidas em oração. «A oração é a arma mais poderosa do cristão. A oração torna-nos eficazes. A oração torna-nos felizes. A oração dá-nos toda a força necessária para cumprirmos os preceitos de Deus»[7]. Concretamente, a arma específica que a maioria dos cristãos possui para transformar a sociedade é o trabalho convertido em oração. Não simplesmente o trabalho, mas o trabalho santificado.

Deus fez com que S. Josemaria o compreendesse, num preciso momento, no dia 7 de agosto de 1931, durante a Santa Missa. Ao chegar à elevação, vieram à sua alma com força extraordinária as palavras de Jesus: «*quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim*» [8]. «Entendi-o perfeitamente. O Senhor dizia-nos: se vós me colocardes na entranha de todas as actividades da terra, cumprindo o dever de cada momento, sendo meu testemunho no que parece grande e no que parece pequeno..., então *omnia traham ad meipsum!* O Meu reino entre vós será uma realidade!»[9]

## **Cristianizar a sociedade**

Deus confiou ao homem a tarefa de edificar a sociedade ao serviço de seu bem temporal e eterno, de acordo com sua dignidade[10]: uma sociedade em que as leis, os costumes e as instituições que a conformam e estruturam, favoreçam o bem integral das pessoas com todas as suas exigências; uma sociedade na qual cada um se aperfeiçoe buscando o bem dos outros, já que o homem «não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo»[11].

Entretanto, tudo se desencaminhou por causa do pecado do primeiro homem e da sucessiva proliferação dos pecados que —como ensina o *Catecismo da Igreja Católica*— fazem «reinar entre eles a

concupiscência, a violência e a injustiça. Os pecados provocam situações sociais contrárias à Bondade divina; as “estruturas de pecado” são expressão e efeito dos pecados pessoais»[12].

O Filho de Deus feito homem, Jesus Cristo Nosso Senhor, veio ao mundo para nos redimir do pecado e das suas consequências. Cristianizar a sociedade consiste em libertá-la dessas consequências que o *Catecismo* resume com as palavras que acabamos de ler. É, por um lado, libertá-la das *estruturas de pecado* —por exemplo, das leis civis e dos costumes contrários à lei moral—, e por outro, mais profundamente, procurar que as relações humanas sejam presididas pelo amor de Cristo, e não viciadas pelo egoísmo da *concupiscência, a violência e a injustiça*.

«Esta é a tua tarefa de cidadão: contribuir para que o amor e a liberdade de Cristo presidam a todas as manifestações da vida moderna — a cultura e a economia, o trabalho e o descanso, a vida de família e o convívio social»[13].

Cristianizar a sociedade não é impor a ninguém a fé verdadeira. Precisamente o espírito cristão exige o respeito do direito à liberdade social e civil em matéria religiosa, de modo que não se deve impedir ninguém de praticar a sua religião, segundo a sua consciência, mesmo quando estiver no erro, sempre que respeite as exigências da ordem pública, da paz e da moralidade pública, que o Estado tem obrigação de tutelar[14]. Àqueles que estão no erro deve-se procurar que conheçam a verdade, que só se encontra plenamente na fé católica, ensinando-lhes e convencendo-os com o exemplo e com a palavra, mas nunca com a coação. O acto de fé só é autêntico se for livre.

Mas quando um cristão procura que a lei civil promova o respeito pela vida humana desde o momento da concepção, a estabilidade da família por meio do reconhecimento da indissolubilidade do matrimónio, os direitos dos pais na educação dos filhos tanto nas escolas públicas como nas privadas, a verdade na informação, a moralidade pública, a justiça nas relações de trabalho, etc., não está a pretender impor a sua fé aos outros, mas cumprindo com o seu dever



de cidadão e contribuindo para edificar, no que é possível para ele, uma sociedade melhor, conforme a dignidade da pessoa humana. Certamente, o cristão, graças à Revelação divina, possui uma especial certeza sobre a importância que esses princípios e verdades possuem para edificar uma sociedade mais justa; mas esses estão ao alcance da razão humana e, por isso, qualquer pessoa, independentemente da sua fé, pode apreciar o valor e importância que esses princípios têm para a vida social.

«Esforça-te para que as instituições e as estruturas humanas em que trabalhas e actuas com pleno direito de cidadão, se conformem com os princípios que regem uma concepção cristã da vida. Assim, não duvides, asseguras aos homens os meios para viverem de acordo com a sua dignidade e facilitarás a muitas almas que, com a graça de Deus, possam responder pessoalmente à vocação cristã»[15]. Trata-se de «sanear as estruturas e condições do mundo (...) de tal modo que todas se conformem às normas da justiça e antes ajudem ao exercício das virtudes do que o estorvem»[16]. A fé cristã faz sentir profundamente a aspiração, própria de todo o cidadão, de procurar o bem comum da sociedade. Um bem comum que não se reduz ao desenvolvimento económico, ainda que certamente o inclua. São também e antes —em sentido qualitativo, nem sempre no de urgência temporal—, as melhores condições possíveis de liberdade, de justiça, de vida moral, em todos os seus aspectos e de paz, que correspondem à dignidade da pessoa humana.

Quando um cristão faz o possível por configurar deste modo a sociedade em virtude de sua fé, não em nome de uma ideologia opinável de partido político, «actua como actuaram os primeiros cristãos. Não tinham, por causa da sua vocação sobrenatural, programas sociais nem humanos a cumprir; mas estavam penetrados de um espírito, de uma concepção da vida e do mundo, que não podia deixar de ter consequências na sociedade em que viviam»[17]. «A tarefa apostólica, que Cristo confiou a todos os seus discípulos, produz, portanto, resultados concretos na esfera social. Não é admissível pensar que, para sermos cristãos, seja preciso voltarmos

as costas ao mundo, sermos uns derrotistas da natureza humana»[18].

É necessário procurar limpar as estruturas da sociedade para impregná-las do espírito cristão, mas não é suficiente. Mesmo que pareça uma meta muito alta, não deixa de ser uma exigência básica. Faz falta muito mais: procurar, sobretudo, que as pessoas sejam cristãs, que cada um irradie ao seu redor, na sua conduta diária, a luz e o amor de Cristo, *o bom odor de Cristo* [19]. O fim não é que as estruturas estejam sãs, mas que as pessoas sejam santas. Seria tão errado despreocupar-se de que as leis e os costumes da sociedade fossem conformes com o espírito cristão, como conformar-se só com isso. Porque além disso, neste mesmo momento, as mesmas estruturas sãs correriam perigo novamente. É preciso recomeçar sempre. «Não haverá humanidade nova, se não houver em primeiro lugar homens novos, pela novidade do Baptismo e da vida segundo o Evangelho»[20].

### **Por meio do trabalho**

«De que tu e eu nos portemos como Deus quer — não o esqueças — dependem muitas coisas grandes»[21]. Se queremos cristianizar a sociedade, o primeiro é a santidade pessoal, a nossa união com Deus. «Cada um de nós tem que ser alter *Christus, ipse Christus*, outro Cristo, o próprio Cristo. Só assim poderemos empreender essa tarefa grande, imensa, interminável: santificar por dentro todas as estruturas temporais, levando até elas o fermento da Redenção»[22]. É necessário que não percamos o sal, a luz e o fogo que Deus pôs dentro de nós para transformar o ambiente que nos rodeia. O Papa S. João Paulo II destacou que «é uma tarefa que exige coragem e paciência»[23]: coragem porque não se há de ter medo de chocar com o ambiente quando é necessário; e paciência, porque mudar a sociedade desde dentro requer tempo, e, entretanto, não podemos acostumar-nos à presença do mal cristalizado na sociedade, porque

acostumar-se a uma doença mortal é o mesmo que sucumbir a ela. «O cristão deve estar sempre disposto a santificar a sociedade *a partir de dentro*, permanecendo plenamente no mundo, mas sem ser do mundo naquilo que o mundo encerra —não por ser característica real, mas por defeito voluntário, pelo pecado— da negação de Deus, da oposição à sua amável vontade salvífica»[24].

Deus quer que infundamos o espírito cristão na sociedade através da santificação do trabalho profissional, já que «pelo trabalho, o cristão submete a criação (cf. Gn 1,28) e a ordena a Cristo Jesus, no centro do qual estão destinadas a recapitular-se todas as coisas»[25]. O trabalho profissional é, concretamente, «meio imprescindível para o progresso da sociedade e para o ordenamento cada vez mais justo das relações entre os homens»[26].

Cada um deve propor a si próprio a tarefa de cristianizar a sociedade com o seu trabalho: primeiro mediante o afã de aproximar de Deus os seus colegas e as pessoas com as quais entra em contacto profissional, para que eles também cheguem a santificar o seu trabalho e dar o tom cristão à sociedade; e, depois, inseparavelmente, mediante o empenho por cristianizar as estruturas do próprio ambiente profissional, procurando que sejam conformes à lei moral. Quem se dedica à empresa, à profissão farmacêutica, à advocacia, à informação ou à publicidade..., deve procurar influenciar dum modo cristão o seu ambiente: as relações e as instituições profissionais. Não é suficiente *não se sujar* com práticas imorais; é necessário *limpar* o próprio âmbito profissional, fazê-lo conforme à dignidade humana e cristã.

Por tudo isto «devemos receber uma tal formação que suscite nas nossas almas, na hora de acometer o trabalho profissional de cada um, o instinto e a sã inquietação de conformar essa tarefa às exigências da consciência cristã, aos imperativos divinos que devem reger na sociedade e nas actividades dos homens»[27].

As possibilidades de contribuir para a cristianização da sociedade por meio do trabalho profissional vão mais longe do que se pode realizar no estrito ambiente de trabalho. A condição de cidadão que

exerce uma profissão na sociedade é um título para empreender ou colaborar com iniciativas diversas, juntamente com outros cidadãos que compartilhem os mesmos ideais: iniciativas educativas da juventude —escolas onde se dê uma formação humana e cristã, tão necessárias e urgentes no nosso tempo—, iniciativas assistenciais, associações para promover o respeito pela vida, ou pela verdade na informação, ou no direito a um ambiente moral sadio... Tudo realizado com a mentalidade profissional dos filhos de Deus chamados a santificar-se no meio do mundo.

«Que entreguemos plenamente as nossas vidas ao Senhor Deus Nosso, trabalhando com perfeição, cada um na sua tarefa profissional e no seu estado, sem esquecer que devemos ter uma só aspiração, em todas nossas obras: pôr Cristo no cume de todas as actividades dos homens»[28].

### **Voltar ao índice**

[1] Cf. João Paulo II, Exort. apost. *Ecclesia in Europa*, 28-VI-2003, c. I.

[2] S. Josemaria, *Carta 30-IV-1946*, nº 19, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, I, Rialp, Madrid 2010, p. 420.

[3] Conc. Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium*, nº 31.

[4] S. Josemaria, *Carta 9-I-1959*, nº 19, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, I, Rialp, Madrid 2010.

[5] Conc. Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium*, nº 31.

[6] S. Josemaria, *Temas Actuais do Cristianismo*, nº 112.

[7] São Josemaria, *Forja*, nº 439.

[8] Jo 12, 32.

[9] S. Josemaria, *Notas de uma meditação*, 27-X-1963, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, I, Rialp, Madrid 2010, pp. 426-427:

[10] Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n<sup>o</sup>s 353, 1929, 1930.

[11] Conc. Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes*, n<sup>o</sup> 24.

[12] *Catecismo da Igreja Católica*, n<sup>o</sup> 1869.

[13] S. Josemaria, *Sulco*, n<sup>o</sup> 302.

[14] Cf. Conc. Vaticano II, Decr. *Dignitatis humanae*, n<sup>o</sup>s 1, 2 e 7.

[15] S. Josemaria, *Forja*, n<sup>o</sup> 718.

[16] Conc. Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium*, n<sup>o</sup> 36.

[17] S. Josemaria, *Carta 9-I-1959*, n<sup>o</sup> 22, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, I, Rialp, Madrid 2010, p. 418.

[18] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n<sup>o</sup> 125.

[19] Cf. II Cor 2, 15.

[20] Paulo VI, Exort. apost. *Evangelii nuntiandi*, 8-XII-1975, n<sup>o</sup> 18.

[21] S. Josemaria, *Caminho*, n<sup>o</sup> 755.

[22] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n<sup>o</sup> 183.

[23] João Paulo II, Carta enc. *Centesimus annus*, 1-V-1991, n<sup>o</sup> 38.

[24] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n<sup>o</sup> 125.

[25] S. Josemaria, *Carta 6-V-1945*, n<sup>o</sup> 14, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, I, Rialp, Madrid 2010, p. 425.

[26] S. Josemaria, *Temas Actuais do Cristianismo*, n<sup>o</sup> 10.

[27] São Josemaria, *Carta 6-V-1945*, n<sup>o</sup> 15, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, III, Rialp, Madrid 2013, p. 574.

[28] São Josemaria, *Carta 15-X-1948*, nº 41 em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, I, Rialp, Madrid 2010, p. 428. Cf. Forja, nº 678.

## PRESTÍGIO PROFISSIONAL

«A vocação cristã é também, por sua própria natureza, vocação ao apostolado»[1]. Como aos primeiros discípulos, Cristo chamou-nos para que O sigamos e Lhe levemos outras almas: *Segui-me, e Eu farei de vós pescadores de homens*[2].

Aplicando esta comparação que o Senhor usa, S. Josemaria ensina que o prestígio profissional tem uma função nos desígnios de Deus, para os que foram chamados a santificar os outros com o seu trabalho: é um importante meio de apostolado, «anzol de pescador de homens»[3].

Por isso sugere a quem se aproxima da formação que o Opus Dei oferece que procure o prestígio na sua profissão: «Tu também tens uma vocação profissional, que te “espicaça”. Sim, esse “agulhão” é o anzol de pescar homens. Rectifica, portanto, a intenção, e não deixes de adquirir todo o prestígio profissional possível, ao serviço de Deus e das almas. O Senhor conta também com “isso”»[4].

### **Prestígio e humildade**

Deus criou todas as coisas para manifestar e comunicar a Sua glória[5], e ao fazer do nosso trabalho uma participação do Seu poder criador, quis que ele reflectisse a Sua glória diante dos outros. Assim *brilhe também a vossa luz diante das pessoas, para que vejam as vossas boas obras e louvem o vosso Pai que está nos céus*[6].

A santificação do trabalho profissional exige que o realizemos com perfeição, por amor a Deus, e que essa perfeição por amor seja luz que atraia para Deus as pessoas que nos rodeiam.

Não deveríamos buscar a nossa glória, mas a glória de Deus, como reza o salmo: *Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam*[7]: Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao Teu nome dá

glória. Quantas ocasiões temos nós para repetir estas palavras! «*Deo omnis gloria*». Para Deus toda a glória (...). A nossa vanglória seria isso precisamente: glória vã. Seria um roubo sacrílego. O “eu” não deve aparecer em parte nenhuma.»[8]

Em muitas ocasiões será preciso rectificar a intenção. Mas não podemos ficar encolhidos, deixando de procurar o prestígio profissional por temor à vanglória, ou por medo de não sermos humildes, porque é uma qualidade exigida pela missão apostólica própria dos leigos.

O Magistério da Igreja lembra-nos que «não só devem respeitar as leis próprias de cada área profissional, como devem procurar alcançar nelas uma real competência»[9]. «Os fiéis leigos deverão executar o seu trabalho com competência profissional, com honestidade humana, espírito cristão, como um meio para a própria santificação»[10].

Vale a pena meditarmos nestas palavras de S. Josemaria: «Sendo o trabalho o eixo da nossa santidade, deveremos obter um bom prestígio profissional e, cada um no seu lugar e condição social, será rodeado pela dignidade e pelo bom nome correspondentes aos seus méritos, ganhos em concorrência honesta com os seus colegas, com os seus companheiros de trabalho ou de profissão.»

«A nossa humildade não consiste em parecermos tímidos, acanhados ou sem audácia, nesse nobre campo dos afazeres humanos. Com espírito sobrenatural, com desejo de servir —com espírito cristão de serviço— temos que procurar estar entre os primeiros, no grupo dos nossos pares.»

«Alguns, com mentalidade pouco laical, consideram a humildade como falta de apurmo, como indecisão que impede de actuar, como abdicação de direitos —às vezes dos direitos da verdade e da justiça— para não contrariar ninguém e ser amáveis com todos. Por isso, haverá pessoas que não compreenderão a nossa prática de humildade profunda —verdadeira— e até a poderão apelidar de orgulho. O conceito cristão desta virtude deformou-se muito, talvez



por tentar aplicar moldes de natureza conventual ao seu exercício no meio da rua, os quais não podem servir aos cristãos que têm de viver, por vocação, nas encruzilhadas do mundo»[11].

### **Por amor a Deus e às almas**

O prestígio profissional de um cristão não consiste necessariamente no êxito. É verdade que o triunfo humano é como uma luz que atrai as pessoas. Mas se, ao aproximarem-se da pessoa que triunfa, não encontram o cristão, o homem de coração humilde e enamorado de Deus, mas encontram um presunçoso cheio de si mesmo, então acontece o que um ponto de *Caminho* descreve: «De longe, atrais: tens luz. De perto, repeles: falta-te calor. Que pena!»[12].

O prestígio que serve para levar almas a Deus é o das virtudes cristãs animadas pela caridade: o prestígio da pessoa trabalhadora, competente na sua tarefa, justa, alegre, nobre e leal, honrada, amável, sincera, prestável..., virtudes que podem ser vividas tanto no sucesso como no fracasso humano. É o prestígio de quem cultiva essas qualidades todos os dias, por amor a Deus e aos outros.

S. Josemaria escreveu que «o trabalho nasce do amor, manifesta o amor, orienta-se para o amor»[13]. O mesmo se deve dizer do prestígio no trabalho: nasce do amor, porque esta deve ser a razão que nos leva a procurá-lo, não a vaidade ou o egocentrismo, manifesta o amor, porque num cristão com prestígio profissional, o espírito de serviço deve ser concreto, e orienta-se para o amor, porque o prestígio não se pode transformar na finalidade do trabalho, mas deve ser um meio para aproximar almas de Deus, concreta e diariamente.

Um prestígio profissional sem fruto apostólico é um prestígio estéril, uma luz que não ilumina. O prestígio deve ser um anzol de pescador, e será que se pode dizer que alguém é pescador se não pesca? Não é uma joia para ser contemplada e guardada, como um

avarento guarda e aprecia os seus tesouros, mas para a colocar ao serviço de Deus, sem medos.

Não devemos ignorar os riscos. Os cristãos podem atrair as pessoas pelo seu prestígio profissional, mas quando falarem com elas sobre Deus, talvez se afastem e, posteriormente, deixem até de os apreciar como antes. Inclusive, como é sabido, há ambientes — clubes, grupos, sociedades influentes...— que abrem as suas portas a profissionais com prestígio, oferecendo vantagens (relações e apoios mútuos) com a condição de não manifestarem a sua fé, aceitando implicitamente uma visão da vida em que a religião deve ficar limitada à esfera privada. Pretendem justificar essa atitude como sendo de respeito à liberdade, mas na realidade excluem a existência da verdade em matéria religiosa, e desse modo a verdade e a liberdade morrem juntas nesses ambientes, ao negarem o vínculo ensinado por Jesus Cristo Senhor: *conhecereis a verdade, e a verdade vos tornará livres*<sup>[14]</sup>. Nestes clubes particularmente laicistas, onde é proibido —esta é a palavra que reflecte a realidade— falar de Deus e, em última análise, fazer apostolado, não se vê como pode um cristão estar presente, obrigado que é a deixar a sua fé à porta, como se deixa o chapéu.

A conclusão não pode ser isolar-se, mas empreender uma tarefa apostólica mais audaz, com a força e a alegria dos filhos de Deus que receberam este mundo em herança, para o possuir e o configurar. Faz falta uma actividade baseada no apostolado pessoal de amizade e confiança, que chegue também a criar ambientes abertos e livres — alheios a esse fanatismo indiferentista, e sem necessidade de etiquetas confessionais— onde seja possível dialogar e colaborar com todas as pessoas de boa vontade que querem construir uma sociedade de acordo com a dignidade transcendente da pessoa humana. Não é tarefa fácil, mas é imprescindível. O cristão deve conquistar prestígio profissional e saber aproveitá-lo para inspirar a sociedade com o espírito cristão.

### **Em todos os trabalhos**

Durante os anos de vida em Nazaré, Jesus *ia crescendo em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens*[15]. O Evangelho diz também que era conhecido *como artesão*[16]. É só unir esses dois dados para perceber o prestígio que o Senhor tinha no seu trabalho.

Na sua tarefa diária de carpinteiro, sem realizar prodígios extraordinários, os seus concidadãos viam-no crescer não só em idade, mas também em sabedoria e graça. Quantos detalhes contêm estas palavras! No modo de atender as pessoas, de receber os encargos e de os realizar com competência profissional, de praticar a justiça juntamente com a caridade, de servir aos outros, de trabalhar com ordem e intensidade, de descansar e de procurar que os outros descansassem..., na Sua serenidade, na Sua paz, na Sua alegria e em todas as Suas tarefas, percebia-se algo que atraía, que levava a procurar a Sua companhia, a confiar n'Ele e a seguir o Seu exemplo: o exemplo de um homem que parecia tão humano e tão divino, que transmitia amor a Deus e amor aos homens, que os fazia sentir-se no céu e ao mesmo tempo na terra, animando-os a serem melhores. Que diferente seria o mundo, pensariam muitos deles, se procurássemos ser como Jesus no nosso trabalho! Que diferente a vida, na cidade ou no campo!

O crescimento de Jesus em idade, sabedoria e graça, a progressiva manifestação da plenitude da vida divina de que a sua natureza humana estava repleta desde a Encarnação, ocorria num trabalho tão corrente como o de carpinteiro. «Diante de Deus, nenhuma ocupação é em si mesma grande ou pequena. Tudo adquire o valor do Amor com que se realiza»[17]. O prestígio profissional é, em última análise, manifestação do amor com que o trabalho é realizado. É uma qualidade da pessoa, não da tarefa que realiza. Não consiste em dedicar-se a uma profissão prestigiosa aos olhos humanos, mas em exercer de modo prestigioso qualquer profissão, brilhante ou não.

Para os homens sim, alguns trabalhos podem ser mais brilhantes que outros, como aqueles que envolvem o exercício da autoridade na sociedade, ou os que têm mais influência na cultura, ou maior projeção nos meios de comunicação, no desporto, etc. Precisamente por isso —porque são mais considerados e influenciam muito na sociedade— é mais necessário que as pessoas que os exercem tenham um prestígio não só técnico mas também moral: um prestígio profissional cristão. É de vital importância que os filhos de Deus realizem com prestígio essas actividades, das quais depende, em boa parte, o nível da nossa sociedade.

Geralmente são os intelectuais quem as realizam, e por isso «temos de procurar que, em todas as actividades intelectuais, haja pessoas rectas, de autêntica consciência cristã, de vida coerente, que empreguem as armas da ciência ao serviço da humanidade e da Igreja»[18]. S. Josemaria tem isso muito presente quando, ao explicar o trabalho apostólico do Opus Dei, escreve que «o próprio Jesus nos escolheu para que, no meio do mundo —onde nos colocou e do qual não nos quis afastar—, cada um de nós procure a santificação no seu estado e, ensinando com o testemunho da vida e da palavra que a chamada à santidade é universal, promova entre pessoas de todas as condições sociais, e especialmente entre os intelectuais, a perfeição cristã no próprio âmago da vida civil.»[19]

### **Voltar ao índice**

[1] Conc. Vaticano II, Decr. *Apostolicam actuositatem*, n<sup>o</sup> 2.

[2] Mc 1,17.

[3] S. Josemaria, *Caminho*, n<sup>o</sup> 372.

[4] S. Josemaria, *Sulco*, n<sup>o</sup> 491.

[5] Cfr. Conc. Vaticano I, Const. dogm. *Dei Filius*, Canon 5.

[6] Mt 5,16.

[7] Sl 115 (113 b), 1.

[8] S. Josemaria, *Caminho*, nº 780.

[9] Conc. Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes*, nº 43.

[10] S. João Paulo II, Exhort. apost. *Christifideles laici*, 30-XII-1988, nº 43.

[11] S. Josemaria, *Carta 6-V-1945*, nºs 30-31, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, II, Rialp, Madrid 2011, p. 394.

[12] S. Josemaria, *Caminho*, nº 459.

[13] S. Josemaria, *Cristo que passa*, nº 48.

[14] Jo, 8, 32.

[15] Lc 2, 52.

[16] Mc 6, 3.

[17] S. Josemaria, *Sulco*, nº 487.

[18] S. Josemaria, *Forja*, nº 636.

[19] S. Josemaria, *Carta 14-II-1944*, nº 1, em A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, I, Ed. Verbo, Lisboa 2002.

## TRABALHO E FAMÍLIA

«O trabalho constitui o fundamento sobre o qual se edifica a *vida familiar*, que é um direito fundamental e uma vocação do ser humano. Estas duas esferas de valores —uma relacionada com a profissão e a outra derivada do carácter familiar da vida humana— devem unir-se entre si e articular-se de um modo correto»[1].

Nem sempre é fácil conciliar as exigências da vocação familiar com as da vocação profissional, mas harmonizá-las constitui uma parte importante do empenho por viver em unidade de vida. É o amor de Deus que dá unidade, põe ordem no coração, mostra quais são as prioridades. Entre essas prioridades está o saber situar sempre o bem das pessoas acima de outros interesses, trabalhando para servir, como manifestação da caridade; e viver a caridade de forma ordenada, começando pelos que Deus colocou mais diretamente ao nosso cuidado.

A vida familiar e a vida profissional apoiam-se mutuamente. O trabalho, dentro e fora de casa, «é, em certo sentido, uma condição para tornar possível a constituição de uma família». Em primeiro lugar porque a família «exige os meios de subsistência que normalmente se obtêm através do trabalho»[2].

Por outro lado, o trabalho é um elemento fundamental para se atingirem os fins da família. «Trabalho e laboriosidade condicionam todo o processo de educação na família, precisamente pelo facto de que cada um “se torna homem” mediante o trabalho, entre outras coisas, e que o facto de se tornar homem exprime exactamente a finalidade principal de todo o processo educativo»[3].

A Sagrada Escritura mostra-nos como articular estes dois âmbitos. S. Josemaria aprendeu e ensinou as lições de Santa Maria e de S. José. Com o seu trabalho, proporcionam a Jesus um lar para crescer e Se desenvolver.

O exemplo de Nazaré ressoava na alma do Fundador do Opus Dei, como escola de serviço, onde «ninguém reserva nada para si próprio. Ali não se ouve falar da minha honra nem do meu tempo, nem do meu trabalho, nem das minhas ideias, nem dos meus gostos, nem do meu dinheiro. Ali tudo se coloca ao serviço do grandioso jogo de Deus com a humanidade, que é a Redenção»[4].

### **Imitar S. José**

«Olhai: que faz S. José, com Maria e com Jesus, para seguir o mandato do Pai, a moção do Espírito Santo? Entrega-Lhe todo o seu ser, põe ao seu serviço a sua vida de trabalhador. José, que é uma criatura, alimenta o Criador; ele, que é um pobre artesão, santifica o seu trabalho profissional, uma coisa que os cristãos esqueceram durante séculos e que o Opus Dei veio recordar. S. José dá-Lhe a sua vida, entrega-Lhe o amor do seu coração e a ternura dos seus cuidados, empresta-Lhe a fortaleza dos seus braços, dá-Lhe... tudo o que é e pode: o trabalho profissional corrente, próprio da sua condição»[5].

S. José trabalhou para servir o Filho de Deus e a sua Mãe. Nada sabemos do produto material do seu trabalho, nem foi encontrado nenhum objeto que tenha a sua assinatura; mas sabemos quem foram os primeiros a beneficiar das suas horas de fadiga: a Santíssima Virgem e Nosso Senhor Jesus Cristo. O corpo do Senhor, entregue anos mais tarde na Cruz para nos salvar, participou da indigência humana, cresceu e desenvolveu-se sob o amparo dos seus pais, necessitou do trabalho de José.

O trabalho de S. José é um exemplo maravilhoso do jogo divino e humano da Redenção. Está ao serviço das necessidades mais materiais da santíssima Humanidade do Redentor. Ensinou o seu ofício ao Divino Artífice, sustentou economicamente, com o seu esforço, o Senhor de toda a Criação. Ao voltar a casa não se deixou

levar pelo cansaço da jornada, pois não quis privar o Filho de Deus dos cuidados e atenções próprios da paternidade humana.

Ao dedicar a sua vida à Família, S. José alcançou um lugar de honra na História da Salvação. O seu trabalho, longe de se ver empequenecido pelas exigências impostas pelas suas responsabilidades como cabeça de família —viagens, mudanças de domicílio, dificuldades e perigos— viu-se infinitamente enriquecido. O trabalho de S. José, tal como o de Santa Maria, transborda de transcendência, eternidade.

Que grande lição para nós, que tão facilmente nos deixamos fascinar pelo desejo de afirmação pessoal e glória humana no trabalho! A glória de S. José foi ver crescer Jesus *em idade e sabedoria*[6], e servir Nossa Senhora. As horas de esforço continuado do santo Patriarca tinham rosto. Não terminavam numa obra material, por muito bem feita que estivesse. Eram ocasião para amar a Deus no seu Filho e na sua Mãe.

Deus deu-nos a possibilidade de O descobrirmos e amarmos, servindo os mais próximos, através das diferentes tarefas profissionais. Muitas pessoas colocam na secretária ou no local de trabalho fotografias ou algo que lhes faça lembrar os seres queridos, e isto serve-lhes para darem sentido às suas tarefas, recorda-lhes que o esforço vale a pena, que não trabalham sozinhos. Se não há amor, se a família, todas as pessoas e, em última análise, Deus, deixam de dar sentido ao trabalho, o coração procura sucedâneos, na forma de vaidade, afã de êxito ou consideração social.

Dá muita pena ver pessoas interiormente divididas. Sofrem muito, inutilmente. Tratam de ajustar uma infinidade de compromissos que não são compatíveis. Por mais que se esforcem não conseguem, porque o que lhes falta não é tempo, mas um coração ordenado e enamorado. As obrigações familiares parecem-lhes um obstáculo para crescer profissionalmente; quereriam ser bons amigos, mas não usam a cabeça e o coração para pensar nos outros. O exemplo de S. José pode ajudar-nos a todos. Nele, o cuidado da Sagrada Família e o trabalho de artesão não eram coisas



distintas, mas uma única realidade. Cuidava de Santa Maria trabalhando, e mostrava o amor a Jesus com a sua tarefa, numa vida plenamente coerente.

### **Apostolado urgente**

«Deve-se recordar e afirmar que, numa visão global, a família constitui um dos mais importantes pontos de referência, segundo os quais tem de ser formada a ordem socio-ética do trabalho humano (...). Com efeito, a família é, ao mesmo tempo, uma comunidade tornada possível pelo trabalho e a primeira escola interna de trabalho para todos e cada um dos homens»[7]. Enfrentamo-nos hoje com o repto apaixonante de outorgar à família o lugar central que lhe corresponde na vida das pessoas e no mundo do trabalho. Este repto assume muitas facetas. Em primeiro lugar, valorizar afectiva e efectivamente as profissões mais estreitamente ligadas aos fins próprios da família, como sejam os trabalhos domésticos, o trabalho educativo, muito especialmente nos primeiros anos de vida, ou as diferentes formas de colaboração —nunca substituição dos deveres familiares— na assistência a doentes e a idosos.

É também um desafio muitíssimo actual evitar, tanto quanto possível a cada um, que a organização do trabalho gere situações que fomentem graves tensões familiares ou incompatibilidades com as obrigações do lar. Estas situações ocorrem com frequência: salários insuficientes, que dificultam o crescimento e desenvolvimento normal das famílias; horários que reduzem muito a presença do pai ou da mãe no lar; travões à atitude generosa, aberta à vida, de muitas mulheres que desejam compatibilizar a dedicação à família com o trabalho fora de casa.

Não podemos esquecer que a competitividade laboral que reina na sociedade actual afecta de modo particular os profissionais jovens, que tantas vezes têm de compatibilizar a dedicação à família com uma pesadíssima carga de trabalho. Com frequência vive-se com

um horário de trabalho muito apertado e com uma remuneração não tão generosa como se quereria para enfrentar com paz a aventura familiar.

Por outro lado, para se progredir profissionalmente, as regras laborais exigem muitas vezes mais dedicação, mais disponibilidade, mais viagens... É certo que a vida é complexa, competitiva; e que frequentemente a agressividade no âmbito laboral dificulta a harmonia entre a vida familiar e profissional. Negá-lo seria fechar os olhos à realidade, mas aceitá-lo como algo irremediável —como quando vemos que está a chover— não seria próprio de um filho de Deus. Há que pedir ao Senhor a fortaleza para saber dizer que não a supostas exigências do trabalho, sem se deixar absorver pelo que não é mais que um meio. Temos toda a ajuda divina para mudar o mundo, a cultura, a sociedade; para mudar o nosso coração. Mas devemos primeiramente encher-nos de esperança —dom divino— porque o Senhor pode tudo. Se captarmos com força o exemplo de serviço, de abnegação, de entrega autêntica e concreta que nos mostra a Família de Nazaré, saberemos depois encontrar tempo para a família, para a relação com Deus: o nosso verdadeiro tesouro. Porque o segredo da unidade de vida é ter um coração enamorado, um amor que ilumina toda a nossa vida, também quando se apresenta cinzenta e com nuvens grandes e densas.

O repto é grande, e a tarefa apostólica urgente. «Há dois pontos capitais na vida dos povos: as leis acerca do casamento e as leis acerca do ensino. E aí têm de estar firmes os filhos de Deus, lutando bem e com nobreza, por amor a todas as criaturas»[8].

Uma sociedade que não proteja a família, talvez com a falsa desculpa de um progresso técnico e económico mais rápido, na realidade está a acelerar a sua destruição. Sem a família, a civilização degenera, e a médio prazo desagrega-se e fica estagnada, também economicamente. A Igreja não se cansa de o recordar. As famílias cristãs estão chamadas a preservar com firmeza esta instituição.

Apoiar e fomentar o conjunto de valores que a família cultiva é hoje uma prioridade na missão da Igreja. Disto dependem muitas

outras coisas. A qualidade moral duma sociedade depende da saúde moral das suas famílias. Na origem de muitas situações de corrupção generalizada, que acabam por minar a capacidade de trabalho, está seguramente um défice de educação na justiça e no serviço aos outros dentro das famílias. Pensemos também, por exemplo, na dificuldade de responder com generosidade a uma chamada divina, quando a personalidade não amadureceu num ambiente adequado.

As gerações que virão a protagonizar o futuro contarão com os recursos espirituais e morais que receberem agora, principalmente no seio das suas famílias. É incalculável a transcendência social do que acontece na pequena comunidade familiar. Está em jogo a felicidade de muitas pessoas. Vale a pena levar muito a sério, sem regatear esforços e começando pela própria família, esta colossal tarefa apostólica.

«Meus filhos, temos de estar sempre no meio da rua, no meio do mundo, procurando criar à nossa volta um remanso de águas límpidas, para que venham outros peixes, e entre todos vamos limpando o remanso, purificando o rio, devolvendo a sua qualidade às águas do mar»[9]. «O empenho que puserdes, minhas filhas e meus filhos, para imprimir um tom profundamente cristão nos vossos lares e na educação dos vossos filhos, fará das vossas famílias focos de vida cristã, remansos de águas límpidas que influirão em muitas outras famílias, facilitando também o surgir de vocações» [10].

### **Voltar ao índice**

[1] S. João Paulo II, Carta enc. *Laborem Exercens*, 14-IX-1981, nº 10

[2] *Ibid.*

[3] *Ibid.*

[4] S. Josemaria, *Carta 14-II-1974*, nº 2.

[5] S. Josemaria, *Meditação* “S. José, Nosso Pai e Senhor”, 19-III-1968, citado por J.M. Casciaro, *La encarnación del Verbo y la corporalidad humana*, em *Scripta Theologica* 18 (1986/3) 751-770.

[6] Cf. Lc 2, 52.

[7] S. João Paulo II, Carta enc. *Laborem Exercens*, 14-IX-1981, nº 10

[8] S. Josemaria, *Forja*, nº 104.

[9] S. Josemaria, *Notas da pregação*, 20-V-1973; em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, III, Rialp, Madrid 2013, p. 118.

[10] Mons. Javier Echevarría, *Carta 28-XI-2002*, nºs 11-12.

## A FORÇA DO FERMENTO

A sociedade é como um tecido de relações entre os homens. O trabalho, a família e as outras circunstâncias da vida criam uma rede de vínculos, em que a nossa existência se encontra como que *tecida*[1], de modo que quando procuramos santificar a profissão concreta, a situação familiar particular ou o resto dos deveres correntes, não estamos a santificar uma fibra isolada, mas todo o tecido social.

Este trabalho santificador converte os cristãos em poderoso fermento de ordenação do mundo, de modo que este reflecte melhor o amor com que foi criado. Quando a caridade está presente em qualquer actividade humana, reduzem-se os espaços de egoísmo, principal factor de desordem no homem, nas suas relações com os outros e com as coisas. Assim, portadores do Amor do Pai no meio da sociedade, os fiéis leigos «estão aí chamados por Deus a cumprir a seu próprio encargo, guiando-se pelo espírito evangélico, de modo que, como a levedura, contribuam, a partir de dentro, para santificação do mundo»[2].

A eficácia transformadora dessa levedura cristã no trabalho depende, em grande medida, de que cada um procure alcançar uma preparação adequada. Esta não deve limitar-se à instrução específica —técnica ou intelectual— que cada profissão requer. Há outros aspectos que, por serem imprescindíveis para alcançar uma verdadeira “competência” humana e cristã, influem directissimamente nas relações laborais e sociais que se originam à volta do trabalho e que são fundamentais para ordenar a Deus o tecido social.

**Ser do mundo sem ser mundanos**

O cristão que está chamado a santificar-se na sua profissão deve ser do mundo, mas não ser mundano. Procura o bem-estar temporal, mas não o considera como o bem supremo. Reconhece com realismo a presença do mal, mas não desanima quando o encontra, procura antes reparar e lutar com mais empenho para o purificar do pecado. «Nunca deve faltar o entusiasmo, nem no vosso trabalho nem no vosso empenho por construir a cidade temporal. Ainda que, ao mesmo tempo, como discípulos de Cristo que *crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências* (Gal 5, 24), procureis manter vivo o sentido do pecado e da reparação generosa, frente aos falsos optimismos dos que, *inimigos da cruz de Cristo* (Flp 3, 18), baseiam tudo no progresso e nas energias humanas»[3].

«“Ser do mundo”, em sentido positivo, leva a ter espírito contemplativo no meio de todas as actividades humanas (...), tornando realidade este programa: quanto mais dentro do mundo estejamos, tanto mais temos que ser de Deus»[4]. Esta aspiração, longe de produzir retraimento diante das dificuldades do ambiente, impulsiona para uma maior audácia, fruto de uma presença de Deus mais intensa e constante. Porque somos do mundo e somos de Deus, não nos podemos fechar: «não é lícito aos cristãos abandonar a sua missão no mundo, como a alma não pode separar-se voluntariamente do corpo»[5]. S. Josemaria concretiza essa tarefa de cidadãos cristãos em «contribuir para que o amor e a liberdade de Cristo presidam a todas as manifestações da vida moderna, a cultura e a economia, o trabalho e o descanso, a vida de família e a convivência social»[6].

Manifestação capital do espírito cristão —e mesmo simplesmente humano— é reconhecer que a plena felicidade humana se encontra na união com Deus, não na posse de bens terrenos. É justamente o contrário de *ser mundano*. O mundano põe todo o coração nos bens deste mundo, sem se lembrar de que estão feitos para o conduzir ao Criador. Pode suceder alguma vez, que diante da experiência de pessoas que, afastadas de Deus, parecem encontrar felicidade ao dispor dos bens que desejam, surja o pensamento de que a união com Deus não é a única fonte de alegria plena. Mas não nos devemos

enganar. Trata-se de uma felicidade inconsistente, superficial e não isenta de inquietações. Essas mesmas pessoas seriam incomparavelmente mais felizes, já nesta terra e depois plenamente no Céu, se tratassem a Deus e ordenassem para a Sua glória o uso desses bens. A sua felicidade deixaria de ser uma felicidade frágil, exposta a muitas eventualidades e não temeriam —com esse temor que lhes tira a paz— que viessem a faltar-lhes uns ou outros bens, nem os assustaria a realidade da dor e da morte.

As bem-aventuranças do Sermão da montanha —*bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os mansos..., os que têm fome e sede de justiça..., os que sofrem perseguição por causa da justiça...*[7]— mostram que a plena felicidade a bem-aventurança não se encontra nos bens deste mundo. S. Josemaria ficava magoado porque, às vezes, «se enganam as almas. Fala-se-lhes de uma libertação que não é a de Cristo. Os ensinamentos de Jesus, o Seu Sermão da Montanha, essas bem-aventuranças que são um poema do amor divino, ignoram-se. Só se procura uma felicidade terrena, que não é possível alcançar neste mundo»[8].

As palavras do Senhor não justificam, no entanto, uma visão negativa dos bens terrenos, como se fossem maus ou impedimento para alcançar o Céu. Não são obstáculo, mas matéria de santificação e o Senhor não convida a recusá-los. Ensina, antes, que *o único necessário*[9] para a santidade e a felicidade é amar a Deus. Quem não dispõe desses bens ou quem sofre, deve saber não só que a alegria plena pertence ao Céu, mas que já nesta terra é “bem-aventurado” —pode ter uma antecipação da felicidade do Céu— porque a dor e, em geral, a carência de um bem, tem valor redentor se se acolhe por amor à Vontade do nosso Pai Deus, que *tudo ordena para o nosso bem*[10]. Procurar o bem-estar material para os que nos rodeiam é muito agradável a Deus, é uma forma maravilhosa de embeber de caridade as realidades temporais e é perfeitamente compatível com a atitude pessoal de desprendimento que o Senhor nos ensinou.

## **Mentalidade laical, com alma sacerdotal**

Um filho de Deus há-de ter *alma sacerdotal*, porque foi feito participante do sacerdócio de Cristo para co-redimir com Ele. Nos fiéis do Opus Dei, por estarem chamados a santificar-se no meio do mundo, esta característica encontra-se intrinsecamente unida à *mentalidade laical*, que leva a realizar o trabalho e os diversos afazeres com competência, de acordo com as suas leis próprias, queridas por Deus[11].

No âmbito básico das normas de moral profissional, que interessa cuidar delicadamente como pressuposto necessário para santificar o trabalho, há muitos modos de levar a cabo as tarefas humanas de acordo com o querer de Deus. Dentro das leis próprias de cada actividade, e na ampla perspectiva que abre a moral cristã, há muitas opções, todas elas santificáveis, entre as quais cada um pode escolher com responsabilidade e liberdade pessoais, respeitando a liberdade dos outros. Essa liberdade intransferível faz com que a participação de cada um na vida social —no lar, no trabalho, na convivência— seja única, original e irrepetível, como é irrepetível a resposta ao amor a Deus de cada alma. Não devemos privar a família humana do bom exercício da nossa liberdade, fonte de iniciativas de serviço aos outros para a glória de Deus. O Fundador do Opus Dei ensinou que assumir profundamente este facto é característica essencial do espírito da Obra. «Liberdade, meus filhos, liberdade, que é a chave dessa mentalidade laical que todos temos no Opus Dei» [12].

A alma sacerdotal e a mentalidade laical são dois aspectos inseparáveis no caminho de santidade que S. Josemaria ensina. «Em tudo e sempre temos que ter —tanto os sacerdotes como os leigos— *alma verdadeiramente sacerdotal e mentalidade plenamente laical*, para que possamos entender e exercitar na nossa vida pessoal aquela liberdade de que gozamos na esfera da Igreja e nas coisas temporais,



considerando-nos ao mesmo tempo cidadãos da *cidade de Deus* (cfr. Ef 2,19) e da cidade dos homens» [13].

Para ser fermento de espírito cristão na sociedade é preciso que na nossa vida se cumpra esta união, de modo que todos os nossos afazeres profissionais, realizados com mentalidade laical, estejam empapados de alma sacerdotal.

Sinal claro desta união é pôr em primeiro lugar o trato com Deus, a piedade, que para um filho de Deus se pode concretizar no cumprimento de um plano de vida espiritual. Necessitamos de alimentar o Amor como impulso vital da nossa vida, porque não é possível trabalhar realmente para Deus sem uma vida interior cada vez mais profunda. Como recordava S. Josemaria: «Se não tiverdes vida interior, ao dedicar-vos ao vosso trabalho, em lugar de o divinizar, poderia suceder-vos o que sucede ao ferro, quando está vermelho e se mete em água fria: destempera-se e apaga-se. Deveis ter um fogo que venha de dentro, que não se apague, que incendeie tudo aquilo em que toque. Por isso pude dizer que não quero nenhuma obra, nenhum trabalho, se os meus filhos não melhoram nele. Meço a eficácia e o valor das obras, pelo grau de santidade que adquirem os instrumentos que as realizam.»

«Com o mesmo vigor com que antes vos convidava a trabalhar e a trabalhar bem, sem medo ao cansaço; com essa mesma insistência, vos convido agora a ter vida interior. Nunca me cansarei de o repetir: as nossas Normas de piedade, a nossa oração, são o primeiro. Sem a luta ascética, a nossa vida não valeria nada, seríamos ineficazes, *ovelhas sem pastor, cegos que guiam outros cegos* (cfr. Mt 9, 36; 15, 4)» [14].

Para que o fermento não se desvirtue, tem de ter a força de Deus. Deus é que transforma. Só quando permanecemos unidos a Ele somos verdadeiramente fermento de santidade. De outro modo estaremos na massa como simples massa, sem contribuir com o que se espera da levedura. O empenho por cuidar de um plano de vida espiritual acabará por produzir o milagre da acção transformadora de Deus: primeiro em nós mesmos, por ser esse plano um caminho

de união com Ele e, como consequência, nos outros, na sociedade inteira.

### **Voltar ao índice**

[1] Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium*, n. 31. Cfr. João Paulo II, Exhort. apost. *Christifideles laici*, 30-XII-1988, nº 15.

[2] *Ibid.*

[3] S. Josemaria, *Carta 9-I-1959*, nº 19, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, I, Rialp, Madrid 2010, p. 439. Cfr. *Cristo que passa*, nºs 95-101.

[4] S. Josemaria, *Forja*, nº 740.

[5] *Epistola ad Diognetum*, 6.

[6] S. Josemaria, *Sulco*, nº 302.

[7] Mt 5, 3 ss.

[8] S. Josemaria, *Apontamentos de uma meditação*, 25-XII-1972, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, III, Rialp, Madrid 2013, p. 125.

[9] Lc 10, 42.

[10] Cfr. Ro 8, 28.

[11] Cfr. Conc. Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes*, nº 36.

[12] S. Josemaria, *Carta 29-IX-1957*, citado por A. Cataneo, *Tracce per una spiritualità laicale offerte dall'omelia "Amare il mondo appassionatamente"*, em revista *Annales Theologici* 16 (2002) 128.

[13] S. Josemaria, *Carta 2-II-1945*, nº 1, em A. Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, II, Rialp, Madrid 2002, p. 670.

[14] S. Josemaría, *Carta 15-X-1948*, nº 20, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, III, Rialp, Madrid 2013, p. 210.

## TRABALHAR EM TODO O TEMPO

S. Josemaria escreveu que o trabalho é «uma doença contagiosa, incurável e progressiva»[1]. Um dos sintomas claros desta doença consiste em não saber estar sem fazer nada. O desejo de dar glória a Deus é a razão última dessa laboriosidade, desse desejo de santificar o tempo, de querer oferecer a Deus cada minuto de cada hora, cada hora de cada dia... cada etapa da vida. «Aquele que é laborioso aproveita o tempo, que não só é ouro, é glória de Deus! Faz o que deve e está no que faz, não por rotina, nem para ocupar as horas, mas como fruto de uma reflexão atenta e ponderada»[2].

*O homem cauteloso medita os seus passos*[3], diz o livro dos *Provérbios*. Meditar os passos na tarefa profissional é essa reflexão atenta e ponderada de que fala S. Josemaria, que leva a pensar para onde caminhamos com o nosso trabalho e a rectificar a intenção. O prudente discerne em cada circunstância o melhor modo de se dirigir para o seu fim. E a nossa meta é o Senhor. Quando mudam as circunstâncias convém ter o coração desperto para entender as chamadas de Deus em e através das mudanças, das novas situações.

Vamos deter-nos em dois momentos concretos da vida profissional: o início e o final. Na sua especificidade, ajudam a ver com mais clareza alguns aspectos da santificação do trabalho. Entre outros: a disposição vigilante, com a fortaleza da fé, para manter a rectidão de intenção; o valor relativo da materialidade do que fazemos; a fugacidade dos êxitos ou dos fracassos; a necessidade de manter sempre uma atitude jovem e desportiva, disposta a recomeçar, por amor a Deus e aos outros, quantas vezes for necessário...

### **Os inícios da vida profissional**

Uma das notas essenciais do espírito do Opus Dei é a unidade de vida. Viver em unidade significa orientar tudo para um único fim; «procurar “só e em tudo” a glória de Deus»[4]. Para aqueles que dedicam a maior parte do dia a realizar uma profissão, é necessário aprender a integrá-la no conjunto do projecto de vida. O início da vida profissional é um dos momentos mais importantes nessa aprendizagem. É uma situação de mudança, de novos desafios e possibilidades... e também de dificuldades que convém conhecer.

Nalguns âmbitos, por exemplo, difundiram-se práticas que exigem dos jovens profissionais uma dedicação sem limite de horário nem de compromisso, como se o trabalho fosse a única dimensão da sua vida. Estas práticas inspiram-se, por um lado, em técnicas psicológicas e de motivação; mas também respondem a uma mentalidade que absolutiza o êxito profissional sobre qualquer outra dimensão da existência. Por diversos meios procura-se fomentar uma atitude em que o compromisso com a empresa ou com a equipa de trabalho esteja acima de qualquer outro interesse. E é precisamente em pessoas com vocação profissional, que querem fazer muito bem o seu trabalho, que esta perspectiva pode ter êxito. Por isso S. Josemaria, mestre da santificação do trabalho, advertia para o perigo de transtornar a ordem das aspirações. «Interessa que lutes, que metas o ombro... De todos os modos, coloca os afazeres profissionais no seu lugar: constituem exclusivamente meios para chegar ao fim; nunca se podem tomar, nem pouco mais ou menos, como o fundamental. Quantas *profissionalites* impedem a união com Deus!»[5]

Os meios que se usam para impor essa exclusividade não costumam consistir em rígidas imposições, mas antes em fazer entender que a estima, a consideração e as possibilidades futuras de uma pessoa dependam da sua disponibilidade incondicional. Deste modo se fomenta que se passe o máximo número de horas possível na empresa, que se renuncie ao fim-de-semana ou a períodos de descanso —habitualmente dedicados à família e a cultivar a amizade— mesmo sem que haja para isso uma real necessidade. Estas e outras formas de demonstrar a máxima disponibilidade vêm-se

frequentemente incentivadas com gratificações avultadas ou com benefícios que fazem sentir um elevado *status* social ou profissional: hotéis de primeira classe, quando se viaja por motivos de trabalho, presentes... Pelo contrário, qualquer limitação da disponibilidade é vista como um perigoso desvio do “espírito de equipa”. A equipa de trabalho ou a empresa pretendem assim absorver a totalidade das energias. Qualquer outro compromisso externo tem de se submeter aos que se têm no trabalho. S. Josemaria prevenia contra possíveis falsos raciocínios neste sentido. «Uma impaciente e desordenada preocupação por subir profissionalmente pode disfarçar o amor-próprio sob a capa “de servir as almas”. Com falsidade —não retiro uma letra— forjamos a justificação de que não devemos desaproveitar certas conjunturas, certas circunstâncias favoráveis...»[6]

Não é difícil imaginar que efeitos pode ocasionar uma mentalidade como a que acabámos de descrever em quem careça de uma hierarquia clara de valores ou da fortaleza da fé para manter as legítimas aspirações profissionais dentro da ordem que permita subordiná-las ao amor a Deus. Pensemos, por exemplo, nas dificuldades que atravessa a vida familiar quando o pai ou a mãe não têm tempo nem energias para o lar; ou os regateios que, por falta de domínio da própria situação, sofre o trato com Deus.

A atitude de quem se “deixa levar” ou a perda de rectidão de quem se deixa seduzir pelo êxito humano —muito distinto do prestígio humano e profissional que é anzol do apóstolo— impossibilitam a consecução de uma vida em harmonia, onde a profissão fique integrada segundo a ordem da caridade, que inclui atender outros deveres espirituais, familiares e sociais.

O empenho único por dar glória a Deus e a fortaleza sobrenatural da graça permitem harmonizar, com hierarquia e ordem, e sobretudo com fé em que Deus não pede impossíveis, as diferentes facetas da nossa existência. Uma ordem que não é rigidez, mas ordem de amor: fazer o que devemos fazer em cada momento e renunciar ao que devemos renunciar. Às vezes basta um pouco de astúcia para saber

dizer que não sem se confrontar diretamente; outras vezes será necessário falar claramente, dando o testemunho amável de uma vida coerente com as próprias convicções, testemunho avalizado pelo prestígio de quem trabalha como o melhor. Em qualquer caso, não devemos perder a paz, persuadidos de que as dificuldades é Deus quem as permite para nosso bem e o de muitas outras pessoas.

A um filho de Deus, o que realmente lhe interessa é agradar ao seu Pai, procurar e cumprir a sua vontade, procurando viver e trabalhar na sua amorosa presença. Este é o fim, o que dá sentido a tudo, o que nos move a trabalhar e a descansar, a fazer isto ou aquilo; o que dá a força, a paz, a alegria. Tudo o resto tem um valor relativo. Para cristianizar os ambientes profissionais requer-se maturidade humana e sobrenatural, além de grande prestígio humano e profissional, que vai para além da mera produtividade.

Os filhos de Deus foram libertados por Cristo na Cruz. Podemos acolher essa libertação ou recusá-la. Se a acolhemos com a nossa correspondência, viveremos longe da escravidão das opiniões dos outros, da tirania das nossas paixões ou de qualquer pressão que pretenda vergar a nossa vontade para servir senhores diferentes do nosso Pai Deus.

Quem se decide a trabalhar por amor a Deus aprenderá a captar a importância precisa que têm as diferentes exigências da vida: valorizá-las-á em função da vontade de Deus. Poderá integrar um trabalho profissional exigente com a dedicação à família, aos amigos... com o tempo e as energias que cada ocupação requer.

Frequentemente será necessária uma boa dose de fortaleza e a liberdade interior suficiente para dizer que não a solicitações —em si, talvez, boas— que possam afastar o coração de Deus. Para isto não há receitas. A actuação prudente num assunto de tanta importância requer uma intensa presença do fim —uma vida interior sólida, um desejo firme de dar glória a Deus— e a atitude humilde, vigilante e aberta, de se deixar aconselhar.

O resultado será manter nas próprias mãos as rédeas da existência, sem deixar que o trabalho profissional, sendo um aspecto importante, passe a ocupar um posto que só corresponde ao Senhor. Só Ele é digno de orientar tudo o que fazemos, o próprio trabalho incluído. Nos primeiros anos de profissão, costumam aparecer situações novas, relações diferentes das que se tinham mantido até então, que constituem uma ocasião irrepetível para dar muita glória a Deus. Nesta época, é importante não se deixar levar pelo desejo de afirmação pessoal, pelo afã de demonstrar o próprio valor aos outros e a si mesmo, e outras tentações semelhantes.

### **O final de uma etapa, o começo de outra**

Outra fase da vida que tem as suas exigências específicas é a velhice, quando a diminuição das energias físicas impede de realizar a profissão com a mesma intensidade que antes; ou quando, tendo ainda forças para continuar a tarefa com pleno rendimento, chega o momento da reforma, talvez obrigatória. Esta transformação da condição de vida, quase instantânea, requer adaptar-se a muitos aspectos práticos e, sobretudo, um espírito “jovem”, disposto a enfrentar uma nova etapa.

É sem dúvida um bom momento para voltar a meditar sobre o significado da santificação do trabalho e das actividades correntes da existência, precisamente numa situação em que as limitações pessoais se podem apreciar com mais clareza. Por vezes tratar-se-á de saber voltar um pouco à situação de criança; com a simplicidade de viver sem dramas e com alegria a perda de uma posição profissional que talvez fizesse sentir a própria tarefa como muito importante, com pessoas que dependiam desse trabalho.

Pode chegar então a tentação de se sentir inútil, de renunciar à audácia de empreender e desenvolver novas actividades por medo a falhar ou por não confiar nas próprias capacidades. E no entanto, esta nova fase da vida é uma ocasião esplêndida para pensar como



ser, justamente, úteis ao Senhor e aos outros, com um renovado espírito de serviço, mais sereno e mais recto, em tantas coisas pequenas ou em grandes iniciativas.

As possibilidades são variadíssimas. Nalguns manter-se-á uma parte da actividade profissional anterior, preparando as pessoas que possam continuar o trabalho que se está a abandonar. Noutros casos, as capacidades próprias serão orientadas para actividades distintas, por vezes de carácter mais social ou assistencial: atenção a doentes, apoio a centros educativos ou formativos... Também o mundo associativo, por vezes tão decisivo para influir na opinião pública, necessita de pessoas com experiência e possibilidade de dedicação de tempo. Pensemos em associações familiares, culturais, ambientais; em associações de telespetadores ou de consumidores; em círculos políticos.

Naturalmente para quem tem filhos e netos, uma parte importante do seu tempo estará centrado em prestar ajuda às famílias constituídas pelos seus próprios filhos. Para as famílias jovens, a ajuda dos avós é valiosíssima. A sua disponibilidade generosa e sorridente será muitas vezes exemplo e apoio que oriente o modo como os pais educam os filhos.

Os horizontes apostólicos da terceira idade são muito amplos. É importante viver esta fase da vida de modo inteligente e activo. A passagem de uma actividade profissional que absorvia a maior parte do tempo, para uma situação de maior liberdade de horário, não deve dar lugar ao aburguesamento. Desde a dedicação a interesses específicos até à dedicação a actividades de profundo cunho social, tudo pode estar empapado de um forte conteúdo apostólico. As oportunidades de entrar em contacto com outras pessoas podem ser habitualmente muito grandes e a sabedoria e experiência acumuladas devem-se pôr ao serviço dos outros, também, na medida do possível, do trabalho apostólico com jovens. Do mesmo modo, o apostolado da opinião pública oferece oportunidades para quem tenha a preparação adequada, em forma de colaboração em pequenos ou grandes jornais, rádios ou televisões. Não faltarão

sequer pessoas capazes de escrever livros, propor ciclos de conferências, ou qualquer meio para fazer ouvir os ensinamentos da Igreja.

É importante saber projectar estes anos com o espírito da “juventude perene” do cristão e com a santa audácia que o deve acompanhar. «O espírito humano (...) ainda que participando do envelhecimento do corpo, num certo sentido permanece sempre jovem se vive orientado para o eterno»[7]. S. Josemaria, nos anos finais da sua vida, quando as forças físicas diminuían, não deixou de empreender projectos cheios de audácia, como por exemplo o santuário de Torreciudad. Era igualmente surpreendente o exemplo de São João Paulo II, que promoveu numerosas iniciativas —qual delas a mais audaz— com força e vigor apesar da doença que o acompanhou nos últimos anos.

A ele próprio se poderiam aplicar estas suas palavras, com que nos convida a ter em grande estima a última etapa da vida: «Todos conhecemos exemplos eloquentes de idosos com uma surpreendente juventude e vigor de espírito. Para quem os trata de perto, são estímulo com as suas palavras e consolo com o exemplo. É de desejar que a sociedade valorize plenamente os idosos, que nalgumas regiões do mundo —penso em particular em África— são considerados justamente como “bibliotecas vivas” de sabedoria, guardiões de um inestimável património de testemunhos humanos e espirituais. Ainda que seja verdade que a nível físico têm geralmente necessidade de ajuda, também é verdade que, na sua avançada idade, podem oferecer apoio aos jovens que no seu percurso assomam ao horizonte da existência para provar os distintos caminhos».

«Enquanto falo dos idosos, não posso deixar de me dirigir também aos jovens para os convidar a estar a seu lado. Exorto-vos, queridos jovens, a fazê-lo com amor e generosidade. Os idosos podem dar-vos muito mais do que possais imaginar. Neste sentido, o Livro do *Eclesiástico* diz: “Não desprezes o que contam os idosos, porque eles também aprenderam dos seus pais (8, 9). Vai ao

encontro dos anciãos; há um sábio? Junta-te a ele (6, 34); porque, que bem parece a sabedoria nos idosos!” (25, 5)»[8].

### **Voltar ao índice**

[1] S. Josemaria, *Carta 15-X-1948*, citado por A. Nieto, *Josemaría Escrivá, sacerdote de Deus, trabalhador exemplar*, *Discurso* pronunciado na Universidade de Navarra em 26-VI-1985.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, nº 81.

[3] Prv 14, 15.

[4] S. Josemaria, *Forja*, nº 921.

[5] S. Josemaria, *Sulco*, nº 502.

[6] S. Josemaria, *Sulco*, nº 701.

[7] João Paulo II, *Carta aos idosos*, 1-X-1999, nº 12.

[8] *Ibid.*

## JESUS CRISTO NO CUME DE TODAS AS ACTIVIDADES HUMANAS

«Esta tem sido a minha pregação constante desde 1928: urge cristianizar a sociedade»[1], afirma S. Josemaria numa homilia; e pouco depois propõe o modo para alcançá-lo: «Elevar à ordem da graça os afazeres diários, a profissão, a carreira»[2]. Trata-se, por outras palavras, de santificar o trabalho. «Pelo trabalho, o cristão submete o mundo criado (Gn 1, 28) e ordena-o para Cristo Jesus, em Quem se renovam todas as coisas»[3]. Abre-se aqui uma perspectiva fascinante, cuja origem se encontra num facto histórico que é preciso recordar para compreender o alcance da mensagem.

### **“E Eu quando for levantado sobre a terra...”**

O dia 7 de agosto de 1931 foi uma data memorável para S. Josemaria. Muitas vezes ao longo da vida recordará que nesse dia o Senhor o fez ver com uma inusitada clareza uma característica do espírito que transmitia desde 1928. Compreendeu que Jesus Cristo reinará no mundo porque, de alguma maneira, alguns cristãos O colocarão na base e no cume da sua atividade profissional, santificando o trabalho. Assim, Ele atrairá todos os homens e todas as coisas a Si e o Seu Reino será uma realidade, porque a sociedade inteira —as pessoas, as instituições e os costumes— tecida pelos fios das diversas profissões, estará cristãmente configurada.

Essa mensagem ficou impressa na sua alma quando ele compreendeu, com sentido novo, as palavras do Senhor descritas em Jo 12, 32 (segundo a *Vulgata*, usada então na liturgia): *Et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum — E Eu, quando for levantado sobre a terra, atrairei todas as coisas a Mim.* Eis aqui uma das passagens em que se refere a esse momento:

«Quando um dia, na quietude de uma igreja madrilena, me sentia... nada! —não digo pouco; pouco, ainda teria sido alguma coisa— pensava: Tu queres, Senhor, que faça toda esta maravilha? (...) E, lá no fundo da alma, entendi com um sentido novo, pleno, aquelas palavras da Escritura:» «*Et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum.* Entendi-o perfeitamente. O Senhor dizia-nos: se Me puserdes nas entranhas de todas as actividades da terra, cumprindo o dever de cada momento, sendo Meu testemunho naquilo que parece grande e naquilo que parece pequeno... então, *omnia traham ad meipsum!* O Meu Reino entre vós será uma realidade!»[4]

As biografias de S. Josemaria narram a profunda comoção que experimentou na alma ao receber essa luz[5]. As palavras de Jo 12, 32 —esculpidas junto da sua imagem nos muros da Basílica de São Pedro, benzida por Bento XVI em 14 de setembro de 2005— recordam a importância deste acontecimento para a vida da Igreja.

Noutro lugar, escrevendo na terceira pessoa, o Fundador do Opus Dei explica o sentido que descobriu nesta passagem do Evangelho:

«[Aquele sacerdote] entendeu claramente que, com o trabalho comum em todas as tarefas do mundo, era necessário reconciliar a terra com Deus, de modo que o profano, mesmo sendo profano, se convertesse em sagrado, em consagrado a Deus, fim último de todas as coisas»[6].

Converter o profano em sagrado “mesmo sendo profano” significa que uma actividade profissional —a medicina, a construção, a hotelaria, etc.— sem alterar a sua natureza e a sua função na sociedade, com a sua autonomia e as suas leis próprias, pode converter-se em oração, em diálogo com Deus, e assim ser santificada; purifica-se e eleva-se. Por isso, afirma S. Josemaria:

«Em bom rigor, não se pode dizer que haja realidades profanas, uma vez que o Verbo se dignou assumir uma natureza humana íntegra e consagrar a terra com a Sua presença e com o trabalho das suas mãos, porque foi desígnio do Pai reconciliar consigo,

pacificando-as pelo sangue da Cruz, todas as coisas, tanto as da terra como as do céu (Col 1, 20)»[7].

Quando fala em pôr o Senhor “nas entranhas” das actividades humanas, o Fundador do Opus Dei indica que essa transformação do profano em santo ou sagrado ocorre no mais íntimo da actividade. Com efeito, a essência dessa transformação é a caridade, o amor sobrenatural, que informa e vivifica inteiramente aquilo que se faz:

«Se nós, os homens, nos decidíssemos a albergar o amor de Deus nos nossos corações! Cristo, Senhor Nosso, foi crucificado e do alto da Cruz redimiu o mundo, restabelecendo a paz entre Deus e os homens. Jesus Cristo recorda a todos: *et ego, si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum* (Jo 12, 32)»[8].

Várias vezes, em vez de dizer “nas entranhas”, S. Josemaria escreve “no cume” ou “no cimo” das actividades humanas:

«Se Me colocardes no cume de todas as actividades da terra, cumprindo o dever de cada instante, dando testemunho de Mim no que parece grande e no que parece pequeno, *omnia traham ad meipsum, tudo atrairei a mim*. O Meu Reino entre vós será uma realidade!»[9]

“No cume” equivale a “nas entranhas”, pois dizer que o amor de Cristo vivifica uma actividade a partir das entranhas é como dizer que a preside do seu cume. Mas a expressão “no cume” ou “no cimo” acrescenta algo mais: indica que nessa actividade se deve ver a Cristo, pois:

*Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte; nem se acende a candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas sim em cima do velador, e assim alumia a todos os que estão em casa. Brilhe a vossa luz diante dos homens de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai que está nos Céus* (Mt 5, 14-16).

Portanto, afirmar que o cristão tem de pôr Cristo no cume do seu trabalho significa que o amor com o qual o realiza tem de se manifestar na relação com os outros, em atitude de entrega e de

serviço. Com naturalidade, deve notar-se a caridade de Cristo na conduta dos seus discípulos, a par da competência profissional.

«Cada cristão deve tornar Cristo presente entre os homens; deve viver de tal modo que à sua volta se perceba o *bonus odor Christi* (II Cor 2, 15), o bom odor de Cristo; deve agir de tal modo que, através das ações do discípulo, se possa descobrir o Rosto do Mestre»[10].

Há também outro sentido para a expressão “pôr Cristo no cume das actividades humanas”, que é consequência do que se disse antes. Quem faz o seu trabalho por amor a Cristo, e para que os homens ao vê-lo glorifiquem a Deus, deve procurar realizá-lo o melhor possível também humanamente, com a maior perfeição de que seja capaz; assim, põe Cristo no cume do seu trabalho. Isso não significa que tenha de ser o melhor nessa tarefa, mas sim que tem de se esforçar por levá-la a cabo com a maior perfeição humana que possa adquirir e pondo em prática as virtudes cristãs impregnadas pelo amor a Deus. Pôr o Senhor no cume do próprio trabalho não quer dizer êxito terreno; é algo que está ao alcance de todos, não só de alguns particularmente dotados; é uma exigência pessoal: cada um tem de pôr Jesus Cristo no cume da sua actividade, ainda que humanamente não se destaque nela.

### **Almas de Eucaristia**

No entanto, o sentido mais profundo deste «pôr Cristo no cume das actividades humanas» é o de unir o trabalho e todas as actividades rectas à Santa Missa, cume da vida da Igreja e do cristão[11]. Aí se encerram os sentidos anteriores, porque unir o trabalho ao sacrifício de Cristo implica realizá-lo por amor e com a maior perfeição humana possível. Então o trabalho torna-se um acto de culto a Deus: santifica-se pela sua união com o Sacrifício do Altar, renovação ou actualização sacramental do sacrifício do Calvário, «converte-se em obra de Deus, *operatio Dei, Opus Dei*»[12]. O sentido tradicional da expressão *Opus Dei* —que designa o ofício

litúrgico— abre-se, nas palavras de S. Josemaria, ao trabalho e a todas as actividades humanas. Essa expansão pede que o cristão seja “alma de Eucaristia” ao longo do seu dia, porque só assim Cristo estará no cume da sua actividade.

«Peçamos, pois, ao Senhor que nos conceda a graça de sermos almas de Eucaristia, que a nossa relação pessoal com Ele se traduza em alegria, em serenidade, em propósitos de justiça. E assim facilitaremos aos outros a tarefa de reconhecerem Cristo, contribuiremos para colocá-l’O no cume de todas as actividades humanas. Cumprir-se-á a promessa de Jesus: *Quando for levantado sobre a terra, tudo atrairei a mim*»[13].

A Eucaristia edifica a Igreja porque reúne num só Corpo aqueles que participam dela: *Uma vez que há um único pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos comungamos do mesmo pão* (I Cor 10, 17). A Eucaristia «é o cumprimento da promessa do primeiro dia da grande semana de Jesus: *Quando Eu for levantado sobre a terra atrairei todos a mim* (Jo 12, 32)»[14]. Chega a entrever-se então o profundo significado que encerra o facto de que a luz recebida por S. Josemaria sobre este texto lhe fosse dada precisamente «enquanto levantava a Hóstia»[15] no momento da consagração na Santa Missa. Quando o cristão une o seu trabalho ao sacrifício do Altar, esse trabalho santificado edifica a Igreja, porque torna presente a força unificadora da Eucaristia; a acção de Cristo que, pelo Espírito Santo, atrai todos os homens e todas as coisas a Si.

O caminho que Deus quis mostrar a S. Josemaria para que Cristo reinasse neste mundo é que cada um pessoalmente procure santificar o seu trabalho, pondo nele a Cruz de Cristo —ou seja, unindo-o ao Sacrifício do Calvário que se actualiza na Eucaristia— a fim de torná-lo fermento de vida cristã no meio do mundo. Um modo pouco vistoso de contribuir para o reinado de Cristo, mas portador da eficácia da promessa divina:

«Se Me puserdes nas entranhas de todas as actividades da terra, cumprindo o dever de cada momento, sendo Meu testemunho naquilo que parece grande e naquilo que parece pequeno... então,



*omnia traham ad meipsum!* O Meu Reino entre vós será uma realidade!»[16]

Pôr Cristo no cume “de todas as actividades humanas” para que Ele reine não significa que o seu reinado será o resultado da influência humana de um grande número de cristãos agindo em todas as profissões. É o Senhor que atrairá a Si todas as coisas, se um punhado de cristãos fiéis, homens e mulheres, procurarem ser autenticamente santos, cada um no seu lugar no meio do mundo. Não é uma questão de proporções humanas. O que S. Josemaria entendeu é que a nós, cristãos, cabe colocar Cristo nas entranhas da nossa actividade —talvez de muito pouco relevo social— e que, se assim fizermos, Ele atrairá todas as coisas a Si; não só aquelas que são efeito do nosso limitado trabalho mas todas e em todo o mundo.

«Estava claro que aquelas palavras relatadas por São João —*et ego si exaltatus fuero a terra, omnia traham a meipsum* (Jo 12, 32) — deviam ser entendidas no sentido de que O levantássemos, como Senhor, ao cume de todas as actividades humanas, que Ele atrairia tudo a Si, ao seu reinado espiritual de amor»[17].

## **Reinado de Cristo e progresso temporal**

Assim como querer que Cristo reine na própria vida inclui buscar a perfeição humana —mediante a prática das virtudes informadas pela caridade— querer também que Cristo reine na sociedade exige buscar o aperfeiçoamento desta: o bem comum temporal, do qual o progresso faz parte. Na realidade, o bem da pessoa e o da sociedade não são meramente paralelos, como se a busca de um pudesse ser independente do outro. O que chamamos bem comum da sociedade é o bem das pessoas que a constituem. E, por sua vez, o bem das pessoas contribui para o bem comum da sociedade, sempre que este último seja entendido de modo integral. As condições da vida social que procuramos melhorar não se reduzem ao desenvolvimento económico e ao bem-estar material, ainda que incluam.

Também são —em sentido qualitativo, não no de urgência temporal em que às vezes a preferência pode ser dos aspectos materiais— a liberdade, a justiça, a moralidade, a paz, a cultura; tudo o que corresponde em primeiro lugar à dignidade da pessoa humana.

A sensibilidade de S. Josemaria em relação a esse tema é muito aguda: «Compreende-se muito bem a impaciência, a angústia, os anseios inquietos daqueles que, com alma naturalmente cristã (Tertuliano, *Apologeticum*, 17), não se resignam perante as situações de injustiça pessoal e social que o coração humano é capaz de criar. Tantos séculos de convivência entre os homens e ainda tanto ódio, tanta destruição, tanto fanatismo acumulado em olhos que não querem ver e em corações que não querem amar. Os bens da terra repartidos entre poucos; os bens da cultura encerrados em cenáculos. E lá fora, fome de pão e de sabedoria; vidas humanas — que são santas, porque vêm de Deus— tratadas como simples coisas, como números de uma estatística. Compreendo e partilho dessa impaciência, levantando os olhos para Cristo, que continua a convidar-nos a pôr em prática o mandamento novo do amor.»[18]

«O progresso rectamente ordenado é bom e Deus assim o quer »[19]. A busca do progresso temporal em ordem ao reinado de Cristo é parte integrante da santificação do trabalho profissional. Porque a santificação do trabalho implica a elevação da própria realidade humana do trabalho à ordem da santidade. «Humanamente o trabalho é fonte de progresso, de civilização e de bem-estar»[20].« »Pela sua natureza, o trabalho humano é «meio imprescindível para o progresso da sociedade e o ordenamento cada vez mais justo das relações entre os homens»[21].« »Quem quiser santificar o trabalho não pode abrir mão dessa realidade. Necessariamente, terá de aspirar ao progresso temporal para ordená-lo para Deus.« Não é admissível pensar que para sermos cristãos seja preciso voltarmos as costas ao mundo, sermos uns derrotistas da natureza humana»[22].

Este progresso não é, no entanto, o fim último sobrenatural nem a antecipação deste, porque nenhum bem terreno pode ser em si mesmo princípio de bens sobrenaturais. Isso não é tirar importância

ao progresso humano. É somente não o idolatrar. A sua busca é um fim subordinado à busca da santidade, ao fim último sobrenatural.

«Quis o Senhor que, com a nossa vocação, manifestemos aquela visão optimista da criação, aquele amor ao mundo que pulsa no cristianismo. O entusiasmo não deve faltar nunca no vosso trabalho nem no vosso empenho por construir a cidade temporal. Ainda que, ao mesmo tempo, como discípulos de Cristo que crucificaram a carne com *as suas paixões e concupiscências* (Gal 5, 24), procurareis manter vivo o sentido do pecado e da reparação generosa, perante os falsos optimismos daqueles que, *inimigos da Cruz de Cristo* (Flp 3, 18), calculam tudo em termos de progresso e energias humanas.»[23]

### **Voltar ao índice**

[1] S. Josemaria Escrivá, *Amigos de Deus*, nº 210.

[2] *Ibidem*.

[3] S. Josemaria Escrivá, *Carta 6-V-1945*.

[4] S. Josemaria Escrivá, *Notas de uma meditação*, 27-X-1963.

[5] A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, volume I, p. 348 e segs.

[6] S. Josemaria Escrivá, *Carta 9-I-1932*, nº 2.

[7] S. Josemaria Escrivá, *Carta*, 6-V-1945, nº 14.

[8] S. Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, nº 183.

[9] *Ibidem*.

[10] *Idem*, nº 105.

[11] Concílio Vaticano II, Constituição dogmática *Lumen gentium*, nº 11; Constituição *Sacrosanctum Concilium*, 4-XII-1963, nº 10.

- [12] S. Josemaria Escrivá, *Temas Actuais do Cristianismo*, nº 10.
- [13] S. Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, nº 156.
- [14] Joseph Ratzinger, *La Iglesia, una comunidad siempre en camino*, Madrid, 1991, pág. 125.
- [15] S. Josemaria Escrivá, *Carta 29-XII-1947/14-II-1966*, nº 89.
- [16] S. Josemaria Escrivá, *Notas de uma meditação*, 27-X-1963.
- [17] S. Josemaria Escrivá, *Carta 14-II-1944*, nº 19.
- [18] S. Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, nº 111.
- [19] *Idem*, nº 123.
- [20] S. Josemaria Escrivá, *Carta 31-V-1954*, nº 17.
- [21] S. Josemaria Escrivá, *Temas Actuais do Cristianismo*, nº 10.
- [22] S. Josemaria Escrivá, *Cristo que passa*, nº 125.
- [23] S. Josemaria Escrivá, *Carta 9-I-1959*, nº 19.

## **SOBRE**

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2022

**[www.opusdei.pt](http://www.opusdei.pt)**

**Consulte a lista completa de ebooks gratuitos**